FON
FON
ANNO XXIII — N.º 21
Rio, 25 de Maio de 1929
Preço: 1$000

DESANIMO CONTAGIOSO

O desanimo é contagioso. Deve-se, por isso, distanciar-se sempre, das caras desalentadas, dos individuos que, molengos e sem vontade, vivem se encostando até na sombra dos outros. Levantam-se da cama como se não tivessem dormido e da mesa como se não tivessem comido. Nem mesmo um bello dia de sol os faz encarar a vida com um pouco mais de energia. Sempre ennublados, vivem abatidos e desalentados, com o aspecto de "cafeteiras" amassadas. Trata-se, geralmente, de individuos victimas de perturbações digestivas e desfalcados em saes de calcio. Basta regularisarem a alimentação e fazerem uso da deliciosa Candiolina Bayer, (dois tabletes por dia), para se sentirem revigorados, livrando-se, completamente, do desanimo que os acabrunha e contamina os outros... até por acção de presença!

ESMERILHANDO VALVULAS

Os motoristas preoccupam-se com toda razão de mandar esmerilhar, de vez em quando, as valvulas do automovel. Alguns aproveitam o dia de folga para fazer o mesmo com o seu proprio motor, tomando um laxativo que lhes refresca os intestinos. Identico cuidado periodico deviam merecer as vias urinarias, por onde são eliminados muitos residuos do organismo. Com o uso dos comprimidos Bayer de Helmitol que, dissolvidos em agua com assucar, se transformam em deliciosa limonada, lavam-se os rins e bexiga, eliminando os uratos nelles contidos. Deste modo estes orgãos ficam em melhores condições de trabalho, como acontece com as valvulas depois de esmerilhadas.

O Helmitol é um insuperavel medicamento contra cystites, pyelites, inflammações da urethra e como prophylactico contra varias doenças infecciosas.

O conto brasileiro

Allucinação

De
Oscar Mafra Magalhães

I

COM esforço visivel, poude abrir um dos olhos, o que não estava inflammado, circumvagando-o pelos vestidos, depois pelas physionomias amigas. Era como se emergisse de um immenso lethargo, de uma profundidade submarina de onde não se visse ninguem.

Tomando-lhe, com desespero mudo, as mãos sujas de sangue, estava a mãe delle fitando-o inquieta. Interrogava-o sobre muitas coisas ao mesmo tempo, sem querer comprehender a impossibilidade que elle tinha de responder a tantas perguntas simultaneas, tendo no seu rosto materno dois fios de lagrimas constantes.

Insensivelmente volvi os meus olhos para ella, comprehendendo-a na sua amargura, já agora silenciosa, deante do filho agonizante.

Como se déra tudo aquillo?

Lembrava-se da noticia do jornal que não pudéra ler e de Viriato, seu irmão, perturbado a repetir quasi de memoria para ella a noticia fatal. E viera como uma louca para vel-o no hospital; e elle ali estava, insensivel e immovel, ha tantas horas, desacordado desde a vespera.

Fôra apanhado inerte e trazido para a enfermaria commum.

Tinha vindo acompanhando Anita, uma formosa cabeça e um coração immenso de ternura de rio-grandense do sul. Ella era intima da familia. E, discretamente afastada, recompunha em silencio, na imaginação ardente, aquella tragedia que ia sabendo aos pedaços, do moço immovel sobre o leito, com o fio de sangue escorrendo da fronte.

Soffria aquella demora que houvera em soccorrel-o, quando tudo era ainda curiosidade e confusão na semiluz da enfermaria.

Houve, então, uma scena tocante tocante pela sua espontaneidade, num soberbo e desinteressado lance de solidariedade no infortunio. Aquelle coração de mãe se alliviava, tocado pela attitude bôa daquelle aleijado internado tambem no hospital, que se aproximára do

O Commentario

NÃO faz muito tempo, uma correspondencia do sul do paiz estampada em um dos nossos matutinos declarava que fermentavam no Rio Grande resquicios do velho separatismo de outros tempos. Custa a crêr que isso seja verdade. Não se comprehende que alguem, podendo ser filho dum immenso paiz, deseje se transformar em cidadão duma republiqueta genero America Central. Em fim, é possivel...

Outróra, alli se guerreou durante dez annos por um ideal republicano informe e prematuro. Mas, afinal, havia esse ideal e a nação era monarchica. Hoje, já nem esse motivo perdura mais e o Rio Grande parece que não tem motivos de queixas da Federação.

Queixas serias e fundadas têm os Estados do Nordeste e da Amazonia. Resignados comtudo com sua sorte infeliz, elles não alimentam taes pruridos e haveria perigo si os alimentassem, porque a região das hevéas attrae presentemente a cupidez yankee...

Não. A correspondencia em questão não deve, não pode ser verdadeira. O Rio Grande já deu tanto sangue ao Brasil, está ligado á patria pelos laços constituidos ao calor das fogueiras dos acampamentos no Paraguay de tal forma, que elle jamais saberá mentir ao heroico destino que lhe é assignalado pelas fatalidades da historia e da geographia de nossa sentinella ante o adversario tradicional.

leito, pegando na mão do filho abandonado, partilhando a desgraça do desconhecido, sem olhar mais ninguem, com uma clarividencia e uma ternura que só possuem os infelizes.

O moço, mal abrira os olhos, atordoado, e lhe pedira agua, na perturbação da febre que o queimava, e a agua lhe viera das mãos delle, ao mesmo tempo que o conforto, esse conforto que se pede de vez tremula, na hora da morte. Depois disso, elle se immobilizou, tranquillo, sem sentir quasi os curativos, até que ella o chamou.

Mil vezes aquella mãe se reclinára, afflicta, sobre elle, procurando acordal-o, e mil vezes reerguêra com desalento a cabeça, sem vel-o se agitar. Já o dia era claro e bello e os rumores diurnos cresciam em torno do quarto particular do hospital, para onde fôra transferido. Já o sol accentuava com restea furtiva a sua pallidez de marmore, e, no emtanto, nada de se mover!

Foi a uma nova injecção que, com esforço visivel, poude abrir um dos olhos deante da mudez perplexa de todos, menos da enfermeiro, cuja physionomia era irresoluta e alvar.

Primeiro, quiz fugir daquelle pesadelo pela janela aberta da vida que lhe voltava nesse olhar. Porém a cabeça doeu-lhe mais forte, a vista se lhe turvou, e elle cahiu outra vez no leito, com um gemido cavo, mas só por um instante. Quando de novo fitou sua mãe, teve um sorriso desfigurado e curto, tal se os dois pensamentos se encontrassem, como os olhos, no mesmo ponto doloroso. E assim ficaram sem falar, longo tempo se apertando cada vez mais, ella agora debruçada sobre elle, numa caricia sincera e simples, como outrora quando era pequenino.

II

FECHADA comsigo mesmo, porém, a mãe delle, assistindo, incansavel, ao seu restabelecimento vagaroso, ia reanimando na memoria o seu passado fugitivo. Via a sua

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

casa de outrora, onde elle nascêra, e o marido tão meigo que ha tanto tempo era morto.

Então, tudo era differente. Seu filho nascêra feliz e crescera extremecido até o dia em que o marido lhe morreu. Foi um golpe tremendo, de abandono e de miseria. Com o vazio do coração, as necessidades cresceram, impiedosas e brutaes. E dahi em deante se convenceu, justificando a queda irremissivel, que teria de ser assim mesmo para viver, sobretudo por amor de seu filho.

No coração, muitas vezes, os sentimentos inconfessaveis se desenvolvem, soberanos, sem muralha que os detenha. Mas quando a razão os avalia e julga, então é força encontrar a justificação de um filho cheio de fome, para attender á sensibilidade, pois, apesar de tudo, ha sempre em todos nós qualquer coisa que permanece tão pura e intangivel como nunca.

Deante della e do filho, todavia, um sentimento de pudor foi crescendo cada dia e cada dia os separando mais, sem que avaliassem quanto custava a seu filho o seu amor desinteressado e permanente.

Satisfazendo-lhe os caprichos da adolescencia arrebatada e sempre o afastando de si, pensava ella que era o sufficiente para o manter com decencia e com dignidade, feliz até crescer. Eis todo o mal.

Longe dos seus olhos, o filho se educou mal, evitando a escola e tornando-se hostil, como todos os ignorantes. Foi então para elle uma existencia ociosa e turbulenta, pomo de discordia que se tornára na casa dos tios, onde morava, levando a vida pelos cafés e pelos pequenos clubs de football, só procurando a mãe para pedir dinheiro e só indo á casa para dormir.

Era assim que ella meditava agora na cabeceira do leito, relembrando nesse amargurado exame de consciencia tudo o que fizera por elle, que era, afinal, o seu unico affecto constante e verdadeiro na vida. Sempre tão solicita para elle, satisfazendo-lhe todos os desejos, não podia comprehender, muito menos acceitar essas raizes obscuras que ligaram as suas intenções tão bôas com a realidade atroz.

Como poderia ser o mundo assim implacavel! — pensava. Pois seu filho queria morrer pelas proprias mãos, com dezoito annos! Era de mais! Esse castigo, ella não o merecia. Nunca se esquecêra delle, nunca o deixára de amar um instante só. Como podia, pois, acreditar que deante do mar rumoroso, invisivel, espumando na escuridão, elle fizesse aquillo?

Já agora a sua imaginação se detinha a revel-o no logar onde o encontraram, minudencia conhecida por ultimo. E parecia senti-o ainda de bruços na areia, com a pistola esquecida na mão.

— : —

III

No fim da adolescencia, ha um instante em que a imaginação vertiginosa se desgarra de tudo o que ha de bom na existencia, a curiosidade se extingue de subito e os desejos todos se amortecem num crepusculo da illusão. Dahi em deante, tem de haver um renascimento vagaroso, um trabalho audaz de desobstrucção sentimental, que repõe o antigo adolescente no caminho perturbador da juventude.

Antes, porém, que essa tarefa se conclua, que essa elaboração chegue a termo, sabe Deus quanto custa.

Quando Lucio, o quasi suicida, começou a comprehender a vida, já ella durava ha muito assim fatigante, e elle começava a se torturar com o trato hostil dos parentes, ignorando que tudo era a consequencia dos seus actos irreflectidos.

Geralmente, as relações de amizade são sustentadas por um esforço individual e constante, e não menos por alguma coisa de desdem. E' preciso que não se necessite em absoluto dos outros e que se tenha com elles as attenções mais exaggeradas, para se lhes conquistar a sympathia. Do contrario, ha de acontecer como com Lucio, que não estava ainda na idade de comprehender bem esse phenomeno psychologico.

Seu aborrecimento se accentuava numa onda amarga contra todos, porque ouvia, quando os enfrentava, uma interjeição humilhante ou uma palavra intencional que desnudava toda a historia infeliz de sua mãe. Fôra assim que a havia desvendado toda, soffrendo acerbamente, e fôra assim que a sua vida esfolhára, uma a uma, todas as illusões.

Pode parecer a muitos inverosimil toda essa complicação sentimental num adolescente. Todavia, nessa idade é que os motivos serios, os graves problemas de philosophia se enunciam, desafiando a intrinseca interpretação. Depois, os instinctos apagarão esses indicios humanos por excellencia, reduzindo-nos á contingencia animal das demais especies.

Na ultima desintelligencia com os parentes, quiz se desadjungir delles, abandonando a casa dos tios para não mais voltar.

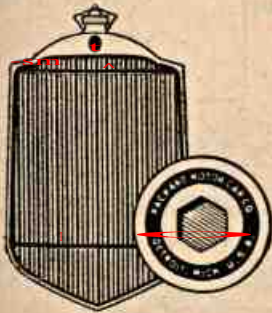
Se pudesse, fulminaria todas aquellas almas impiedosas, todas aquellas boccas aggressivas que só se abriam para o insultar no que tinha de mais caro na sua vida: sua mãe.

Fôra naquelle mesmo dia tragico pela ultima vez á casa da mãe, amargurado, para talvez, se pudesse, lhe contar tudo com os olhos rasos dagua e lhe pedir que o deixasse ficar junto della, apesar de tudo.

No fim da tarde, quando subiu a escada da pensão, da qual sua mãe era dona, a viu entre outras mulheres, todas formosas, e muitos homens, como numa festa. A distancia percorrida, contrariou-o esse rumor imprevisto da casa. Desconcertou-o e elle, com algum dinheiro que a mãe lhe dera apressadamente, por vel-o chegar em occasião tão impropria, sahiu sem quasi nada dizer. Ella nem tomara a serio o pouco que em voz baixa lhe dissera, desorientado, como acontece aos que se não sabem queixar.

Foi na rua, caminhando ao acaso, que de novo revolveu toda a taça de amargura do seu estado, o qual, aos seus olhos de adolescente, parecia irremediavel. Então aquella idéa sinistra irrompeu como fogo: "Mato-me!"

Muniu-se da arma, allucinado, e andou ao acaso nos bondes, até a praia. Pelo caminho, tinha-se distrahido, contra vontade. Na barca u'a moça sentou-se a seu lado e fez voltar a cabeça para ella, mais de uma vez.

Na solidão nocturna da praia, porém, vendo as luzes do Rio, que tremiam ao longe, como uma lamina de espada esquecida no chão, uma onda de desgosto marejou-lhe os olhos. Então arrancou a pistola com desespero, apontou para o ouvido e detonou...

TODA a obra de real valor jamais deixará de ser reconhecida. Nada falla tão alto da superioridade do Packard como a sua consagração universal e o numero immenso de seus admiradores.

E' natural que essa supremacia motive emolação. Tão infundada é, entretanto, essa tendencia, que não pode deixar de ser despresada.

A orientação provisora da Packard permittiu-lhe construir um carro de estylo inalteravel, que continua sem rival, sendo, por isso, o automovel preferido pelos verdadeiros entendidos.

P A C K A R D

Distribuidores:

COMPANHIA COMMERCIAL E MARITIMA

AUTO GERAL

Rua Benedictinos, 1 a 7 — Rio de Janeiro

A INVOCAÇÃO

CONTO FANTASTICO

Flavia Richardson

CHESTER Warren atravessou o aposento em direcção á janella, levantou a veneziana e olhou o jardim durante alguns instantes.

A noite era de tormenta e, apenas, de quando em quando, assomava por entre as nuvens o disco de uma lua enfermiça.

A vista destes detalhes, que a outra teria feito franzir o sobrecenho, a Chester Warren fez esfregar as mãos de satisfação. O estado de extrema desolação em que se encontrava o jardim agradava-lhe muito mais do que se nelle brotassem as mais frondosas e delicadas plantas. Dentro do aposento respirava-se um ambiente de bem estar que contrastava extraordinariamente com o exterior.

Em frente ao fogo havia um grande sofá com commodas almofadas, e varias lampadas electricas, protegidas por vidros polidos, espalhavam uma claridade tenue e agradavel sobre o conjuncto.

Ao voltar-se Chester e tornar ao centro do aposento, uma joven que se encontrava negligentemente estendida sobre uma pelle de urso, junto á chaminé, endireitou-se e perguntou, com uma formosa voz que formava estranho contraste com o seu corpozinho fragil e nervoso:

— Que tal está o tempo?

— Excellente; não poderia estar melhor — respondeu elle.

A joven mudou de posição e olhou seu interlocutor com maior intensidade. Em seus olhos havia uma expressão que se poderia interpretar como de temor, emquanto os labios sorriam de uma maneira estranha.

— Queres dizer com isso que a prova será esta noite? — interrogou, de novo, com certa vacillação.

— Certamente.

E emquanto respondia, Chester sentou-se no sofá, accommodando-se entre as almofadas. Todos os seus movimentos tinham alguma cousa de felino, e muitos, ao verem-no, teriam a impressão de estar deante de um colossal gato persa que, em virtude de algum poderoso sortilegio, trocasse sua forma primitiva e natural pela apparencia e figura humanas. Ao tomar logar deante da chaminé, o fogo illuminou-lhe em cheio a fronte alta e as orelhas ponteagudas, e ao ficar de novo na penumbra, por haver-se apagado o tronco que lançara a chamma fugitiva, Estella seria capaz de jurar ter deante de si não um homem, mas um fauno, um satyro escapado dos bosques que rodeavam o jardim.

Mais de uma vez experimentara a joven identica impressão, impressão essa que a enchera de espanto. No emtanto, aquelle homem lhe dera a sua palavra de casamento e, agora, estava compromettida com elle. Como tal se dera? Diziam que Chester submettera a vontade da moça, valendo-se de artes magicas, e estas mesmas pessoas ajuntavam que quem estivesse em sua companhia, passadas as primeiras horas da noite, corria serio perigo de cahir nas garras dos poderes infernaes, e não poucos asseguravam que naquella luxuosa casa em que se encontravam, situada a trinta milhas de Londres, occorriam cousas estranhas, capazes de eriçar os cabellos do homem mais audacioso. Mas tanto Warren como a noiva faziam ouvidos moucos a taes rumores, se bem que a joven não soubesse explicar de uma maneira satisfactoria o por que da fascinação que sobre ella exercia aquelle esquisito personagem. O mero facto de encontrar-se áquellas horas da noite a sós com elle naquella casa, pois toda a criadagem sahira com licença e não voltaria senão no dia seguinte, era uma prova bastante eloquente da influencia que sobre ella exercia semelhante homem. Apezar de, em circumstancias normaes, a joven ser muito cuidadosa em seu proceder, acceitara naquella noite, sem fazer objecção ao convite feito por Chester, para ir a sua casa presenciar "alguma cousa" que prenderia fortemente a sua attenção. Expressara-se assim o rapaz:

— Teremos que esperar um pouco mais — disse elle, depois de uma pausa, e olhando o relogio emquanto falava. — Só se não estiverem dispostos.

Estella estremeceu ao ouvir estas palavras.

— Quem? — perguntou ella.

— Os espiritos nocturnos — respondeu o joven, com um acento de impaciencia.

Lá fóra, a tormenta augmentava de intensidade, e do interior da casa podia-se ouvir claramente o ruido do vento agitando com força as arvores e os arbustos do jardim.

De repente reboou um trovão espantoso, que fez estremecer Estella da cabeça aos pés. A moça lançou um grito e Chester correu á janella.

— Foi um raio que cahiu no olmo junto ao portão — disse tranquillamente, emquanto voltava a sentar-se no sofá. — Pensei que fosse na casa.

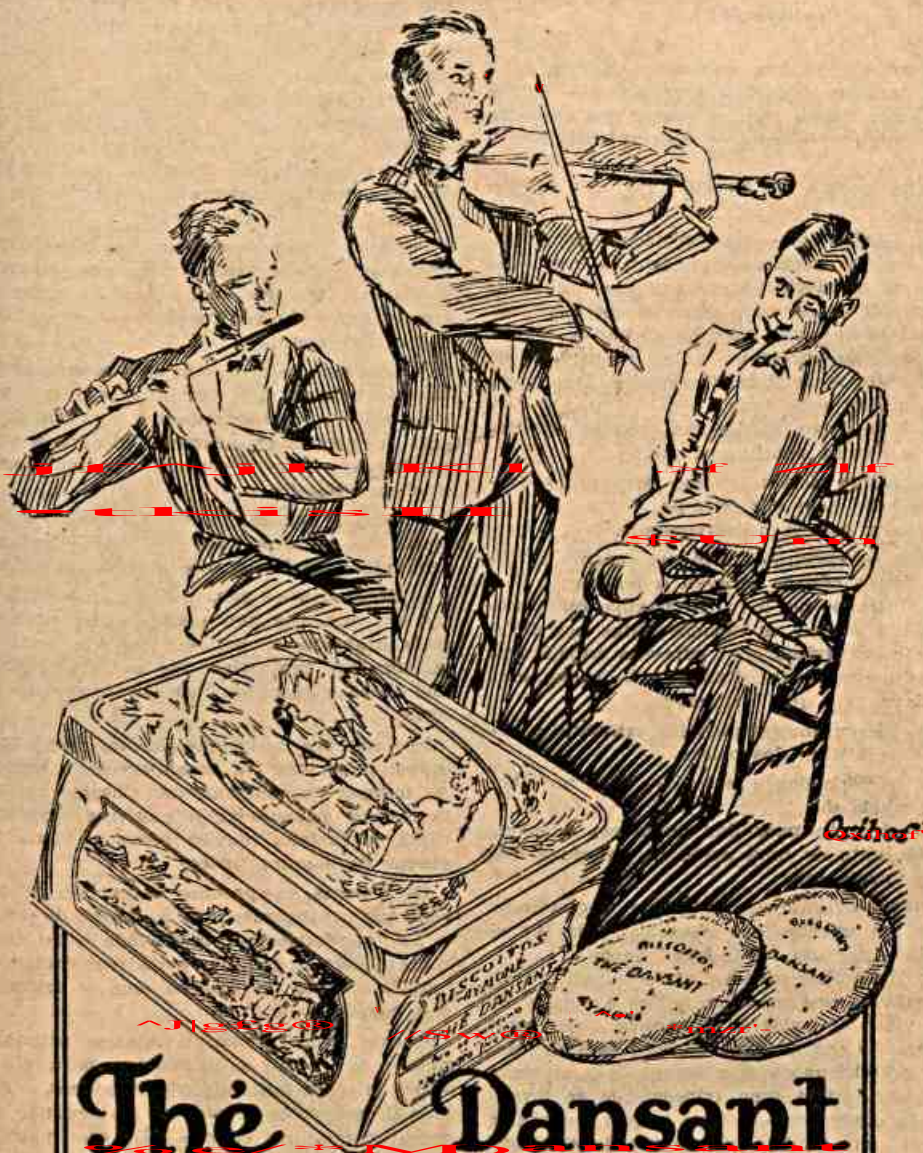
Permaneceu durante uns minutos sentado, contemplando attentamente as longas unhas, cuidadosamente tratadas. Olhava, de quando em quando, o relogio. Não podia dissimular a impaciencia que o dominava.

Estella, por seu lado, estava cada vez mais nervosa e já começava a lamentar ter vindo em noite semelhante. Quando elle lhe pediu que viesse, disse-lhe que se tratava de realizar uma grande experiencia, e ella havia accedido, sem experimentar outro sentimento que o da curiosidade. Mas o que até ali imaginara uma prova sem importancia, transformara-se, por causa do largo espaço de tempo, em alguma cousa que a enchia de terror.

Afinal, o relogio de parede que adornava o aposento deu a badalada das onze e meia, rompendo o silencio interior com seu som familiar. No emtanto, por inesperada, fez estremecer Estella sobre a pelle de urso, onde ainda se encontrava.

Chester riu-se ao notal-o. "Não ha razão para medo" — disse. E sua voz era aspera e fria. "Você prometteu ajudar-me para levar a cabo a experiencia desta noite e não estou disposto a prescindir do seu auxilio."

Levantou-se ao começar a falar e empurrou o sofá para junto da parede. Estella poz-se tambem de pé e ajudou-o a enrolar a pelle de urso. Os tapetes que cobriam o chão encerado foram levantados tambem e postos num canto. Feito isto, Chester dirigiu-se a um movel e, abrindo uma de suas gavetas, tirou della um pedaço de giz, com o qual traçou varias circumferencias no chão.

Tres circulos concentricos com grandes espaços entre si, subdivididos depois em pequenas secções.

BISCOITOS AYMORÉ THÉ DANSANT
Thé Dansant
é o biscoito fino e saboroso mais indicado para a hora do chá.
BISCOITOS
AYMORÉ
SECC. PROD. MOINHO INGLEZ J. P.

A INVOCAÇÃO

(Continuação)

— Isto é o começo — falou, emquanto Estella contemplava attentamente aquellas operações. — Agora vamos encher estes vazios com os nomes dos anjos do dia e da hora em que falamos, e dos espiritos protectores do logar.

Ao falar assim, tomara um livro da gaveta e folheava-o febrilmente.

— Esta noite — ajuntou — toda protecção será pouca. E' a noite mais propicia do anno para a invocação dos espiritos, e se me decido a chamar sua majestade satanica, tratarei de correr os mesmos riscos possiveis. Escuta o vento. Ouves como ruge ao chocar-se de encontro ás arvores, ao abater-se contra as paredes da casa? E' uma noite esplendida. O espirito das trevas já se encontra muito perto daqui.

Emquanto falava deste modo, sua voz se elevara gradualmente, e Estella sentiu um calafrio.

— Não seria melhor deixar.... isso para outra noite? — implorou ella, com voz tremula.

Chester moveu a cabeça negativamente.

— E' esta noite — exclamou, com um accento tal de decisão que a joven não se atreveu a insistir.

Havendo encontrado no livro a pagina que procurava, começou a encher os espaços feitos nos differentes circulos concentricos com palavras cabalisticas que copiava minuciosamente. Estella não pronunciou uma unica palavra até que terminasse.

— E agora? — perguntou, quando elle ergueu e guardou o pedaço de giz num dos bolsos.

— O incenso — respondeu Chester. — Está no laboratorio. Vem e ajuda-me.

E collocou-se de lado para dar passagem á joven. Precedeu-a até junto de uma porta na galeria e que foi aberta com uma chave.

O quarto onde entraram era pequeno e quadrado, illuminado por um grande foco electrico, cuja luz se encontrava velada por um "abat-jour" verde.

Ao longo de duas das paredes via-se uma grande mesa corrida coberta com retortas, boiões e outros mil recipientes de vidro de todos os tamanhos e das mais variadas formas. As outras duas paredes estavam encobertas pelas prateleiras de uma estante que chegava até quasi ao tecto. Sobre uma tripeça que se levantava no meio do quarto, via-se uma pequena chamma que fazia ferver uma vazilha cujo conteúdo exhalava um cheiro esquisito e nauseabundo.

Ao vencer o umbral da porta, Estella retrocedeu instinctivamente, levando a mão ao nariz. Chester, então, dirigiu-se ao logar onde fervia a mysteriosa vazilha, lançou dentro umas gotas de certo liquido contido num pequeno frasco que tirara de uma das prateleiras. Um aroma delicioso encheu, então, o recinto. Estella respirou ansiosamente o odor reconfortante e agradavel.

— Não esteve você aqui anteriormente? — perguntou Chester á moça. — Não é de estranhar — ajuntou, a osignal negativo que ella lhe fez com a cabeça. — Sempre tenho a porta fechada. Cousas bem esquisitas se têm visto e ouvido neste laboratorio!

A joven sentiu novamente calafrios e correrem-lhe pelo corpo.

— Não me sinto bem aqui — disse com voz dolente. — Por que não voltamos para a sala?

— Agora mesmo — respondeu Chester. — Tenho que levar algumas cousas necessarias, entre ellas a minha varinha magica. Eil-a — proseguiu, tirando de uma gaveta e mostrando-a á joven. — Linda, não é? Custou-me muito fazel-a e communicar-lhe o poder que possue. Preciso della esta noite.

Estella ia-se retirando devagarinho para a sala. O laboratorio tornava-se cada vez mais terrivel á proporção que transcorriam os segundos. Estava certa de que se encontrava cheio de cousas e de seres capazes de produzir-lhe pavor; de espiritos e de fantasmas, de olhos que a olhavam e de mãos invisiveis que se estendiam para ella.

Chester sorriu diabolicamente ao notar o terror que se apoderara da joven, e, apanhando varios objectos estranhos, retirados de algumas gavetas, dirigiu-se novamente para a sala, levando com grande cuidado a vazinha que fervia sobre uma tripeça. Seguiu-o Estella tremendo como varas verdes.

— Agora podemos começar — disse elle. — Estella, vem commigo e fica a meu lado no ultimo circulo. Qualquer cousa que acontecer, não grites nem te afastes de mim; do contrario, não respondo pelo que se poderá dar comtigo.

Branca como a cera, mas sem se atrever a desobedecer áquelle homem, que dominava em sua absoluta vontade, a joven submetteu-se á sua ordem. Chester deu então começo ás invocações, agitando a varinha e pronunciando palavras estranhas num idioma desconhecido para Estella.

O tom da voz de Chester foi-se elevando successivamente até que, por fim, deixou de agitar a varinha, reinando silencio durante alguns segundos.

— Fracassou — pensou Estella. — E já ia manifestar em voz alta seu pensamento, quando no circulo mais afastado e, por conseguinte, maior, conseguiu ver um ser fantastico que os olhava fixamente com uns olhos capazes de infundir terror ao espirito mais firme.

Mas não era isto o que Chester desejava, e com uma ordem imperiosa fez desapparecer a espantosa figura. As invocações continuaram. Chester agitava-se freneticamente, pronunciando palavras mysteriosas e movendo a varinha magica como se fosse presa de um ataque de loucura furiosa.

De repente, o aposento se encheu de estranhos seres, que avançaram até o limite do terceiro circulo e ahi se detiveram, mostrando suas formas apavorantes. Estella deu um grito penetrante e cahiu desmaiada ao lado de Warren, sem se soltar, no emtanto, das roupas delle.

Chester, sem prestar a minima attenção á companheira, viu como se adeantava para elle aquelle enxame de seres fantasticos e diabolicos, e nem um musculo de seu rosto se moveu. No segundo circulo appareceu, então, um enorme cão, que começou a ladrar furiosamente, augmentando o horror da scena indescriptivel.

Durou isto uns segundos somente. Repentinamente fez-se um silencio absoluto. Uma rajada de vento [illegible] lado varreu o aposento e houve assim como que uma espectativa solenne, como se se aproximasse o instante da chegada de um ser supremo, deante do qual nada eram todos os que alli se encontravam.

Chester o sentiu aproximar-se e com toda a força de vontade firmou-se em seu proposito. Tinha-o chamado e estava resolvido a ser seu senhor. Longos annos de estudo haviam-no levado até aquelle ponto e não era possivel retroceder agora. Dominando-o, o mundo seria seu.

Chester permaneceu immovel, preparado para o que pudesse acontecer. As formas fantasticas que até aquelle momento haviam enchido o aposento, haviam-se desvanecido no ar. Chester, no emtanto, estava certo de que elle e Estella não se encontravam sós. Alguma cousa se ia aproximando; alguma cousa começava a materializar-se.

Fazendo um esforço para ver melhor, fixou a vista num ponto onde a obscuridade era mais densa e, pouco a pouco, viu que as sombras iam tomando forma. E esta crescia e fazia-se cada vez mais nitida

Berta Singerman
ARTE SUBLIME...

EXCLUSIVIDADE "ODEON"

Discos «VEROTON» de 25 cm. — Preço, 14$000

3052 — BAMBU' - BAMBU' — Motivo popular brasileiro; CAPRICHO — Alfonsina Storni.

3053 — SOLDADITO DE PLOMO — Tristan Klingsor; IN EXTREMIS — Olavo Bilac (Trad. O. Z. de Dublee).

3061 — ALEGRIA DEL MAR — Carlos Sabat Ercasty; LOS SIRGADORES DEL VOLGA — Motivo popular russo.

3062 — CANCIÓN DE PRIMAVERA — Pablo Piferrer; CANCIÓN ANTIGUA HEBREA — Trad. Diez Cepeda.

Discos «VEROTON» de 30 cm. — Preço, 16$000

5063 — MARCHA TRIUNFAL — Ruben Dario; EL CANTO DE LA ANGUSTIA — Leopoldo Lugones.

5065 — LAS CAMPANAS — Edgard A. Poe — Trad. Torres: a) Oro, plata, bronce; b) Hierro.

CASA EDISON
R. 7 SETEMBRO 90
R. OUVIDOR 135
RIO DE JANEIRO

CASA ODEON LTDA
RUA SÃO BENTO, 54
SÃO PAULO

Não esperem até que o peçam!

O môlho de Lea & Perrins é indispensavel. Não tem igual — não ha competidor algum que seja capaz de produzir um môlho de sabor de picante comparavel. O sabor de carnes quentes ou frias, peixe, saladas ou queijo fica admiravelmente realçado mediante umas gôtas deste antigo e delicioso môlho inglez. Não deve haver esquecimento em pôl-o sempre na meza.

Môlho LEA & PERRINS'

A INVOCAÇÃO

(Concluido)

tomando proporções definidas. No centro da sombra começou a desenhar-se uma figura com as côres negra e dourada, com uns olhos que brilhavam como carvões incandescentes.

— Satanaz! — gritou Chester, agitando a varinha magica.

A figura avançou até a borda do circulo exterior e estendeu uma das mãos que tinha o brilho do ouro a ferver num crisol.

De repente, Chester sentiu medo; e era um terror panico. — Quem era elle — pensou— para exigir tributo ao rei das trevas? — A figura se ia tornando cada vez maior. Elle estava a salvo, dentro do terceiro circulo, com os signaes magicos aos pés, mas estes só teriam poder emquanto permanecesse dono de si mesmo e de suas emoções.

Dominado pelo terror, estendeu ambas as mãos: numa, tinha a varinha magica e na outra o pentagono sagrado. A' vista disso, a forma espantosa retrocedeu um passo, emquanto as sombras que a radeavam se faziam mais densas e diminuiam de intensidade os ruidos infernaes que enciam a habitação.

Inclinando-se para a frente, Chester estirou o braço cuja mão segurava o pentagono, e de novo a figura retrocedeu outro passo, se bem que os ruidos augmentassem como se o inferno se inflammasse de odio ao ver desafiado seu rei e senhor.

O recinto se havia enchido, entretanto, de um fumo subtil que se foi apoderando lentamente dos sentidos de Chester, produzindo-lhe uma especie de lethargo invencivel. Lutou para dominar-se, sabendo que a menor fraqueza de sua parte significaria a destruição completa do seu ser. Os ruidos duplicaram de furor e pareceu-lhe que entre elles se misturava uma nota triumphal de rancorosa alegria. Assaltado por enorme lassidão, vacillou, afinal, e deixou cahir o pentagono.

* * *

No dia seguinte, ao voltarem os criados, encontraram a casa aberta; mas a sala estava fechada á chave, e quando deram volta pelo jardim e penetraram nella, saltando pela janella, viram que a herva junto estava queimada e preta como carvão.

Dentro do aposento, e em meio de tres circulos feitos com giz, estava o corpo de Chester Warren reduzido a cinzas, como se sobre elle houvera cahido um raio.

Num dos angulos da sala, e por detraz do sofá, havia uma joven com o cabello todo branco, a tremer, presa de fortes convulsões, e falando cousas taes que faziam estremecer de horror todos aquelles que a ouviam.

O que nem todos sabem

Os gostos gastronomicos da mulher mudam com a idade, segundo affirma um medico estrangeiro.

Antes dos vinte annos — accrescenta — ella aprecia o champagne, os gelados, as guloseimas.

Quando anda perto dos trinta, manifesta sua predilecção pelas ostras, pelos caranguejos, pelo *foie-gras*, pelo vinho tinto, pelo café e os cigarros.

A mulher de menos de quarenta annos, e de mais de trinta, gosta da perdiz, das fructas, e se abstém do pão e dos dôces, afim de se conservar esbelta. Mas aos cincoenta annos procura recobrar o perdido, e as senhoras que passaram dessa idade não fazem melindres deante de uma mesa bem servida. E têm muitissima razão — conclúe o alludido doutor.

•

O presidente Hoover, que ha pouco nos visitou, é um amante da pesca e aproveita suas férias para se dedicar a seu *sport* favorito. Seu enthusiasmo leva-o a metter-se na agua e esperar, philosophicamente, que o peixe caia victima de seu anzol.

•

Dizia Platão que no nome ha "uma especie de fatalidade irresistivel que se reflecte nos acontecimentos da vida". Si considerarmos o prenome Carlos notaremos que, com excepção de Carlos Magno e de Carlos V, todos os reis de França que tiveram esse nome foram desventurados ou acabaram tristemente.

Carlos II, o Calvo, morreu envenenado. Carlos III, o Gordo, foi deposto e estrangulado. Carlos, o Simples, morreu prisioneiro. Carlos IV, o Bello, falleceu aos 24 annos. Carlos VI enlouqueceu. Carlos VII deixou-se succumbir á fome; Carlos VIII morreu victima de uma pancada na cabeça, em Amboise. Carlos IX falleceu tuberculoso e torturado pelos remorsos. Carlos X (o ultimo rei francez desse nome) foi exilado.

E, se levarmos em conta outros paizes, notaremos que: Carlos I, rei da Inglaterra, foi decapitado; Carlos II acabou os seus dias na extrema miseria; Carlos Eduardo Stuart teve uma existencia dolorosa; Carlos V se retirou para um mosteiro; Carlos de Bourbon se viu encerrado no castello de Fontenay-le-Comte; Carlos de Montpensier foi morto num assedio; Carlos, o Temerario, cahiu mortalmente ferido junto a Nancy, onde os lobos o devoraram; Carlos de Blois foi decapitado; Carlos, o Mau, queimado vivo." E a lista não está, certamente, completa.

•

Em uma das grandes fabricas de Chicago, onde trabalham quatro mil pessôas, se encontram representantes de vinte e quatro nações differentes e os regulamentos estão impressos em oito linguas.

SIMONE (S. Paulo) — A sua graphia soffreu grande modificação — para peor.

LAMPADA BRUXOLEANTE (?) — A sua consulta deve ser dirigida a um medico. Que pode fazer uma enferma nas suas horas de repouso?

De ler — está farta. De outras distracções — dirá o mesmo. Que poderá fazer, para encher as suas horas vazias? Si ainda não tem um affecto, que o consiga... em doses prescriptas pelo seu medico...

YANKEE (S. Paulo) — Não sou graphologo, caro senhor.

JOANINHA (S. Paulo) — Oh. D. Joaninha, V. Ex. não necessita de exames graphologicos. Basta que lhe diga que é muito intelligente e, sobretudo, muito bôazinha... Só não é boazinha quando investe contra a grammatica, que nunca lhe fez mal de especie alguma.

Quer uma prova? Eil-a, mademoiselle:

Caro *Yves* — Escrevo-lhe esta cartinha, pois curiosa, como todas as mulheres, desejava que fizesse o Estado Graphologico. Talvez seje, muita pretenção de minha parte, mas, esperando essa gentileza de sua parte, encontrará em mim, uma pequena e modesta admiradora.

Desde já, eternamente grata de todo o coração. — *Joaninha*"

Fique certa de que V. Ex. é tão bôazinha que entrará no reino do céo.

Pois Christo não disse:

"Bemaventurados os pobres do espirito porque delles é o reino do céo?"

MARIA (Bahia) — Tenha paciencia, mas esta secção não é de graphologia, é literaria.

MARION (Minas) — A sua carta é muito captivante. E eu me sinto muito lisonjeado com as palavras que me dirige. Vou attendel-a na primeira opportunidade, servindo-me do endereço que me manda. Por ora a minha luta não me dá vagares para escrever ás pessôas das minhas relações.

Achei esdruxulo o caso dos versos que me pede...

Diga-me: póde tambem fazer uns versos a uma criatura a quem adoro? Sim, porque adoro uma criatura dos "olhos côr de bronze"...

Gostou?

DARLOT (S. Paulo) — Nem mesmo dos paulistas, a quem tanto admiro, farei a graphologia.

Agora um estudo custa caro. Só me fazendo pagar, me verei livre dos constantes pedidos de exames graphologicos. O publico não os valoriza porque não os paga. Mas os valorizo eu, que pago bem pago os tratados de graphologia.

VIOLETA DE MINAS (Minas) — Não sou graphologo. Mas por ahi não faltam secções de graphologia, onde V. Ex. seja attenciosamente attendida e lyricamente estudada. Ha graphologos especialistas em dizer amabilidades.

OLHOS COR DE BRONZE (Pernambuco) — Olá, querida conterranea. A sua carta é gentilissima. Vejamos o que V. Ex. me diz:

"Carissimo *Yves* — Venho importunar-te com um pedido de graphologia. Será possivel fazeres-me esse grande obsequio? Creio que sim; pois o Yves não recusara este obsequio a uma pernambucana. Não está certo?

Acabo de escrever a uma amiga, que mora ahi, pedindo para enviar-me um exemplar da 3ª. edição do "Suave Enlevo", pois que disseste no "Saibam Todos" em resposta a carta de Mnemosyne, que já se acha a venda, na "Livraria Alves", mas como não pretendes envial-o para os Estados, *nem* para a tua (nossa) querida terrinha eu mandei compral-o ahi, pois estou louca para lêl-o. Felizmente em breve tel-o-hei nas minhas mãos. Não sabes quanto estou satisfeita; só sinto já não estar lendo-o.

Peço-te responderes para "Olhos côr de bronze".

Pedindo-te mil desculpas pelo incommodo; peço-te que contes sempre, com a amizade muito e muito sincera de..."

Como vê, V. Ex. é tão gentil commigo, mostra tanto interesse pelo meu livro que só isso seria uma razão para que fizesse o estudo da sua letra. No emtanto, deixo de fazel-o. Primeiro, porque, para ser sincero, teria de revelar coisas muito desagradaveis sobre a sua graphia; depois porque teria de abrir uma excepção irritante, demonstrando, deselegantemente, um interesse pessoal.

Publico a sua carta para se vêr que não faço de justiça de dois pesos e duas medidas.

VISCONDE DE PAQUEQUER (?) — O seu soneto não serve para o FON-FON.

PAPILLON (S. Paulo) — Muito da a bôa educação que lhe agradeça á gentileza do seu presente. Um livro, na peor das hypotheses, é sempre um presente delicado. Mas, francamente, não gostei do poeta que me enviou. Não por ser brasileiro, mas por ser um poeta desconhecido e de segunda categoria.

De resto, eu pouco leio os nossos poetas, a não ser os consagrados e esses que me atormentam a paciencia com as suas drógas insupportaveis. Leio, de preferencia, os livros de psychologia, impressões, de estudos, de historia, ou os romances de these.

Lêr sonetos? Deus do céo! É o maior castigo que me podem dar nesta minha pobre vida de leitor forçado de poesias de pé quebrado... Uff! D. Papillon.

Mas veja bem: entre o seu gesto delicado e a natureza do presente, é claro que sou sensivel, extremamente sensivel ao primeiro.

Afinal, V. Ex. é bem feminina nesse ponto. Não ha homem intelligente deante dos ardis de uma mulher. V. Ex., certa vez, teve uma attitude que me desagradou. Eu, que sempre a tratara com sympathia, fui surprehendido, mal surprehendido com a sua attitude. Fiquei desolado. Resolvi então deixar as suas cartas sem resposta. Pois bem! V. Ex. obstinou-se no proposito de forçar-me a gentilezas para com a sua pessoa. V. Ex. venceu. Ahi estão as minhas gentilezas.

Acceite os meus parabens.

MARIA LUIZA (?) — Hum! Uma poetisa? Com este dia de chuva? (Aqui no Rio chove torrencialmente...) Faz frio. Uma poetiza, num dia de chuva é como um raio de sol que nos vem aquecer a alma de enthusiasmo.

Leiamos, pois, a sua carta:

"*Yves*: Meus saudares! — caro poeta, patrono dos aprendizes da espinhosa arte de fazer versos, eis-me a sua frente, num rasgo de verdadeira ousadia, com a folha de papel, inclusa, que contém quatro sonetos meus.

Serão mesmo sonetos ou eu sonhei que o eram? Não sei! Só você me poderá tirar deste embaraço...

Diga-me o que pensa sobre elles, núa e claramente, sem a minima attenção pelo meu sexo.

De antemão lhe digo que não aspiro a publicação destas (eu as conheço) mediocridades. Quero a sua opinião unicamente para ficar sabendo se elles (sonetos) não são antes um desdouro que uma gloria para quem os fez.

Aproveitando a opportunidade de lhe escrever em papel sem pauta ouso ainda pedir-lhe a graça de fazer a minha graphologia.

Será possivel?

Peço-lhe, principalmente que me diga as minhas más qualidades porque, as bôas, os aduladores se apressam em m'as fazer saber.

Contando com a sua costumada franqueza em qualquer dos dois casos, affirmo-lhe, antecipadamente a minha sincera gratidão.

Para facilitar o seu estudo graphologico envio-lhe o meu verdadeiro nome, mas, peço responder na sua secção apenas para *Maria Luiza*.

A' espera de sua resposta aqui fica ao seu dispôr a admiradora."

Agora vamos ao indefectivel soneto amoroso. Lá vae elle:

PRÉCE

Meu amor! Ha tanto tempo estás ausente!...
E eu não te esqueço... Não te posso esquecer...
Tudo te faz lembrado em minha mente:
A ausencia do teu beijo e a dôr de te não vêr!

As saudades que sinto amargam cruelmente.
Ah! se junto a mim eu te pudesse ter,
Não me seria a vida, em meio tanta gente
Um deserto cruel no qual creio morrer...

Mas, tu ausente, não comprehendes, ó maldade!
A dôr cruciante e esmagadora que me invade
Por te não vêr e por te não beijar...

Se soubesses ao menos pelo meio.
da saudade que abrigo no meu seio
Terias bem mais pressa de voltar!

MARIA LUIZA.

Vamos ás respostas: 1°. — Devo declarar a V. Ex., consoante a sua pergunta: "Serão mesmo sonetos" — que V. Ex. perpetrou um crime contra a arte de Horacio.

Os seus sonetos são verdadeiros desastres... poeticos. 2°. — O *Prece*, em que V. Ex. se queixa do seu amado, achando que elle é ingrato, porque não tem pressa de voltar, indica que V. Ex. é uma poetisa dagua doce. (Perdôe a franqueza). Deante disso, é logico que o rapaz tenha medo de casar com V. Ex. Imagine que tragedia não seria, V. Ex., em vez de cuidar dos affazeres domesticos, — o arranjo das flores, a limpeza da casa, o preparo dos quitutes e outras coisas de ordem interna do lar —limitar-se a declamar os seus versos, o dia inteiro, martelando os ouvidos do seu esposo.

Ora, elle, que ainda é seu noivo, certamente dirá comsigo: "Ih! A Maria Luiza vem xaropear-me com aquelles sonetos de pé quebrado... E' uma estopada! Vou dizer lhe que estou veraneando em Friburgo e, tão cedo, não apparecerei por lá." E emquanto V. Ex. recita á lua:

"Si soubesses ao menos pelo meio
da saudade que abrigo no meu seio
tu terias bem mais pressa de voltar..."

se esconde detraz da porta, á espera de que passe a sua crise romantica, isto é, lyrica e sentimental. 3°. — Na su amissiva, V. Ex. declara: — "Peço-lhe principalmente que me diga as minhas más qualidades, porque as bôas os aduladores se apressam em m'as fazer saber"...

Ora, ha um velho provérbio que diz: "Quem dá o pão, dá o castigo". — Quem diz ás bôas coisas, que diga as más. De resto, que prazer teria em erro só lhe dizer palavras desagradaveis?

4°. — Confrontei o seu verdadeiro nome(?) com o supposto. E desconfiei que ambos sejam pseudonymos.

MARIA LYGIA (Minas) — Muito bem! Gostei de vêr a franqueza da mineira — que, em geral, é reservada e desconfiada. Desta vez, V. Ex. demonstrou que, nem sempre, as filhas da terra de Marilia de Dirceu é tão retrahida e calada como parece ser.

Ora viva!

Aquí está a sua cartinha azul pervenche, onde não ha o perfume chimico, artificial, mas o natural que as suas mãositas de mineira rescendem como as rosas vermelhas de Sevilha. Gostou?

Então, vamos a sua carta, que tem um grande interesse para esta secção:

"Yves — Folheava ha dias, distrahidamente, um numero do FON FON, quando, ao deparar com o artigo "Misses", assignado por Bastos Portella, não pude deixar passar desapercebida a impressão que o grande poeta nortista tem a respeito das lindas brasileiras.

E não foi sem grande admiração que li e reli aquella pagina, admiravelmente escripta, onde pude, por mais uma vez, apreciar o seu espirito fino, intelligente e observador.

Qual não foi, porém, a minha surpresa, a minha grande surpresa quando scientifiquei-me que, dentre todas ellas, não se encontrava a Senhorinha Pimentel Marinho, "Miss Minas Geraes".

Porque? Teria o Yves se esquecido, involuntariamente, dessa linda menina?! Não, não é possivel! O Yves não se esquece nunca...

Emfim... quem sabe se na sua flóra, apezar de rica, variada e bella, não encontrasse uma nunca flôr digna de ser comparada a essa linda flôr, si bem que encantadoras, não deixam de ser communs e, assim sendo, é justo que o Yves, intelligente e perspicaz como é, não quizesse comparar á uma flôr qualquer, como as outras, a belleza rara dessa flôr mineira, filha das montanhas.

Apezar de estar de accordo com o Yves, em concebendo a segunda razão, muito satisfeita ficaria e eternamente agradecida se elle honrasse com sua resposta, ou melhor, com sua explicação, pela secção — "Saibam Todos", — á sua muito admiradora. — *Maria Lygia.*"

Cumpre-me informar a V. Ex. que eu não poderia jamais esquecer a formosa "Miss Minas Geraes". Primeiro porque ella é mesmo linda — como em geral todas as mineiras; depois, porque tenho uma particular sympathia pelas filhas da terra das esmeraldas e das aguas-marinhas, que, aqui para nós, andam agora muito por baixo. (Possuo umas pedras dessa natureza e ninguem m'as quer comprar. Fechemos o parenthesis).

Como dizia, não me era possivel esquecer a "Miss Minas Geraes", representante de um Estado que dá o melhor queijo do mundo, e que é bôa terra como a Bahia...

Quer saber o motivo por que "Miss Minas Geraes" não figurou na minha chronica intitulada. "As Misses"? Por culpa unica do

---

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú', 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 25-5-1929

Data da consulta ....

Nome do consultante ....

....

linotypista que, fazendo as emendas da revisão, entendeu de não obdecer á que se relacionava com o nome da representante mineira.

Mas convenhamos em que "Miss Minas Geraes", nada perdeu com isso, nem será por esse motivo que o sol se desloque do centro do nosso systema planetario, nem que V. Ex. deixe de ser bonita, como é, com os seus dezeseis annos em flôr... de manacá...

ALVES (Bahia) — A Bahia é bôa terra; ella lá..." Paremos no "é Lalá"... senhorita de quarenta e dois annos, minha vizinha, com quem muito sympathizo...

Sr. Alves, lamento não poder attender o seu pedido. Porque pa-

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

ra a graphologia é necessario: A) — escrever viute e poucas linhas, em papel liso, de linho, sem pauta e em perfeito estado de repouso. Repouso de espirito; b) — a assignatura por extenso, verdadeira, afim de que o exame seja criterioso e corresponda á verdade; c) — ser meu conhecido, pelo menos ter relações de amizade commigo e jurar pelas cinco chagas de N. S. Jesus Christo que não me descompôe, como certas senhoritas de saia e idéas curtas...

LUIS ERBON (S. Paulo) — Caro confrade. Recebi os livros que me offereceu. Magnifico "Le Chemin de Buenos Aires". Os outros vou lel-os com vagar. O sr. sempre gentil. Que fim levou? Leio o que escreve no "Correio da Manhã".

Acho-o brilhante. O sr. é, na verdade, um chronista fino e um conteur engenhoso.

"Uma "garçonne" carioca" está sendo "expurgado" daquelles realismos que o sr. viu, quando me visitou, na redacção. Quero fazer um livro de critica, é verdade, um livro forte, mas que possue a nobre intenção de resaltar o que ainda ha de puro na sociedade.

A sua these, como sabe, gyra em torno da censura aos erros da sociedade moderna, entre os quaes avulta o absurdo e a crueldade de punir severamente as mulheres que tombam, por culpa unica e exclusiva dessa mesma sociedade. Que tal? Produzirá bom effeito no cerebro dos homens de bôa fé e no coração fragil das mulheres?

Chi lo sa? O exito de um livro é sempre uma surpresa.

Quando virá ao Rio? Tenho ido varias vezes a S. Paulo (anonymamente, já se vê) e ainda não tive a felicidade de encontral-o. Como o sr. é difficil! Como são strahidos os paulistas!

MAGNOLIA (Nictheroy) — Autores classicos? Encontral-os-á aqui, na Livraria Francisco Alves — Rua do Ouvidor, 116. E' só atravessar... o oceano...

"O Suave Enlevo", tambem, ao preço de 4$000.

YVES.

Pó de Arroz
Lady
É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO
Mediante sello de 200 réis, enviaremos amostras gratis
PERFUMARIA LOPES
Rio:
Av. Rio Branco, 134.
Rua Uruguayana, 44.
Pr. Tiradentes, 34 a 38.
São Paulo: Rua Santo André, 20.

DÔR
GRIPPE
RESFRIADOS
GUARAINA
ENVELLOPPE - $500
TUBO - 3$500
LAB. NUTROTHERAPICO-RIO

(A proposito das exhibições de films, privadas, offerecidas á criticos de cinema, á gente de theatro e á élite.)

: : Exhibições privadas : :

De Mariana Alby

ESTA manhã, que é bem agradavel, uma onda humana se precipita pelas portas, guarnecidas de cortinas de veludo, do luxuoso cinema.

Ha ali centenas de pessôas acotovelando-se. Os seus rostos perderam a expressão pessoal, para adoptar o ar hostil, indefinido e feroz, ás vezes, da multidão.

Tambem eu estou ali. Olho e escuto.

E penso nas almas sonhadoras, cuja mente persegue a imagem de um heróe admirado sobre o *écran*. O heróe está a meu lado: atira o fumo do cigarro na cara de uma dama anciã, de gestos aristocraticos, cheia de adornos e que se suffoca, quando tosse.

Um formoso joven, sabendo-se bem moço ria, a bom rir, para mostrar os dentes, que são lindos. Está certo de um exito indiscutivel. E' confiante, tranquillo, e bom rapaz. O traidor, de barba pronunciada, conserva o seu olhar sombrio.

A frágil victima do ultimo film, estrella loura e vaporosa, dispende uma energia admiravel para ganhar dois logares de uma só investida.

Produz-se um certo movimento; movimento que não podem deter nem os cotovelos, nem as espaduas, nem força alguma. E o tropel se abysma em massa entre as cortinas vermelhas das portas do cinema...

* * *

A sala está totalmente illuminada com lustres dourados e rutilantes. Agora começa a corrida em procura de assentos. Signaes de intelligencia de um logar a outro; o prazer de sentir-se localizado; o cuidado de situar-se bem, para vêr e para ser visto.

A sala está esplendente.

Offerece, hoje, hombros nús, régias pelles, abrigos carissimos e muitas joias de preço.

Algumas cabelleiras ruivas, de um ruivo mais que natural attráem os olhares de certos curiosos.

Galantes jovens bem penteados que trazem encantadoras gravatas, ostentam, com indolencia, um tom pallido á claridade das lampadas.

Senhores graves, de gestos severos, esperam. Cada qual póde falar, observar e ouvir.

Segundo o uso corrente, a apresentação da fita não terá começo com um atrazo de uma hora. A moda se segue ao pé da letra. Os logares de honra se conservam para as pessôas estranhas á corporação cinematographica. Tal deferencia não implica obrigação alguma de indulgencia para os favorecidos, já que as mais acerbas criticas e, ás vezes, as menos justificadas, sáem, a meudo, desses grupos mundanos onde é praticada com o menosprezo pelo cinema.

A alegria se manifesta em todas as direcções. Chistes insignificantes e grosseiros. Uma pequena parte de verdade, outra de imaginação, muitas palavras e commentarios créam uma historia ridicula que circula com rapidez.

Riem-se. O homem do cigarro envolve tudo em uma atmosphera azulada, por entre a qual tudo parece harmonico.

As côres mais suaves se tornam em tons vivos, e continúa a installação, ainda entre o ruido, a luz e o rumor de uma sala de theatro.

Ah, por fim, a orchestra começa o preludio! Ha um silencio. Agora vemos na téla luminoso quadrado branco, onde se desenrola toda a obra concebida e executada pelo operador. Milhares de olhos se fixam nella. Espera-se friamente. Vieram todos prégar, rechassar, admirar e a taes funcções se entregam de todo coração.

Por que não?

Ouvi alguem dizer: Eu, quando vou ao theatro, ao cinema, ou a outro logar publico, como convidado, faço exigencias, não sómente pelo valor do dinheiro, que pu-

desse gastar, senão pela esperança que puz no programma. Attraem-me com promessas maravilhosas; dizem-me que vá, e eu vou. Mas si me enganam, não posso ficar contente, e logo manifesto o meu aborrecimento.

Com effeito, todos evidenciam descontentamento, quando se tenham feito promessas maravilhosas.

Hoje estão, sem embargo, entre pessôas do métier. Conhecem perfeitamente as difficuldades, as surpresas, de uma arte em que se edifica, pedra sobre pedra. Mas julgam a um ou a alguns delles, e, em conjuncto, são terriveis, porque se acham incorporados á massa de espectadores.

Hostil silencio? Não, indifferença. Si surge uma nova idéa, si se apresenta uma audacia, si ha uma tentativa valente, a multidão se manifesta. Discutem detractores e admiradores. Misturam-se applausos com assobios e gritos selvagens. O autor soffre o choque. Como a sala está escura, não se póde vêr si elle empallideceu.

Em troca, quando a obra deslisa amavelmente, sem mais nem menos, um se aborrece, soberanamente, e haja phrases: é a critica desfavoravel que começa.

Ha, no emtanto, applausos unanimes. Uma bonita paizagem ganha todos os votos. Uma photographia artistica, arranca exclamações como esta: "Oh, que linda! Divina!"

Um senhor, sério, consulta o seu relogio. Deve assistir a tres representações, mas no mesmo dia. Tem o aspecto de estar fatigado. A sua cabeça não resiste mais. Alguem grita: "Isto não é cinema!" E todos concordam então. Alguns fanaticos seguem o enredo da fita. Não pensam, nem vêem outra coisa que a téla. São os confiantes e optimistas.

E quando a luz se faz, o director de scena, responsavel pelo film, recebe, apezar de tudo, elogios exaggerados.

Sáem os espectadores. Pensa o agente de publicidade nas promessas que lhe faz o secretario. O critico busca conciliar certas contradictorias recommendações; e se dispõe de tempo, põe em jogo o seu juizo independente.

Os capitalistas do negocio pensam em coisa bem differente: "Ao publico o tal film não agradará, é de prevêr."

A ingenua distribue sorrisos e cartões postaes com o seu retrato e o seu autographo.

Um senhor sáe por ultimo: é o empresario. Demonstra confiança, muita confiança. E deve ter as suas bôas razões para demonstral-a...

KOHOUT

O homem que tinha o cerebro de ouro

De SARA INSÚA

As grandes paredes do *boudoir* cobertas de um damasco côr de cereja, impregnado de perfumes exóticos, encerravam sumptuosidade frivola. Laças e bronzes, pelles e têlas custosas, crystaes e porcelanas. Muita commodidade para o corpo, muito prazer para os olhos.

Deante de um espelho oval, Gracia acabava de vestir-se. Lentamente, como quem executa algo transcendental, passava de uma a outra phase da *toilette*, auxiliada por uma habil e respeitosa empregada.

Sob os cabellos dourados e curtos e dentro do vestido de *georgette* verde amendoa, maravilhosamente cortado, os trinta e dois annos de Gracia pareciam vinte e cinco.

Esbelta, de estatura mediana, olhos cairos, nariz levemente levantado na ponta e bocca regular, agradecida ao lapis, personificava physicamente esse ideal feminino que viram em seus sonhos os modistas parisienses.

Gracia se havia separado do espelho, e nas gavetas de um cofre escolhia as joias.

Detraz della, dentre os travesseiros de um divan, brotou um suspiro ligeiro, de peito infantil. Gracia voltou-se.

— Ah! Mas, estavas tu ahi, filha?

A filha endireitou-se, sacudindo seus *boucles* de ébano e fixando em Gracia o olhar profundo de seus olhos escuros.

Desde que começaste a vestir-te. Estava lendo um livro de contos que me deu papae. Si visses, acabo de lêr um!... Não sei si é bonito ou feio, não o entendo bem... Vou contar-to, mamãe, para que mo expliques, queres?

E como Gracia accedesse com um gesto distrahido, a menina começou:

— Era um homem que tinha o cerebro de ouro... Imagina, mamãe: a cabeça de ouro!... E esse homem, que era muito bom, tão bom como papae, se casou com uma mulher muito bonita, tão bonita como tu. Mas o homem do cerebro de ouro não tinha dinheiro: tinha apenas aquelle ouro. E como gostava muito de sua mulher, comprava-lhe cousas, e para pagal-as ia arrancando ouro da cabeça, e é claro que o ouro ia acabando. E um dia já lhe restava muito pouco, muito pouco ouro, quasi nada. Mas ella — a esposa — viu uns sapatinhos muito lindos e o queria. E elle disse-lhe: Bem; comprar-tos-ei." Era tão bom! Entrou na casa, e quando foi pagar os sapatinhos, como já tinha tão pouco ouro, teve que apertar forte as mãos com as unhas, e tirou ainda mais do que necessitava. Mas estava vermelho, sabes? Vermelho, sangrento. Ao apertar a cabeça, sahia sangue tambem... Mas, que tens mamãe? Choras?... Si é um conto, bôba...

Gracia, que a principio escutára sua filha com indifferença, emquanto fechava nos braços os broches de dez pulseiras, fôra prestando uma attenção crescente ás palavras da filha.

Depois, sentia um calor estranho na fronte e nas faces, e os olhos cheios de lagrimas.

— Não é nada, filha — responde. — E' que...

E com um sorriso através das lagrimas, ajuntou:

— Eu tambem não o entendi bem... Vou dizer a teu pae que mo explique.

E sahiu do *boudoir*, deixando aberta a porta-gaveta do cofrezinho das joias, da qual pendia um fio de perolas rosa.

Gracia empurrou suavemente a porta. O tapete abafava o rumor de seus passos. Seu marido não a sentiu nem a viu, e Gracia se deteve um instante para olhal-o como nunca havia olhado.

Elle estava quasi deitado, como que vencido, sobre a mesa, a fronte apoiada na mão esquerda. Uma fronte de entradas enormes. A mão direita, immovel, apertava nervosamente a penna, e os olhos, uns olhos sombrios e profundos, como os da filha, fixavam angustiosamente a tira de papel em branco.

Afinal, como que attrahido pela força magnetica do olhar de sua mulher, Alfredo ergueu a vista.

Toda a expressão sombria de seu semblante se esfumou em um sorriso de alegria.

— E's tu, Gracia? Fizeste bem em vir. Si visses que máo dia tenho! Já rasguei dez tiras... Não acerto, não encontro a expressão verdadeira... E' horrivel!

E opprimiu a fronte, como si quizesse espremer algo dentro della.

Garcia teve um estremecimento.

— Não trabalhes hoje, Alfredo.

Elle a olhou supreso.

— E' preciso. Tenho apenas dez dias para terminar a novella.

— Terminal-a-ás quando puderes, sem esforço.

— Mas, o veraneio? Vaes esperar tanto tempo.

E accrescentou com voz tremula:

— Ou pensas em ir só com a menina? Então é que eu não poderia trabalhar...

Gracia estava deante delle, do outro lado da mesa.

— Não, não irei só: é que tenho outros projectos... Escuta: acho que é uma tolice sahir este anno, tendo o pequeno hotel de Quatro Caminho morto de riso. Além disso, pensei que devemos ir para elle definitivamente e deixar esta casa.

— Como!? Mas, si não gostavas de sahir daqui... Si dizias que nunca poderias deixar o centro...

— Ora! já estou farta do centro. Além do mais, aquillo te agrada a ti. Tu fizeste o plano, e tens u mgabinete tão sympathico, com um terraço encantador... Ali trabalharás muito melhor.

— Lá isso é verdade. Aqui, me asphixio... Mas, os nossos moveis não cabem lá...

— Venderemos os que não nos façam falta. O salão dourado, por exemplo, e todo esse museu de objectos inuteis que eu fui colleccionando e que têm encantado teus amigos.

Alfredo olhava sua mulher com espanto. De todos os caprichos daquella creatura a quem tanto adorava e tanto mimava, era aquelle o mais extraordinario.

— Ha outra complicação — insistiu. — A garage do hotel é muito pequena. Não cabe mais de um carro.

— Venderemos o outro. Basta-nos um.

Alfredo, cada vez mais surprehendido, não comprehendia aquillo.

De repente, a cabecinha da filha surgiu na porta.

— Mamãe: papae já te explicou o conto?

— Que conto, filhinha? — perguntou Alfredo.

— O do homem que tinha o cerebro de ouro. Contei-o á mamãe, e ella viu para que tu o explicasses... E mamãe vinha chorando... não notaste? Eu disse-lhe que era um conto. Não é verdade que isso não póde occorrer?

Alfredo procurou os olhos de Gracia, que estavam humidos de novo. E aquelles dois sêres, unidos havia doze annos, trocaram pela primeira vez um olhar de alma a alma.

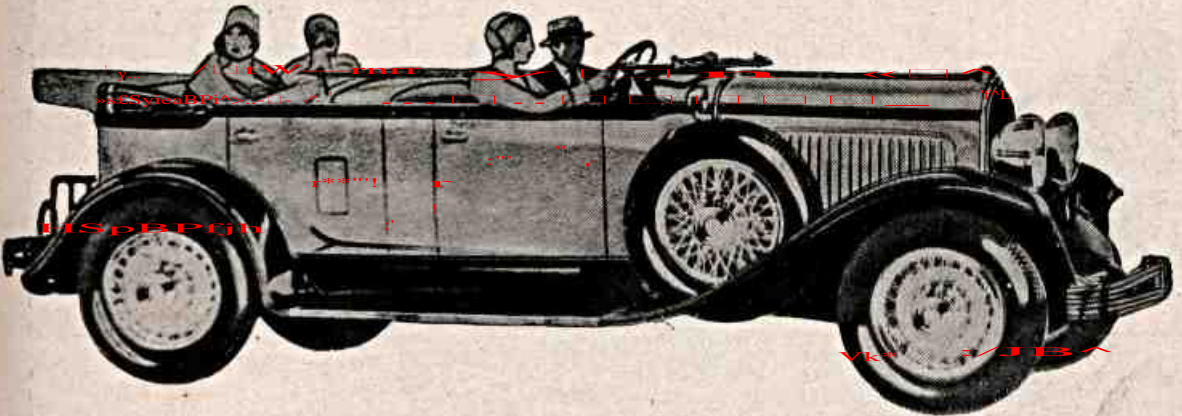
Sobre a tira em branco cahiram duas lagrimas.

— Mas, tambem estás chorando, papae?

— Sim, filha, sim... Choro porque estou muito contente...

O COFRE

(Conto para pequenos... e grandes)

De B. González Arrili

QUANDO pequeno — contava-nos o amigo João Chrysóstomo — eu tinha um cofrezinho que um tio me déra, zendo-me, entre sério e trocista, estas palavras:

" — Toma este cofre, Joãozito, e começa a guardar teu dinheiro, para que o encontres quando o necessites.

" Eu, naturalmente, guardava em minha esplendida caixa de economias uma ou outra moeda... Nem todas, porque naquella epoca muito gostava eu dos caramelos de limão que vendia um velhinho á porta da escola, e de umas tortas de assucar queimado, e de uns alfinins que enchiam dagua a bocca dos gulosos... No emtanto, guardando em meu cofrezinho, de vez em quando, a moeda menor que me cahia ás mãos, crescia lentamente minha *fortuna*... Crescia de tostão em tostão, até sommar um mil réis, dois mil réis, tres mil réis, enchendo-me a mim mesmo de admiração, pois então comprehendi, de uma maneira pratica, não theorica, que dez moedinhas de tostão integravam as dez do nosso mil réis nacional...

" Pareceria inutil notar que eu crescia com o meu thesouro. Mas convém tel-o presente, porque, á medida que eu me desenvolvia, gastava menos tostões em caramellos, tortas e alfinins, e assim conseguia pôr em meu cofre moedas até de dez tostões, e alguma vez, como se fosse millionario, moedas de dois mil réis.

" A verdade é que as guloseimas eu as tinha substituido por livrinhos de contos, que foram para mim uma nova guloseima. Mas, como meus parentes, vendo-me crescer, se julgavam obrigados a obsequiar-me com moedas maiores, sempre resultava que possuia eu mais dinheiro e augmentava sem cessar minha diminuta e interessantissima bibliotheca.

" Assim cheguei a contar dez annos de idade, cincoenta livrinhos de contos e quasi cem mil réis em meu cofrezinho.

" Recordo agora esse inventario de minhas tres riquezas intimamente commovido.

" Mas, como não ha riqueza que se mantenha estacionaria, pois todas ellas evoluem ou se perdem, succedeu que se foram meus dez annos, perdi, troquei e presenteei meus livrinhos de contos, e o dinheiro, paciente, heroicamente reunido em meu cofre, se dissipou todo da seguinte magnifica maneira."

*

JOÃO Chrysóstomo collocou uma perna sobre outra, depois de se accommodar melhor na cadeira de couro que occupava. Olhou um instante, através dos crystaes da janella, a rua, ensombrecida por um apressado crepusculo invernal, e continuou assim sua narrativa:

— Contava eu, já o disse, dez annos de idade.

João Chrysóstomo fez uma pausa. Uma emoção crescente punha em suas palavras um ligeiro tremor.

— Em frente á nossa casa, tinha uma casa de commodos. Era um casarão enorme, com muitos aposentos, cheios de gente... Como mamãe me havia prohibido de entrar naquelle casarão, porque dizia que estava sempre muito sujo e era perigoso á minha saude...

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

E' incompleta a "toilette",
Quer de pobre, quer do escol,
Se não tem o sabonete
Perfumado — *o* **EUCALOL.**

Euclydes Villar.

Tipipió — Pernambuco.

eu me conformei em conhecêl-o do saguão. Era um sagão largo, vasto, escuro, com as paredes revestidas de alcatrão para evitar a humidade. Entrava e sahia por elle um mundo de homens e mulheres e um regimento de garotos, entre os quaes tive eu muitos e bons amigos. Especial amigo meu foi um delles, Pepito, um menino loiro, mal vestido e não muito limpo, mais intelligente, de uma grande vivacidade mental, que na escola tinha sempre, como a cousa mais natural, as melhores classificações da classe.... Eu gostava muito delle. Talvez o admirasse porque era sujo e estudioso. Reparti com elle meus caramelos e minhas tortas. Depois lhe emprestei meus livros de contos. Uma vez o levei á minha casa, para que mamãe lhe cortasse as unhas.... Elle me queria á sua maneira, ajudando-me a fazer meus deveres. Comprehendendo tudo rapidamente, e não esquecia mais uma explicação, por difficil que fosse... Tinha os olhos azues. Pareciam apagar-se quando escutava attentamente uma licção, mas ao comprehendêl-a, os olhos lhe brilhavam alegremente. Aquellas duas luzinhas de seu olhar annunciavam a marcha vivaz de seu cerebro de uma maneira inconfundivel...

" Uma manhã, ao sahir eu para a escola, o vi no saguão da casa de commodos, enxugando as lagrimas com a manga de sua velha blusa. Enxugava-as de uma maneira tão forte, que parecia querer empurral-as para dentro, para que ninguem as visse.

" Que tens? — perguntei-lhe.

" Elle não respondeu. Chorou mais forte, afogado em soluços. Eu insisti:

" — Por que choras? Que tens?

" Pelo saguão sahiu uma menina, que me explicou:

" Elle chora porque o *encarregado* é um sujeito ruim.... Ordenou que desoccupasse o quarto, porque não pagam o aluguer.... Vieram um guarda e um homem... Dizem que agora trarão um carro e levarão os moveis.

"Eu não comprehendi bem tudo aquillo, e pedi á menina que mo explicasse melhor. Custei muito a comprehendel-o. Era para mim uma novidade dolorosa. Não sabia ainda que aquella casa enorme, humida e fria, tinha um dono que alugava os commodos por um tanto ao mez e atirava á rua o inquilino que se atrazava nos pagamentos. Tambem não sabia eu muitas outras cousas, e por isso perguntei innocentemente á menina:

" — E a mãe de Pepito por que não paga? Assim não a despejariam.

O COFRE

(Conclusão)

" A menina, que sabia mais do que eu, olhou-me com desgosto, e depois me respondeu:

" — Não sejas tolo.... Não paga porque não tem dinheiro...

" Estremeci. De certo me brilharam os olhos como brilhavam os de Pepito quando elle comprehendia uma explicação difficil. Lembrei-me de meu cofrezinho.

" — E quanto deve? — perguntei, gritando.

" — Não sei — respondeu a menina.

"Segurei Pepito pelo braço, para que me escutasse, para que me respondesse.

" — Dize-me, quanto deve tua mãe?

" — Tres mezes.... — ouvi-o dizer entre dentes.

" — Meu enthusiasmo arrefeceu. Tambem não comprehendia eu aquillo.

— " — Tres mezes? E que são tres mezes?...

" A menina falou novamente, para esclarecer o assumpto:

" — A trinta mil réis por mez...

" Eu contei mentalmente: trinta por tres, noventa.... Atravessei a rua, voando, entrei em minha casa, procurei mamãe, gritando meu *descobrimento*, o desejo de dar os cem mil réis das minhas economias a Pepito para que a mãe pagasse sua divida.

" Mamãe, que foi sempre tão bôa, escutou-me, perguntando-me depois, com muito interesse, todos os detalhes daquelle despejo. Quando estava sufficientemente informada, me disse:

" — Acho muito bonito o que pensas fazer.

"E foi buscar a chave de meu cofre, que ella, por previdencia, guardava. Ao voltar para junto de mim, tinha lagrimas em seus bellos olhos. Eu estava já com meu pequeno cofre nas mãos. Abrimol-o. Contámos os dois o dinheiro que o mesmo guardava. Eram cento e um mil réis...

" — Bem — disse-me mamãe —, vá leval-os immediatamente, antes que tirem os moveis.... Dá-lhe os cem mil réis, e fica com esta moeda de mil réis, para que compres o que queiras.

" Fez-me acompanhar pela criada. Eu queria ir só, para ir mais depressa, mas ella não mo permittiu.

" Entreguei os cem mil réis á mãe de Pepito, que chorava e me beijava muito ouvindo as explicações da admirada criada:

" — Mas este menino!... Este menino! Veja que cousa!...

" Ao sahir da casa de commodos, setindo-me contemplado com muita attenção pelo guarda, encontrei de novo meu amiguinho no saguão.

" — Não chores mais — disse-lhe — que já se arranjou tudo. Toma, para que compres o que quizeres...

" E dei-lhe minha moeda de mil réis, repetindo as palavras que a mim disséra minha mãe.

"Pepito passou mais uma vez a sujidade de sua manga por seus olhos azues, sorriu levemente, e sério, grave, como um homem, me deu um aperto de mão.

"E eu fiquei mais contente, áquella manhã, do que si houvesse empregado, integralmente, os cento e um mil réis do meu cofrezinho, na compra de livros de contos, tortas, caramelos e alfinins...

"A' noite, ao voltar papae de suas occupações, teve sciencia do episodio, chamou-me para perto de si, deu-me um beijo, e esteve longo tempo dando-me palmadinhas nas faces e puxando-me suavemente, ternamente, as orelhas..."

M. C.

Atropelamento caro...

ESTOU convencido de que o primeiro atropelamento por automovel, occorrido no Brasil, se deu em Porto Alegre, sendo causador involuntario o dr. F., medico de nomeada na capital gaúcha — a victima voluntaria o cabo corneteiro X, do 10°. regimento de infantaria.

O illustre medico, para attender aos seus doentes espalhados pela grande cidade, não corria em a sua "baratinha", vôava! Dahi o *arrede-se quem puder*... Comtudo, nunca se déra um accidente.

Certa manhã, estando nós de dia ao regimento, fômos informados de haver sido victima de um automovel, em frente á Santa Casa, o nosso cabo corneteiro. Tomavamos as providencias que o caso exigia para ser recolhido ao Hospital Militar o nosso camarada, quando nos procurou o dr. F. para nos communicar do desastre e declarar haver recolhido sua victima a um quarto particular da pia instituição.

Levado o facto ao conhecimento do commandante, em parte especial, e informado elle, pessoalmente, pelo medico, do occorrido, consentiu o chefe em que o doente ficasse onde estava, sendo para isto dispensado do serviço de 4 em 4 dias. Passadas duas ou tres semanas, o nosso homem tinha alta por curado das poucas escoriações que soffrêra. Desse accidente, soldado velho, o cabo entendeu de tirar partido... Assim é que, vez por outra, *atacava fundo* o dr., em alguns cobres, allegando precisar comprar remedios...

Na sua roda, delle cabo, o pequenino e matreiro sergipano, ou alagôano, *abençoava* o momento em que se mettêra á frente da "baratinha" e vangloriava-se da *paisanice* do medico cahindo-lhe com os cobres.

E tantas foram as *facadas* para a compra de remedios e tantos foi o bater de lingua do *herói*, que o caso chegou aos ouvidos do commandante, que mandou proceder a rigorosa syndicancia da qual resultou, por que o coronel não era mão leve nem a disciplina do 10°. *sopa*, em 25 dias de cadeia e um rebaixamentozinho de 15 dias para a primeira victima de automovel em terras do Rio Grande do Sul...

JÁDER DE CARVALHO.

(*Das "Reminiscencias Militares"*)

KLAXON DE MAQUILLAGE

EVA moderna é um automovel de seis cylindros: a cabeça, o "baton", o vestido curto, as pernas e a conquista.

Varia, apenas, no modelo.

Joven ainda, é a "baratinha" que na vitrine desdenha dos que a namoram.

Cobiça-a todo o mundo, mas o menino dos dinheiros é quem por fim a dirige.

Vae ella muito bem pela estrada da existencia, quando (coisas da vida) surgem outras "machinas" mais attrahentes que o "chauffeur" não hesita em preferil-as. E as suas decepções se succedem na rapidez das voltas do taximetro.

Veste-se toda de novo, ondeia o cabello, desenha nos labios um coração de sangue, e... queda-se em exposição. Mas no seu rosto a gente sempre lê: "modelo antigo".

Está nas mãos dos fabricantes de automoveis transformarem o pessimo mundo presente em adoravel paraiso. Bastará que consigam condensar n'um só os seis cylindros dos seus motores.

Assim, a mulher transformar-se-á tambem.

E, ao em vez da sua cabecinha de vento, do vermelho dos seus labios, do seu vestidinho vaporoso e conquistador, uma unica cousa, o seu coração, cylindro unico, passará a pesar na attracção que irradia.

* * *

— Que mania a sua, Energumeno, de falar das mulheres!

— Pudera!... Não me dão confiança...

BRAZ GLÉTTE.

Bromil é o melhor remedio para combater as Tosses.

Bromil desentópe os pulmões, sòlta o Catarrho e dá bem-estar.

Bromil é de grande efficacia contra os accessos da Asthma e da Coqueluche.

E vanidade...

CHRONICA DE INVERNO

Maio...

Chuva, muito frio, muita tristeza.

Faz hoje um anno que, por uma tarde, como esta, ensopada e fria, eu escrevia a dolente canção da minha saudade infinita. Eu falava da tua ausencia, lembras-te!

E como a tua imagem me trazia a visão amavel de um raio de sol doirado, á medida que a tarde se apagava, na sombra calada do crepusculo, parecia, no meu sonho, ao meu emotivismo de esthéta, que toda esta pequena sala de redacção se vestia de uma luz celestial. De uma luz como deve ser a das noites lunares...

* * *

Hoje — um anno depois — eu vejo a sombra caminhar, sombra que parece um fantasma sereno — o lento fantasma da melancolia a avançar para a minha mesa de trabalho...

Oh, esta sombra que me enche a alma de um mal estar esquisito e, ao mesmo tempo, de uma sensação de alegria, de uma triste alegria!

Emquanto a sombra caminha, em direcção á minha banca, levanto a penna no ar, e olho a chuva fina, as primeiras chuvas deste inverno... deste mesmo inverno que tem caricias de gelo e desconsolos de corações sem amor...

* * *

Sim, aqui está o mesmo inverno do anno que passou. E tudo agora é o mesmo. O scenario é o scenario de sempre...

Lá fóra a chuva é triste, com a sua melancolia plangente do "Pingo d'agua", do divino Chopin... A tarde vae-se apagando como dois olhos que cégassem de chorar... De chorar sob esta chuva de inverno... E o crepusculo, como é funereo! E' um crepusculo feito de tal desalento, que parece a penumbra mansa das velhas cathedraes, ou essas que aveludam de leve o ar tranquillo das necropoles, sob o embalo dos cyprestes longos e hieraticos...

.... E, agora, lá vem caminhando aquella mesma sombra de doze mezes passados, a sombra crepuscular do inverno triste que se foi embora...

Como tudo aqui se assemelha!

Por cima da minha cabeça, paira uma lampada serena, como uma vigilia doirada — a vigilia dos longos silencios illuminados, que falam de velhas coisas extinctas, e que, a cada passo, resuscitam no fundo silencioso da memoria...

A illustre e já notavel pianista Maria Antonia, que vae abrir, com um recital, a temporada lyrica do Municipal. Maria Antonia é ainda muito joven. Mas na Europa, onde aperfeiçoou os seus estudos, ella se fez ouvir em diversos concertos, tendo sido applaudida com enthusiasmo. Ha, por isso, nas rodas artisticas do Rio, um grande interesse pelo seu recital.

* * *

Oh, a tarde que morre, o crepusculo, a melancolia da lampada, esta sombra macia e deslisante, e este inverno cheio de coisas emocionaes!

Tudo aqui me fala da tua vida, do teu amor e da tua ausencia!

O inverno é o mesmo de ha um anno passado... Sim, faz hoje um anno que eu escrevia a minha canção de saudade.

Tudo aqui neste momento é semelhante: a mesma saudade, a mesma melancolia, a mesma chuva, o mesmo desalento de alma...

Apenas eu envelheci mais um pouco — embora a saudade não passasse...

Un froid que j'ignorais m'oppresse,
Mon cœur est glacé, j'ai vieilli...

ESTRELLINHAS — "A sua alma é complicada.

— Por que diz isto, mlle?

— Por que ninguem sabe si o sr. é um lyrico, um sceptico ou um humorista. Ora o sr. é triste; ora é *blagueur*; e ora...

— Ora sou o "homem que ri"... como o de Victor Hugo: — a alma sangrando..."

Ouviram esse trecho de dialogo? Pois foi uma criaturinha de alma de boneca que assim me falou, num recanto de salão.

Disse-lhe por fim: "Breve explicar-me-ei..."

Não sei si ella ficou á espera da resposta. Si não ficou — melhor; si ficou — ella aqui vae...

Mas por onde devo começar?

E' muito difficil iniciar um periodo, quando quer dizer tudo a um tempo só, e, afinal, não quer dizer nada. As coisas bellas e verdadeiras são aquellas que não gostámos de dizer. Somos sempre como aquelle pescador de Oscar Wilde, que dizia conversar todos os dias com as sereias, quando tudo era mentira; e no dia em que de facto elle conversou com esses sêres estranhos do mar, chegou calado e mudo como um peixe: nada disse...

Nós, os homens que escrevemos, nunca falamos a verdade. Somos como o tal pescador do apologo. Dizemos sempre o que se não passa em nossa vida...

Eis porque não sei como dar inicio a esta revelação...

Mas si mlle. está á minha espera? E si ella não está? Ser ou não ser — eis a questão.

Ora, mlle. do recanto de salão alegre e esmaltado de luzes... Nos dias em que escrevo coisas lyricas, é porque de facto eu estou muito feliz, muito alegre — e a minha alma só tem vontade de cantar:

Eu quero uma mulher
bem núa...

Si, porém, escrevo coisas alegres, coisas que pretendem fazer rir — é porque a minha pobre alma está estalando de magôas, e toda ella se illumina de dôres, n'uma festa veneziana de melancolia: — pelos canaes da minha alma soturna passam as gondolas illuminadas de pequenas côres coloridas... As coisas alegres que rolam da minha penna, como azougue liquido, n'um arco iris de jubilos sonoros e felizes, são simples reflexos dessa festa de melancolia, que se inflamma, venezianamente, na minha alma...

Está ouvindo, mlle?

Agora, quando pareço sceptico e "blagueur" é quando me convenço da inutilidade de revelar-me triste ou alegre, feliz ou infeliz.

Afinal, que têm os homens, com a minha alegria ou a minha tristeza — si é sabido que, cada um de nós, constitue um mundo á parte? O tempo demasiado fugaz, é excessivamente escasso, para que nos occupemos com os outros — que são

---

O applaudido poeta Tostes Malta agradeceu a *Noite cheia de estrellas*, que o illustre e festejado poeta Adelmar Tavares lhe remetteu, com as seguintes bellas estrophes:

Meu grande e suave lyrico Adelmar.
Li o teu livro numa hora commovida,
Na historia que tão bem sabes contar.
E, agora, sinto a tua propria vida.

E eu, que ainda vivo neste encantamento,
Amando as cousas para comprehendel-as,
Deixei, sonhando, todo o pensamento...
Na tua "Noite tão cheia de estrellas",

E aqui me tens, — ó mestre da Ternura!...
Com a emoção nos olhos rasos d'agua,
Para dizer tambem que minha magoa,
Só por te ouvir, se fez mais suave e pura...

"Dindinha — Lua!" Quanta vez, sózinho,
Orphão de Mãe, na minha meninice,
— Olhos cheios de prece e de meiguice —
Pedia á luz o maternal carinho...

Hoje, trago commigo esta saudade
Que, parece, nos faz sempre crianças...
— Saudade que floresce entre esperanças —
Feita de santa espiritualidade...

Tu fizeste da Vida o que eu queria,
E é por isso, Adelmar, que te estou lendo.
— Porque é a Vida, assim como a comprehendo
O motivo melhor para a Poesia.

TOSTES MALTA.

A elegancia dos ultimos dias de verão...

A RUA DA AMARGURA

DE IDE BLUMENSCHEIN
(Colombina)

E' longa... muito longa... até parece
Que não tem fim. E a gente
Vae sempre andando, andando... E não esquece
(Por mais que o busque e tente!)
Aquella dôr sem nome,
Aquella magôa, que nenhum remedio cura;
Que fére, que annula, que consome
A vida, cada vez, mais triste e mais escura.
A vida que podia ser tão bella!
Si não fôsse aquella
Estranha crueldade que condemna
A' maxima pena,
As culpas da ternura!
E' longa... muito longa... E cada passo
Que a gente dá, é sobre arduos espinhos...
E a gente vae andando, sempre andando,
Carregando
O peso de uma cruz, sobre o pó dos caminhos.
E vae cheia de sêde e cheia de cansaço!...
E além, o céu é azul, e ha tanto sol no espaço!
E a lei de Deus é generosa e bôa.
Mas tanta gente existe, que não sabe
Que quem quer bem, perdôa.
E que é grande o perdão, tão grande, que não cabe
Nos corações mesquinhos.
E por isso outros vão, pisando sobre espinhos...
E' longa, muito longa, a rua onde eu caminho.
Parece não ter fim... parece ir augmentando.
E eu vou sempre andando,
E cada vez, vou mais devagarinho...
Até que, um dia, por demais cansada,
Não podendo seguir, hei de ficar ali,
Fria, enregelada,
Sobre as pedras da estrada,
Onde as dôres maiores eu soffri.

. . . .

E' longa, muito longa, e tão escura
A rua da amargura!

tantos mundos á parte.

Para que? Para que tentar impressionar os homens — ou as mulheres — com os nossos casos pessoaes? Os poetas deviam ser fuzilados por isso.

Eis porque sou sceptico e "blagueur", quando não sou alegre, nem triste. E' pela "blague" — coisa que ninguem liga — que nós dizemos tudo o que sentimos, de nós e dos outros; e é pelo nosso scepticismo que exprimimos os sentimentos mais verdadeiros dos homens que sonham e soffrem.

Perdôe, mile. si desta vez não fui alegre, nem triste, nem sceptico, nem "blagueur" — mas apenas um philosopho simplista, um philosopho que vê a vida como ella é...

OS HOMENS... AS MULHERES... — DE YVES

— Então? Como vae a Melita?

— Vae bem.

— Trata-te com amabilidade?

— A's vezes, — informou Jorge.

Mauro continuou:

— Pois olha, no tempo em que eramos noivos, ella me tratava com uma distincção de grande dama.

Mauro falava de Melite, que havia sido sua noiva e, agora, acabava de contractar casamento com o seu amigo Jorge. Este declarou:

— E' de admirar! Ella nem sempre testemunha por mim essa affeição que se deve ter por uma criatura que se elege ao seu amor.

Mauro experimentava uma alegria esquisita, uma sensação indefinivel, em saber como era que a sua ex-noiva tratava e amava o seu amigo. Era uma emoção curiosa, inexplicavel, interessante, por tudo que tinha de surprehendente e imprevisto.

Jorge accentuou:

— Ha occasiões em que chego a pensar que ella não me ama.

— Já fizeste experiencias?

— Muitas.

— Já lhe despertaste ciumes?

— Ella não o tem.

— Já te mostraste indifferente ás suas demonstrações affectivas?

— Já. Mas, ella percebe os meus "trucs". Sabe que tudo aquillo é theatral. Nada é sincero.

Mauro reflectiu um momento:

— E' esquisito! E os seus beijos?

— Frios. Sempre frios.

— E a sua confiança em ti?

— Absoluta.

— Não te prohibe que fales ás amigas?

— Permitte até que as acompanhe.

— E' extraordinario! exclamou o amigo de Jorge.

— Pois olha — proseguiu elle — commigo era justamente ao contrario.

— Era cruel?

— Quando se tratava de ciumes.

— Era amorosa?

— Quando se tratava de demonstrações sentimentaes.

— Deixava-te a sós com as amigas?

— Nunca!

— E quando te mostra-

Adolescencia. E' quando «ellas» vêem a vida pelo seu lado côr de rosa...

vas indifferente ao seu amor?

— Soluçava — affirmou Mauro com vaidade.

— E quando falavas em romper?

— Ameaçava-me com esta phrase: "Metto-te uma bala na cabeça e suicidar-me-ei em seguida!"

Jorge ficou desolado:

— Pois olha: quando digo que acabo rompendo com ella, a sua resposta é sempre esta: "Quando quizer, não faça cerimonia..."

tuas posses, da tua situação?

— A verdade.

— Sabia que eras pobre?

— Sabia que eu era pauperrimo.

Jorge exclamou, como fóra de si:

— Melita, tu não me amas!

. . . .

Momentos depois os dois amigos se separavam. Jorge se dirigia para o seu escriptorio, e Mauro ia encontrar com Melita, n'um recanto deserto da cidade, na sua baratinha vermelha. Vermelha como uma traição de amor...

MELANCOLIA — Dr. Yves — ... E estar? Chego de manhã á redacção.

— Bom dia — digo aos companheiros.

— Bom dia — respondem elles, sem mesmo levantar a cabeça.

— Olha, falta materia. Precisas escrever mais... — declara o secretario.

Escrever mais! Quero dizer: escrever mesmo que não haja assumpto, mesmo que o tedio da vida nos impeça de traçar uma palavra sequer.

Sento-me á minha banca de trabalho. Aqui está deante de mim uma enorme pilha de cartas. Parece uma torre desses doces de confeitaria: "spumoni". E' uma torre de todas as côres: verde, amarello, azul, marron, lilaz, branco, vermelho... Papeis de todos os tons, cartas em todas as *nuances*.

Abro a primeira. Um pedido de estudo graphologico... Abro a segunda: um cavalheiro qualquer, — é sempre um cavalheiro quem nos descompõe — envia-me um *bouquet* de insolencias. Por que? Por que o seu soneto não póde ser publicado. E esta cartinha lilaz, perfumada? Ah, é a historia vulgar de uma criatura romantica que me fala do seu *Cadillac*, dos seus insuccessos sentimentaes e da côr da sua alcova de "jeune fille"...

Aqui está uma outra missiva. E' em cassange. Que deseja o seu autor? E' um poeta. Virgem Nossa Senhora! Lá vem a xaropada dos sonetos detestaveis!

Talvez eu seja mais feliz com aquella epistola verde, verde como a volubilidade... Lentamente, rasgo o envelope que a veste.

Oh! Que tristeza! E' uma criatura que se queixa por não ter eu adivinhado as parabolas e metaphoras em que me contou o romance de amor...

... E dizer que a carta esperada não veiu... Aquella que seria como o "passaro azul" da felicidade, pousado sobre o vidro espelhante desta minha banca de trabalho.

Já não posso dizer como a poetisa uruguaya:

Oh, la carta esperada!
Ya está aqui, y en mi
[mano aprisionada...

AS paulistas, lindas em geral, nobres pelo seu espirito de philanthropia, já iniciaram, neste inverno, a sua obra de piedade pelos que soffrem. Ahi está um grupo de «vendeuses» de chocolate, em beneficio do Hospital para Tuberculosos, de S. Paulo.

Mauro estava radiante. Como é delicioso saber a maneira por que a mulher que foi o nosso sonho, o nosso amor, a nossa vida, ama — ou não ama? — a outro!

— Ella sabe que és rico?

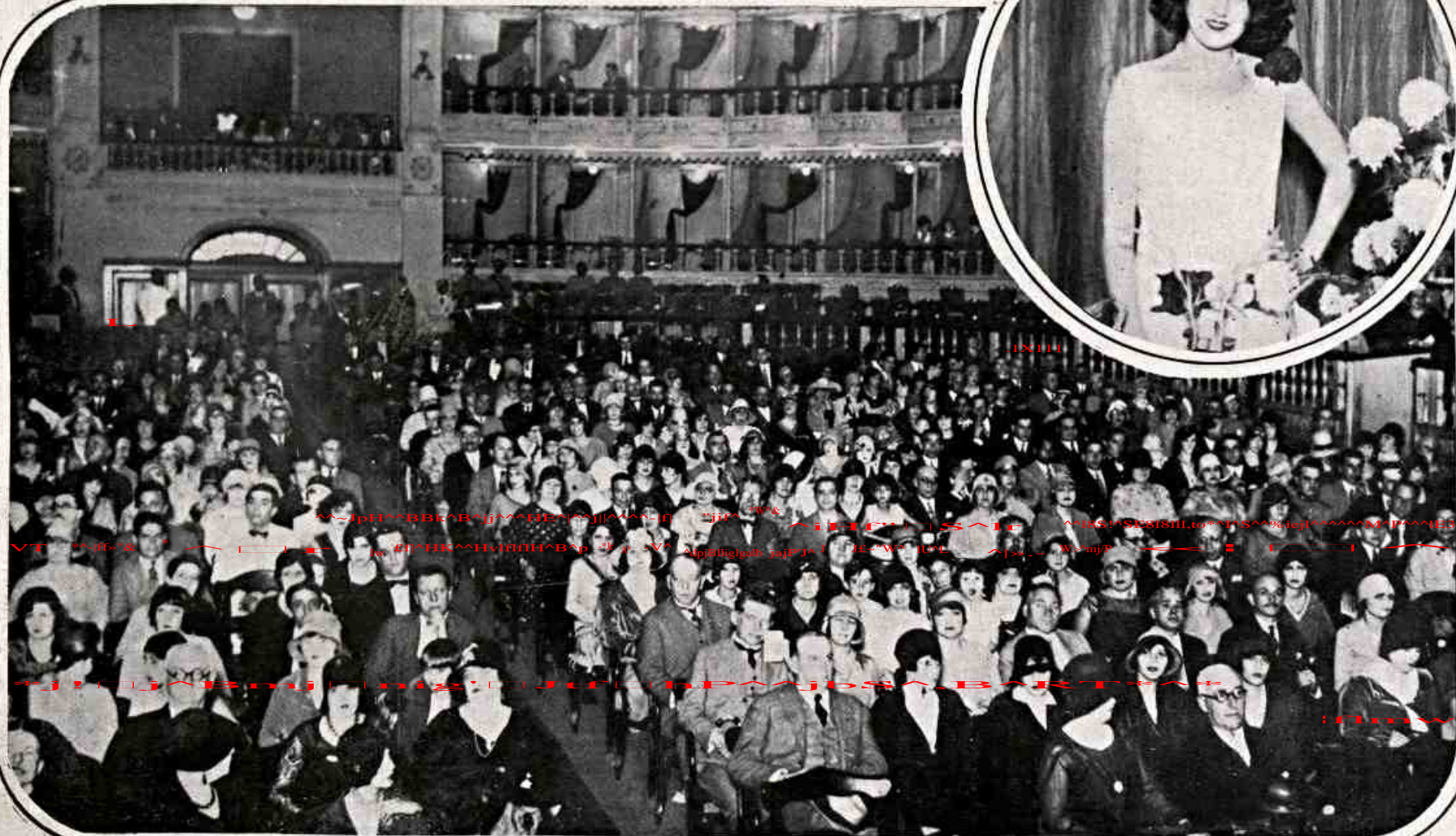
— Sabe que sou millionario.

Jorge perguntou, após uma pausa:

— E tu, Mauro, que lhe dizias?

— De que?

— Da tua vida, das

«Miss Paraná (Didi Caillet), a belleza da terra dos pinheiros, que se tornou o idolo do povo carioca. As flores que a cercam, numa vassalagem perfumada, como bem merece essa princezinha de contos e de lendas, — como diriam poetas — são as flores dos seus admiradores, no dia do seu recital de poesias, em beneficio dos pobres. Essa festa de arte realizou-se no Theatro Lyrico, de cuja platéa damos um flagrante.

:: Lanternas de Papel ::

VITRINA DE ANTIQUARIO

A VIA LACTEA

ELLA corta o céo pelo meio como o rasto empoeirado duma serpente colossal que se tivesse arrastado pelo negrume nocturno do firmamento. O povo da minha terra chama-lhe caminho ou carreiro de S. Tiago. Os latinos denominavam-na a *Via Lactea*.

As theologias antigas achavam que era o mysterioso caminho das almas, cujas sombras leves e leitosas davam ao céo aquelle tom. Longa, immensa procissão de sombras! Os latinos diziam que Juno dera de mamar a Mercurio pequenino, mas logo que soube que elle era filho de Jupiter e Maia, repelliu-o enraivecida e o seu seio salpicou de leite o azul estrellado.

Os sabios pensavam de outra sorte. Para Oenopide de Chios, era a costura do dois hemispherios. Para outros, não passava da antiga rota do sol, que se mudara horrorizado com o que vira no famoso festim de Thyeste. E Manilius escreveu tudo quanto no seu tempo se referia á Via Lactea nas *Astronomicas*.

Até hoje esse listão claro é um mysterio. Agglomeração de estrellas? Nebulosa?

OS SIGNOS DO ZODIACO

AS figuras que marcam as casas do zodiaco são velhas como o mundo e dum symbolismo antiquissimo. A primeira é um Carneiro, um anho, que representa a religião de Aries, dos povos do carneiro, Aryanos, contrapostos aos povos do Touro, Turanianos. O Touro é a segunda. Lembra o touro em que Jupiter se transformou para raptar a Europa e symboliza o Turan na sua luta terrivel contra o occidente. Os Gemeos são os antigos Dioscuros, Castor e Pollux, os irmãos sagrados de Jupiter e da mulher de Tyndaro. O Cancer é aquelle que marca o recuo, o caranguejo que, sahindo dos pantanos de Lerna, beliscou o pé de Hercules, quando este atacou a Hydra. O Leão é o leão de Neméa, que o semi-deus matou. A Virgem é a filha de Nereu e da Aurora, ou melhor de Jupiter e Themis, que viveu na idade de oiro e se immortalizou por sua justiça. O symbolo do equilibrio, a Balança, vem depois. O escorpião é famoso na mythologia pelo seu odio a Orion, que matou com uma picada. O Saggitario é o centauro da fabula. O Capricornio é um monstro terrestre de cauda de peixe. O Aquario lembra a epoca terrivel das chuvas. E os Peixes dizem que a fecundação inicial veio das aguas. E' talvez o mais velho dos symbolos zodiacaes. A gente encontra-o no Egypto nas mais vetustas inscripções dos templos e dos obeliscos.

OS ELEMENTOS

OS elementos primordiaes do mundo variaram muito entre os philosophos antigos, em numero e especie. Para Megasthénes o principal era a agua. Idem para Pherecyde, a terra. E para Anaximandro, o infinito.

O principio geral da existencia estava no ar para Anaximenes e o seu discipulo Diogenes Apolloniate, asseguravam que era por ser elle dotado da razão divina. Xenophanes punha-o na unidade; Anaxágoras, nas partes homogéneas; Pythagoras, nos numeros; Empedocles, na sympathia; Heraclito e Archeláu, no fogo; Epicuro, nos átomos; Parmenides, no quente e no frio; e Athenéu, no quente e no frio, no húmido e no sêco, e no espirito.

Leucippo e Demosthenes faziam consistir os elementos no cheio e no vácuo; Platão, na divindade, nas idéas e na materia; Aristoteles, na materia, na forma e na privação; Zenon, no destino, no fogo, no ar, na terra e na agua; Plinio o Naturalista, no fogo, no ar, na terra, na agua e no sol.

Os modernos estão em desaccordo com os antigos e entre elles proprios. Gassendi admitte como unicos principios geraes a Divindade e o movimento; Fludd, a luz e as trevas; Descartes, a materia subtil, os globulos e as partes decorrentes.

Os alchimistas acceitavam estes elementos: mercurio, enxofre, sal, fleugma e cabeça-morta. Paracelso ajuntava-lhes a quintessencia. Alguns philosophos chegaram até a mostrar uma proporção decupla entre os elementos: o fogo dez vezes mais leve que o ar, o ar dez vezes mais leve que a agua e a a agua dez vezes mais leve que a terra.

A geometria de Platão designava pelo cubo ou hexaedro a solidez da terra, pelo tetraedro ou pyramide a penetração do fogo, pelo octaedro, com suas oito faces regulares, a mobilidade do ar; pelo icosaedro, corpo de vinte faces, a fluidez da agua... Aristoteles dava aos elementos qualidades primitivas elementares: calor e seccura ao fogo; calor e humidade ao ar; frio e seccura á terra; frio e humidade á agua.

«Dona Melindrosa» foi o titulo com que o poeta Tostes Malta, que já é autor de outros poemas — «Adolescencias roseas» e «Revoada» — deu ao seu ultimo livro. Tostes Malta, que é um poeta de sensibilidade fina, revela-se, agora, em «Dona Melindrosa», que é illustrado pelo lapis elegante de J. Carlos, um poeta de subtilezas, afinal — um poeta das mulheres, como está em uso, presentemente.

SEITAS PHILOSOPHICAS

AS principaes seitas philosophicas dos gregos foram estas: os jonicos de Thales de Mileto, os academicos de Socrates e de Platão, divididos em cinco ramos; os segundos academicos de Archesiláu; os terceiros academicos de Lacydes; os quartos academicos de Philon, e os quintos de Antiocho; os peripateticos de Aristoteles; os cyrenaicos de Aristippo; os erectricios de Phedon; os megaricos de Euclydes; os cynicos de Antisthenes; os estoicos de Zenon; os pyrrhonicos ou scepticos de Pyrrhon; os eleatas de Xenophanes; os epicuristas de Epicuro, e os electivos de Potamon de Alexandria.

Escreveu Macrobio que a philosophia procurou aos homens as melhores vantagens, inspirando-lhes o amor da virtude e o horror ao vicio, ligando os homens, creando as leis e adoçando os costumes. Vinda da Phenicia ou da Gallia, ella logo se desenvolveu nas terras argivas do continente e da peninsula, do archipelago e da Jonia maritima, alargando os horizontes da intelligencia, doirando a vida, clareando as almas e preparando para o mundo a sua mais bella herança: a sabedoria grega.

CLAUDIO FRANÇA

A MULHER TRISTE

Eu acredito que, como Schubert, jamais pudesse viver longe das creaturas. Os "outros" me fazem falta; a solidão me é um martyrio. Talvez por essa razão povoei a solidão do meu quarto de retratos, tirados de revistas e jornaes, retratos de gente que nem conheço, mas cuja physionomia me lembra alguma cousa.

Adoro as multidões, adoro collectividades, adoro qualquer effervescencia humana, porque é do tumultuar das turbas que extraio o meu saber.

Gente que passa... Quanta cousa se surprehende na attitude de um transeunte que passa! ou na displicencia de um convidado num salão de festas...

Haverá algo de mais profundo, mais sublime do que a psychologia? A natureza é immutavel, a esthetica urbana facil de comprehender; mas a alma, o "ego" cada minuto mudam de expressão.

Uma viagem de bonde é monotona quando a gente lê os annuncios ou observa as paizagens... Examinae os passageiros com intelligencia e logica: se amaes o romance, em cada vulto lereis um. Se amaes a comedia, em cada gesto tereis uma. Se amaes a tragedia e, se vosso espirito está apto a se deter em detalhes, olhae!

Hontem, quando fui apresentada á senhora do ministro X., senti dentro em mim um estremecimento — presentimento do encontro de alguma "preciosidade".

Estavamos na majestosa residencia do senador Z.

Ali encontrei tambem diplomatas, politicos, jornalistas e escriptores, mulheres encantadoras, algumas na idade áspera de Balzac. Mulheres iguaes, sem importancia, bonecas. Falavam todos francez, num elegante insulto á nossa lingua.

A entrada de um pianista notavel veiu favorecer o meu "estudo". O piano arfou ao primeiro accorde do hymno brasileiro de Gottchalk, e meus olhos afflictos correram avidos a investigar o "phenomeno" que me empolgára...

Era uma mulher loira, elegantissima, impeccavel. Na bocca bem talhada, a ausencia de sorriso, nos labios seccos, a ausencia de beijos.

As mãos, longas e finas, nunca abandonadas a expôr brilhantes: antes, sem a affronta de jóias, sempre unidas, sempre promptas para a prece...

No emtanto, quando o artista terminou, havia prazer e amabilidade nos elogios que lhe fez. Seria então uma farça o seu mysterio? Ou amor a causa banal de sua melancolia?...

Observei-a mais.

Vi-a conversar.

Vi-a sorver aos poucos o sorvete de fruetas.

Vi-a ouvir sem emoção o galanteio de um poeta.

Positivamente, era uma mulher de intimo ferido!

Então, puz-me a recordar a figura mascula de seu esposo, embaixador de um paiz amigo; procurei seu nome entre os ultimos "potins". Nada!

Entretanto, um lacaio que se aproximou, disse-lhe qualquer cousa ao ouvido. (Foi com um rizinho ironico que segui esse incidente). Vi nessa occasião sua physionomia alterar-se estranhamente e, quasi desfigurada, responder ao criado:

— Não! Não!

Pouco depois, se levantou e desappareceu num corredor.

Quiz seguil-a: a discreção não m'o permittiu. Além disso, já não me interessava tanto quanto a principio... Uma adultera! Mas... o acaso estava commigo: a senhora do senador convidou-me a vêr uns livros novos e levou-me pelo mesmo corredor onde sumira a mulher leviana.

Ao penetrarmos na bibliotheca, discretamente illuminada, vimos dois vultos ao fundo.

Ouvimos um sussurar de beijos e de risos...

A luz do "abat-jour" azul deixou-me vêr, decepcionada, a mulher loira abraçada a uma menina linda...

Approximei-me a acarical-a; mas a mãe olhou-me ferozmente, implacavelmente. Revi a mulher dolorosa do salão!

Como eu insistisse, carinhosa, chegou-se á filhinha, quiz escondel-a, mas... eu vi! A criança era aleijada! Tinha as pernas disformes, horriveis, nojentas...

Pela primeira vez, tive a sensação pessoal do soffrimento, mas de um soffrimento infinitamente dolorido.

Era um pouco de maternidade que soluçava dentro de minh'alma...

MAGDALA DA G. OLIVEIRA.

O Club dos Bandeirantes, rendendo uma homenagem a «Miss Paraná» (mlle. Didi Caillet), offereceu-lhe um matte, que resultou num acontecimento mundano de grande brilho. A essa reunião compareceram «misses Rio Grande do Sul» e «Minas Geraes», que se vêem ao alto, no recorte da pagina, e as figuras mais distinctas da nossa alta sociedade.

TREPAÇÕES

ROBERTO e o galante filhinho do dr. Dby Loyola, clinico no Ceará.

MADAME anda tão triste, que a alegria do esposo não consegue distrahil-a. Triste em casa e na rua, nos theatros e nos clubs. Em toda parte ella revela uma suave melancolia, que não fica bem na sua mocidade.

Ainda na ultima festa em que esteve — aquelle baile tão rutilante com que o Automovel Club inaugurou os seus novos salões e o busto de seu benemerito presidente — madame não conseguiu disfarçar a desolada tristeza que a domina, nestes dias humidos de maio. O marido dançava, bebia "champagne" e até, de vez em quando arriscava os olhos para alguma perna mais plastica que lhe passava deante da vista deslumbrada...

Madame, no seu cantinho, pensativa e tranquilla, não se interessava muito pelo baile e limitava-se a contemplar os pares, no salão.

O esposo de madame procurava em vão afastar aquella nuvem de tristeza que envolvia a companheira, num salão tão cheio de alegria e de luzes. Ella, porém, embora sorrisse ás vezes, fingidamente, não sahia das suas attitudes taciturnas e só falava com as amigas quando estas lhe dirigiam a palavra.

E' que ali, como em toda parte nestes dias humidos de maio, madame pensava na sua proxima viagem a um Estado do sul, onde a presença do esposo se torna necessaria.

Madame não se conforma em deixar esta linda terra carioca. E como não póde consentir que o marido vá sózinho, fica triste...

OS salões do Automovel Club esplendiam na noite luminosa de seu grande baile do sabbado que se foi. Havia perfume nos salões. Muito perfume e muitas flores.

Dançava-se. A orchestra desfiava as sonoridades de um tango lento, que enchiam de emoções a alma da gente.

Madame estava silenciosa e inquieta ao lado de sua amiguinha. Silenciosa e quieta olhando o salão deslumbrante dentro daquella "féerie" de côres e de luzes, e olhando os pares que rodopiavam ao som da musica sonhadora. Entre esses pares, um lhe merecia especial attenção: era aquelle em que figurava a casaca irreprehensivel de seu esposo, conhecido escriptor e advogado.

O esposo de madame dançava com uma dama elegante da nossa alta sociedade e palestrava animadamente com seu par. Madame estava vigilante e acompanhava todos os passos dos dançarinos. Sobretudo os passos do dançarino...

Terminado o tango, veiu o escriptor, já sem a dama, para junto de madame, que continuava silenciosa e quieta ao lado de sua amiguinha, cujo marido, por signal, tambem bailára aquelle tango lento, cheio de suavidades sonoras, com uma outra dama que não inspirava muita confiança ás duas esposas solidarias... no zêlo conjugal...

AQUELLE vestido côr de maçã que brilhava naquelle baile elegante, dentro daquelle grande salão doirado, faiscante de luzes, era o alvo, a obsessão de uns olhos languidos de rapaz moreno. O moço, desde que o viu, perdeu a noção do logar onde estava, e ficou desvairado de paixão pela formosa dona daquelle vestido côr de maçã. E entristeceu. E ficou taciturno e desolado. E não dançou mais durante toda a festa... porque aquelle vestido côr de maçã, estando perto, estava tão longe delle...

Pobre Tantalo do Amor!

UMA linda «pose» da menina Gelta, filha do sr. Vidal Rodrigues de Barros e de d. Nair Monteiro de Barros.

(Photo De los Rios)

NA séde de campo da Sociedade Hippica Paulista, as mulheres fazem a sua «torcida» com mais ardor do que os homens. Porque estes se limitam a contemplal-as...

REVERBEROS

Friedman... e Sinhô.

Não queremos, juntando os dois nomes, comparar dois homens e avaliar dois valores.

Não ha termos de comparação entre o Titan do piano e o Rei do Samba.

Porque, num ha genio, talvez; noutro ha quasi que só [illegible]ção.

Queremos unicamente dizer que estão ambos na capital de São Paulo, e no mesmo theatro estão offerecendo aos paulistas as suas audições.

Qual delles tem o paulista admirado mais?

Ora, essa não é pergunta que se faça!

Quem não conhece Friedman? E quem não conhece Sinhô?

Friedman vem dos grandes meios, e nos traz tudo o que ha de genial, e sua arte chegou a um requinte que deslumbra.

E Sinhô... Sinhô não vem de longe; Sinhô parece que sáe de dentro de nós mesmos, de nossos anseios, de nossos sentimentos. Traduz, sem simulações, o que pensamos e o que sentimos.

Não. Não se póde dizer se gostamos mais de Friedman ou si gostamos mais de Sinhô...

O torneio academico de athletismo realizado em São Paulo teve uma séria «torcida» por parte dos alumnos da Faculdade de Direito daquella capital.

(Cançoneta popular italiana)

GRANDES azas azues marchetadas de escuro. Toda uma variação de setim furta-côr, a deslizar do anil intenso ao scintillante prateado. Um pedaço do céu bailando n'amplidão. E ella vagueia aqui, alli, aos curtos impulsos das azas molles e macias, fulgurando ao sol, rapida, volúvel, esquiva, caprichosa.

"Que linda borboleta!" Fitam-n'a um instante olhares encantados, algumas crianças cobiçam-n'a, perseguem-n'a. Banhada de luz, envolta pela brisa, ella foge, leve, tranquilla, graciosa, a sorrir nas chispas argenteas das azas côr das vagas...

Entretanto, alguem, por mais habil, mais constante ou por motivo algum, consegue aprisionar aquelle solto farrapo de auroras passadas. Eil-a a se debater entre dedos, antennas de aço, num revôar febril de poeira azul e prata, angustiada, medrosa, palpitante.

Depois, um acaso — que acaso é tudo nesta vida, a liberdade de uma borboleta como o resultado de nossas acções as melhores calculadas — e as grandes azas de setim macio novamente fremem no espaço, com os mesmos reflexos de saphyra e diamante.

Parte, sobe, sobe muito, como si quizera perder-se, reintegrar-se no manto ethereo de onde fôra, talvez, recortada; baixa, em seguida, e as suas evoluções continuam em torno da agitação curiosa e multicôr das flôres esparsas entre folhagens verdes.

Pelo dia todo, na gloria incandescente do astro do zenith, adeja a borboleta, rutilante e incansavel, alegria do estio que vôa, que brilha, em resposta á alegria cantante das cigarras nas arvores.

A' tardinha, quando o poente inteiro se illumina de purpura, de vermelho e rosa, as montanhas se apagam, vão-se tornando vagas e longinquas, na diluição roxa e cinza que verte o firmamento. As cigarras calam-se num ultimo éco todo vibrante ainda de luz e de calor, e o gritinho friorento e melancolico do grillo principia nas trevas invasoras. Já os pyrilampos vagueiam pelo céu, e as estrellas boiam n'amplidão...

Num canto escuro, entre uma folha solta retorcida, resequida na ultima convulsão ao vento e ao sol, e restos de petalas mortas, molles e humidas, jaz uma mancha azul, num gesto largo de cansaço e de abandono.

Grandes azas marchetadas de escuro, distendidas, rasgadas, grandes azas cahidas sem brilho e sem vida que a brisa faz palpitar ainda com pequenos fremitos bruscos e saudosos de immensidão... cadaver de borboleta... Um nada, uma pequena lamina fina, leve, que em breve se agitará, morta ambulante, ao trabalho surdo e invisivel de milhares de formigas. E pouco antes bailava no espaço, ebria de existencia, de amor, de prazer... Morreu... Magôaram-n'a talvez, ao agarral-a... Nada o diria, entretanto... Vôou o dia inteiro... Porém, sob as azas frouxas e immoveis devia estar o signal escuro da ferida mortal...

PETITE - SOURCE

COM a presença do dr. Júlio Prestes, presidente do Estado, e outras altas autoridades, realizou-se em São Paulo, a 14 do corrente, a inauguração official das obras de tratamento chimico das aguas de Santo Amaro, destinadas ao abastecimento da capital

SEIXOS

Calma... Conforma-te... Sê como eu... Não vês?... Sorrindo o mesmo sorriso de bondade e de perdão para o mundo, mais ironico e mais superior, acceitei o infortúnio tal como o Destino m'o impunha... Sem vacillações e sem blasphemias... Porque, de resto, a Vida raro em raro nos proporciona momentos fugidios de alegria — dessa alegria exterior e brutal que muita gente chama de felicidade... Que illusão, minha amiga! Felicidade é tão sómente o paroxismo da dôr que se traz insepulta no peito!...

A Sociedade Radio Educadora Paulista inaugurou solennemente as suas novas installações, comparecendo ao acto o representante do presidente do Estado e alguns secretários do governo de São Paulo.

E' necessario possuir a imaginação de Shehrazade, — aquella dos contos das «Mil e uma noites», — para conceber a idéa do esplendor asiatico, do luxo, do brilho, do movimento, da scintillação que foi o baile com que o Automovel Club inaugurou os seus novos salões, e, num destes, o busto do dr. Carlos Guinle, presidente daquella elegante sociedade. Num ambiente de galas radiosas, de requintes e «féerie» deslumbrante, á incandescencia das luzes que se irradiavam dos lustros opulentos, moviam-se os valores mais altos da nossa aristocracia mundana: representantes do governo, da diplomacia estrangeira, do commercio, da industria, das finanças, das artes, das letras e do proprio «grand-monde». No ar, a emanação dos perfumes de «élite». No torvelinho elegante, a imponencia das luxuosas casacas e a vaporosidade das «toilettes» diaphanas, sob a faiscação das joias valiosas. Os proprios motivos da musica, frivola e brejeira ganharam um alto prestigio de estylização, no canto dos violinos languidos e excelsos. A' frente da solennidade falou o dr. Nelson Pinto, secretario do Automovel Club, interpretando a significação daquella festa de tão vivos e accentuados matizes. Depois, os tangos lentos, a emoção das danças inquietas, trepidantes, que acceleram o rythmo do coração e accendem enthusiasmos nos nervos. E, por fim, a impressão de um bello sonho oriental, que acaba com «o raiar da fresca madrugada»...

NA sua «Festa de Outomno», que se realizou sexta-feira á noite, na séde da «Cruzada Espiritualista», o Gremio Carioca de Letras e Artes recebeu a conhecida escriptora sra. Rachel Pratto, nossa collaboradora, que alli realizou interessante palestra, subordinada ao thema: «O valor da arte e das letras em todos os tempos». No flagrante acima, que fixa um aspecto dessa recepção, apparece a sra. Rachel Pratto quando lia seu discurso, que foi muito applaudido.

REVERBEROS

São Paulo está entrando francamente no inverno. Não no inverno de facto, que põe pelo corpo da população inteira um arrepio de frio, e uma vontade bem pequena de sahir á rua.

Quer isso dizer, apenas, que vae iniciar-se a época mais interessante e pittoresca da capital paulista.

Não porque venha agora a garôa insinuante e permanente, para toldar o sol e esconder, com seu tenue véu, a cupola do casario atrevido da cidade dos arranha-céos. E não tambem porque se perceba pittoresco e belleza no tremor, no encolhimento dolorido dos humildes que passam depressa pelas ruas, enfrentando o rigor impiedoso do tempo para ganhar o pão de todos os dias.

Mas porque vae agora começar a estação paulista da vaidade e do orgulho; do embellezamento requintado, das mostras deslumbrantes pelos grandes theatros, da vida verdadeira, emfim, do "grand monde" social.

Belleza, riqueza, fascinação... Essas são as tres deusas que descem dos seus altares, sempre que o sol começa a fugir de S. Paulo e que não se vêem mais estrellas pelo céo.

E com ellas, confundindo-se com ellas, substituindo-as ás vezes, vêm o requinte, o orgulho, a vaidade.

Vimos ha pouco uma *limousine* silenciosa que parecia resumir o inverno de S. Paulo.

Passou sem ruido pelo asphalto sem escandalo, sem *klaxon* e sem luz. Parecia que vinha de uma região maravilhosa e que nella se escondiam as tres deusas que desceram dos seus altares. Ellas não se queriam mostrar, e parece que a conselho do orgulho e da vaidade...

Uma coisa, pelo menos, havia por traz daquelles crystaes: belleza. Belleza esquisita, surprehendente, envolvente, no brilho de dois olhos vivos e ardentes que emergiam dos flocos de neve de uma rarissima "renard"...

INAUGUROU-SE a 15 do corrente, e estará aberta até hoje, a exposição de pintura de Candido Portinari, o artista laureado do nosso Salão, e que está em vespera de partir para a Europa, como premio de viagem deste anno da Escola Nacional de Bellas Artes. A solennidade inaugural da exposição do joven pintor brasileiro, no salão do Palace Hotel, constituiu um acontecimento de arte e elegancia, de que a photographia acima nos mostra um detalhe.

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

Geralmente se diz mal dos philosophos, de todos esses visionarios constructores do pensamento, e creadores de doutrinas, qual a mais extravagante, que julgam capazes de satisfazer á ansia e á inquietação da conhecimento humano, sempre em busca da verdade absoluta, como se a verdade absoluta não fosse, de si mesma, inaccessivel ao homem, por isso que ella é a essencia mesma do divino, do que foge ao alcance das especulações da razão, para só se fazer adivinhar e annunciar no sagrado tabernaculo do coração.

Nem sempre, porém, os philosophos são tão negativos nas conclusões a que chegam — negativos, se não nocivos — como se diz. E, por mais que Nietzsche, que tambem foi philosopho, e Chesterton, que tambem o é, os tenham procurado cobrir de ridiculo, dizendo o ultimo que toda a philosophia é um delirio do pensamento, elles — os philosophos — enchem, ás vezes, a vida, mesmo artificialmente, de uma suave consolação.

Está no caso Amiel, cujas paginas de seu *Journal Intime*, não faz muito, acabei de reler, atravês de um interessante estudo de Lucien Pinnert.

Toda a sadia e consoladora philosophia de Amiel gyra em torno da sua celebre phrase: *un paysage est un état de l'ame* e não *un état d'ame*, como se diz. Porque, de accordo com a sua theoria da *despersonalização*, Amiel entendia que todos nós não somos, como em geral se crê, os grilhetas da sua personalidade moral, a que fossemos garroteados, sem della jamais podermos nos evadir. Sendo assim, cada um de nós seria tal homem e nunca outro qualquer. Para Amiel tal não acontece. *Mais feliz que Fantasio é uma brincadeira para elle ser* "ce monsieur qui passe."

Elle não se sente encerrado, preso dentro de determinada e unica personalidade. Sua personalidade desdobra-se ao infinito, ao sabor dos seus desejos. E, por isso, confessa que se sente "caméléon, kaleidoscope, protée, muable et polarisable de toutes les façons."

E muito seriamente, conforme cita um commentador de sua obra, é que elle escreve: eu já fui mathematico, musico, erudito, monge, filho, mãe, etc.

Como? Despersonalizando-se — trabalho que elle dizia fazer o mais facilmente possivel, porque conseguira reduzir a sua personalidade *á l'être de raison qui n'est plus qu'une virtualité*. Essa estranha projecção do "eu", fantasmagorica e feitiça, não deixa de ter o seu encanto e a sua consolação. E' preciso, porém, para tanto, que se chegue á comprehensão, clara e dominadora, de que "l'idéal est plus vrai que le réel."

Assim apparelhado, todo homem poderá, á vontade, "envolver-se numa natureza que é a objectivação de sua natureza espiritual" — isto é, ser o que bem lhe appetecer, mãe, avô, pae, o diabo...

Não pensem que isso é pilheria, sonho, desvario. Nada mais verdadeiro, e philosophicamente comprovado.

Aqui está todo o pensamento do philosopho:

"Todos esses numerosos e maravilhosos symbolos que as formas, as côres, os vegetaes, os seres vivos, a terra e o céo fornecem, a todo momento, ao olho que os sabe ver, me appareciam cheios de encanto e de fascinação. Com a varinha magica á mão, bastava-me tocar com ella um phenomeno qualquer para que elle me contasse sua significação moral. Uma paizagem qualquer é um estado da alma e quem lê, em todas duas, fica maravilhado ao encontrar em ambas similitudes em cada detalhe."

D'ahi o concluir-se que "a natureza não é nem alegre, nem triste: é impassivel. Os homens é que lhe emprestam os seus sentimentos e não é o nosso ser que recebe as impressões do mundo exterior; ao contrario: o mundo exterior é que recebe as modalidades do nosso sentimeto."

E' ou não é consoladora essa philosophia que permitte á gente ser o que bem lhe vier á cabeça?

Façam a experiencia e me dêem, depois, o resultado. Mas não forcem muito as experiencias desse trabalho de mutação de personalidade, para evitar possivel congestionamento no casarão da Praia Vermelha, onde

SENHORA Violeta Rodrigues de Mattos Peixoto, esposa do exmo. sr. dr. Mattos Peixoto, presidente do Estado do Ceará. Dama dotada de excelsos predicados moraes, a senhora Mattos Peixoto, que é um dos mais fulgurantes ornamentos da alta sociedade cearense, em cujo meio se destaca pela sua fina educação, pela fidalguia do seu trato lhano e captivante, tem ainda, a realçar o prestigio de sua nobre figura, o encanto irradiante de sua alma de eleição, de seu scintillante espirito de mulher intelligente e culta. A senhora Mattos Peixoto encontra-se, actualmente, nesta capital, em companhia de seu illustre esposo.

pontifica a sciencia do professor Juliano Moreira...

Por fim, continuarei a ser o que sempre fui — um homem que não sabe bem qual é a sua verdadeira personalidade. E já é bastante.

BONECA NA AVENIDA

A chuva... tres dias de chuva, já entrando pelo quarto, derramaram sobre a cidade as gottas do tédio, do *spleen*.

Boneca, que é a alegria e o sorriso da Avenida, fugiu, desappareceu do movimentado mostruario de elegancia do nosso *grand monde*.

Boneca tambem tem nervos, nervos que se arrepiam facilmente, ao contacto dos arrepios do mau tempo. E, enervada, tomada de *spleen*, cheia de tédio, metteu-se em casa, friorenta e *aguaée*, a olhar, através das vidraças embaciadas do seu palacio de fadas, a pobre vida que passava, desconsolada e triste, aos seus pés de princeza, cercada de conforto e de carinho.

Emquanto isso, a Avenida e o coração da gente, sentindo a sua falta, mais intensa e profundamente sentia o "peso" do mau tempo.

O sol, porém, — louvado seja Deus! — este quente e maravilhoso sol carioca, já começou, ainda desconfiado e timido, a fazer festinhas mornas á gente, numa primicia de caricias que promettem compensar todos os aborrecimentos destes ultimos dias. E, com elle, Boneca reapparecerá, enchendo de alegria e de graça, de belleza e de encanto, a maravilhosa alameda de flores humanas que é a Avenida.

PETIT BLEU

Meu grande amor, lá fóra o crepusculo desce sobre a cidade com o mysterio de uma prece da natureza, que se concentra e recolhe... E minha alma e meu coração, concentrados e recolhidos, agitam tambem, dentro de si o mysterio da sua tristeza, da sombra crepuscular que sobre elles desceu, ao elevarem para ti, distante, a prece da sua saudade.

Meu amor, sobre a cidade, velada pela cinza do crepusculo, a chuva se desfia, gotta a gotta, lento e lento.

Lá fóra,

L'étoile du soir luit d'un éclat humide,

e,

Les feux de la cité, là-bas, ont l'air mouillés.

E, molhados tambem, tenho eu os olhos, os meus olhos que te buscam ansiosos, em meio a esta nevoa crepuscular que me enche de tristeza o coração.

Meu amor, por que não me trazes o sol quente de teus olhos negros e o illuminado sorriso da floração de primavera de teus labios vermelhos, cheios de beijos e de carinhos?...

Assim, tendo-te ao seu lado, mesmo que lhe falte o sol, meu coração fica em festa, e vibra e canta, feliz, porque

Au lieu de lumière, la joie
L'éclaire á son soleil plus fort.

SEARA ALHEIA

LA PARTIDA

Eloy Fariña Nuñez.

Estábamos los dos, mudos de espanto,
junto al mar del olvido y la amargura,
con nuestros corazones sin ventura
por habernos querido acaso tanto.

Deshecha toda en silencioso llanto,
me señalaste, en la extensión obscura,
como una blanca y móvil vestidura...
Llegó la nave y me envolví en mi manto.

Frente al mar de los trágicos adioses,
con la suprema calma de los dioses
nos despedimos sin melancolía.

Mas, al partir la nave y mi quimera,
me tendí desolado en la ribera,
bajo la noche lívida y sombría.

ESTRELLAS CADENTES

Como aquelle peregrino da dôr, que o poeta rumaico Panait Cerna cantou em "Separação", páro, em meio ao caminho da minha vida, exhausto e desilludido.

Páro e distendo sobre a estrada percorrida a mystica *Via Lactea* do meu soffrimento e da minha angustia.

Dentro de mim, num soluço, num rebentar de cordas que estalam, a Illusão que me arrastou pelas estradas do sonho e da fantasia, diz-me ainda que espere.

"Espêre.

— Em quê?

— Dans le répos qui vient après que les yeux sont fermés."

E, como o suave poeta de "Separação", eu chamo o somno, que me havia esquecido, o somno doce, sorridente e abençoado como o somno dos dias da minha infancia. Mas elle, que me chega e me cerra, a pouco e pouco, as palpebras, "traz nos seus olhos uma gotta de morte", e fala-me:

"Dorme depressa, dorme em paz e sonha, para que o teu passado luminoso possa durar ainda, porque a tua vida está quebrada."

Uma ansia de viver, de ser feliz ainda, agita-me, porém, de novo, o coração. E estendo, sobre a estrada

ZILAH de Moura Brito é a joven pianista, 1.º premio Medalha de Ouro do Instituto Nacional de Musica, que no proximo sabbado, 1.º de junho, realizará um recital, no salão nobre do mesmo Instituto. A artista brasileira interpretará Bach, Beethoven, Chopin, Brahms, Strauss, Charley Lachmund, Gernsheim e Liszt.

(Photo De los Rios)

Poeirenta do passado, a retina afflicta e entristecida. Por que não viver, intensa e profundamente, dos sonhos que o illuminaram? Por que não reavivar, dentro de mim, a chamma sagrada do amor que o incendeu, do enthusiasmo que o fez cantar, da alegria que o encheu de beijos e ungiu de carinho?

Ante a realidade do presente, tão dura e tão cruel, e as sombras do futuro, a alma do meu passado é um grito de desolação.

Desesperar?...

Peut-être l'avenir me gardait-il encore
Un rétour de bonheur dont l'espoir est perdu...

SORRINDO...

Quando, á beira-mar, contemplo, extatico e deslumbrado, o corpo magnifico, que o teu *maillot* desenha, em linhas suaves e doces, assalta-me a mente a impressão de que és uma linda nereida, emergida do glauco mysterio do oceano, para o encanto e delicia de meus olhos.

A espuma branca das ondas que vêm morrer a teus pés, numa caricia de beijos pagãos, é como o leite sadio e cheiroso de outras éras, aquelle leite que — diz a fabula — guardava o sagrado olor que embalsamava o corpo olympico e majestoso da deusa prodiga e fecunda do amor.

Exaltado e febricitante, como os olhos deslumbrados, sorvo a linha curva que traceja o teu corpo escultural. E, para enlevo e eternidade do meu amor, do culto pagão que te rendo, oh divina Hebe da minha adoração, que me dás o nectar e a ambrosia de que vivem todos os amantes, tenho, ás vezes, desejo de gritar-te:

Immobilise-toi lentement: sois statue!

Isso para que tu te perpetuasses, em *maillot*, como estás, agora, para eterna festa e exaltação de minha alma e de meu coração...

POMBO-CORREIO

Maria do Céo, meu bom e suave amor — Agora já sou eu que estou inquieto — inquieto porque, ha duas semanas, as *Rosas de Santa Therezinha* — como intitulei a sua correspondencia commigo, minha querida — não se desfolham e perfumam o ambiente em que vivo, a terra abandonada de meu coração, océo sombrio e triste de minha alma.

Maria do Céo, por que você não me escreve? Por que, tão bruscamente, interrompeu a sua correspondencia, deixando-me entregue á duvida e ao mais cruel soffrimento?

Não terá você recebido o meu ultimo *Pombo-Correio* — aquelle que lhe levou, com toda a minha saudade, a alma e o coração, a você para sempre consagrados?

Por que, minha adorada Santa Therezinha, *mon ame et son secret*, a esta hora, certo que já estarão completamente revelados a você.

Não comprehendo, assim, o seu silencio, esse silencio que tanto me vem fazendo soffrer!

Maria do Céo, meu amor, escreva-me e envie-me, quanto antes, uma braçada dessas rosas mysticas que tão prodigamente vicejam no jardim paradisiaco de seu coração e que são, hoje, o meu encanto e a minha consolação, o meu enlevo e o meu orgulho...

SOCIEDADE

Elegancias — Um acontecimento social de raro encanto e de intenso deslumbramento, foi, a semana passada, o grandioso baile com que a directoria do Automovel Club do Brasil commemorou a inauguração de seus novos e sumptuosos salões, bem como o busto de seu illustre presidente, dr. Carlos Guinle, que se encontra, actualmente, na Europa.

No antigo *fumoir*, que é, hoje, um dos novos e luxuosos salões do club, decorado e mobiliado com um bom gosto fino e distincto, foi collocado o busto do presidente homenageado, tendo fallado, então, em nome de seus demais collegas da directoria, o dr. Nelson Pinto, que produziu um lindo discurso fazendo o elogio da obra de Carlos Guinle.

Os outros novos salões — o destinado a repouso das senhoras e o de inverno — ambos honram as tradições de bom gosto e conforto do Automovel Club do Brasil.

O motivo, assim, da grande e imponente festa alli levada a effeito auspiciava á mesma um exito e um brilhantismo fóra do commum. E, com o baile de sabbado ultimo, a sympathica e fidalga sociedade marcou, de facto, uma victoria magnifica na vida elegante e mundana desta capital, reunindo nos seus vastos salões, illuminados a rigor, e linda e artisticamente ornamentados, a *haute gomme* da sociedade carioca.

«FON-FON» NO CEARÁ

MADAME Gustavo Barroso, em Fortaleza, onde se encontra actualmente, ao lado da exma. esposa do nosso collega, dr. Gilberto Camara, presidente da Associação Cearense de Imprensa.

PAINEL DE AZULEJOS

LINGUA BRASILEIRA

Os norte-americanos estão vulgarizando a idéa de que não falam mais o inglês e sim um dialecto desse idioma. Nós no Brasil precisamos incutir no animo de toda a gente que falamos o brasileiro. Não ha mais razões para que continuemos a falar o portuguez. Somos quarenta milhões de almas e dentro de meio seculo seremos cento e cincoenta milhões. Temos o direito de considerar nossa, modificada por nós, pelo nosso falar e pelo nosso escrever, pelas nossas condições economicas e geographicas, sociaes e politicas, pelo nosso dynamismo e pelo nosso progresso, a velha lingua que herdamos. O grande philologo Webster escreveu a proposito: "Logo depois que duas raças de homens, de estirpe commum, se separam e se collocam em regiões distantes, a lingua de cada qual começa a divergir por varios modos."

E' uma fatalidade inexoravel a lingua brasileira. Estamos já dentro della.

O joven engenheiro Cyro Lustosa, que foi o orador official da turma que acaba de deixar a Escola Polytechnica da Universidade do Rio de Janeiro, e é um brilhante espirito, tendo vencido o seu curso com varias distincções.

(Annunciato — Photo)

DEFINIÇÃO DO GOSTO

"O gosto aprimora-se pelos mesmos meios que a sabedoria... A gente aprende. Tanto em vêr como em sentir, ou antes uma vida fóra do commum não é mais do que o resultado dum sentimento delicado e fino... Quantas coisas se não percebem sinão pelo sentimento e que é difficil julgar!... O gosto é de certa forma o microscopio da razão; elle é quem põe as pequenas coisas ao seu alcance, e suas operações começam onde se detêm as da ultima. Que se precisa, portanto, para cultival-o? Aprender a vêr como se aprende a sentir."

J. J. ROUSSEAU

O AMOR

Chateaubriand pedia o amor para achar bella a paizagem. Elle amaria a macieira batida do vento, esgalhada e emmurchecida, as flôres miudas e feiosas da borda dos pantanos, o riacho pêco e barrento, o musgo lodento que se apega no rochedo — si a cada uma dessas coisas se prendesse uma lembrança de amor.

A luz do amor — saudade, alegria, tristeza — é que illuminaria essas nadas e as nimbaria de encantos. Somente ella seria capaz de dar a esses quadros a graça que por si sós possuiam, de vestil-os de encantos e de perfeições até então desconhecidas...

O amor é, assim, o grande magico. Elle enfeita as criaturas que nos offerece com uma belleza sem par, junto da qual Laís de Corintho, Aspasia ou Phrynéa desmaiariam de inveja. Elle enriquece de thesouros de Ali Babá as imaginações incendiadas no seu fogo sagrado. Elle semeia de prazeres o caminho dos que se adoram. Elle orna de atavios preciosos os recantos menos bellos e enche de celeste poesia todos os cantos da terra.

Caprichoso e doidivanas, vae arrastando em pós de seus brilhantes encantamentos a vasta farandola dos sexos que se unem, vibram, gozam e padecem por sua causa. Vicia as almas dos voluptuosos e dos sentimentaes — que não podem mais viver sem elle, para quem elle se torna a morphina entorpecente, o abysmo do esquecimento e, ao mesmo tempo, das eternas recordações — espinhos, espinhos e espinhos cobertos de rosas...

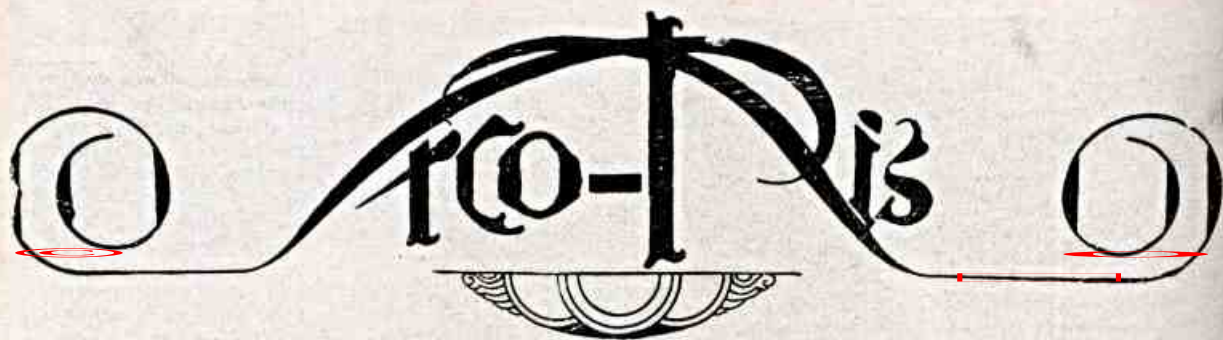
E o amor é capaz de nos fazer crêr, na bahia de Guanabara, a bordo duma duma infecta barca de Nictheroy, que estamos nas lagunas esmeraldinas de Veneza, entre os renques dos palacios byzantinos esmaltados e doirados, vogando sobre o aurifulgente e espectaculoso Bucentauro. E aquella que ao nosso braço se pendura, subtil e leve no seu vestido collante moderno, com uma

JOÃO Guimarães, joven poeta, que acaba de publicar o seu livro de mocidade, «Beijos profanos», onde canta as suas primeiras emoções lyricas, com grande e ingenuo enthusiasmo.

touca singela de feltro á cabeça, é a Dogareza e empavezada, heraldica e solemne, que ...sourit au negrillon qui lui poste la queue...

D. JAYME

UM grupo de medicos brasileiros, no Hospital Lariboisière, onde fazem seu curso de aperfeiçoamento cirúrgico, sob a direcção do prof. G. Maréon. Da esquerda para a direita: drs. Nery de Siqueira e Silva (S. Paulo), Pires Gayoso (Therezina — Piauhy), Caldeira de Moura (Ouro Preto — E. de Minas), Antonio Coragem (Guaxupé — E. de Minas), Rosa Martins (Orlandia — S. Paulo), prof. G. Maréon, Hudson de Souza Fontes (Magdalena — E. do Rio), Marques da Rocha (Floriano — E. do Piauhy), Euclydes da Silveira Campos (São Manoel — E. de São Paulo), Macario de Mello Filho (Bebedouro — E. S. Paulo), e José de Barros Coelho (Pelotas — R. G. do Sul).

OS novos directores do Instituto Brasileiro de Estomatologia, por occasião de serem empossados em seus cargos. Ao centro, o dr. Chryso Fontes, docente da nossa Faculdade de Medicina, e que é o presidente actual daquelle Instituto.

CONCERTO, EM FAMILIA

Num recanto da Urca,
na ultima curva da bahia,
naquella, onde, na barra, se bifurca
o rumo sul do rumo norte, á beira
do pedragal enorme e á orla macia
da praia, ha um palacete socegado,
sereno e claro, que é uma verdadeira
maravilha
de gosto e discreção.
Casa de tres: mulher, marido e filha,
mas o casal é tão relacionado
e tão querido, que, dia sim, dia não,
com ou sem festa,
o lustre accende-se e se apresta
a receber amigos o salão.

— Você gosta de musica? E de versos?
Um nocturno? uma estrophe?
Novos ou velhos? Strawinski ou Gluck?
Tenho os nervos dispersos...
— Não é blague, nem "truc"...
Uma sonata simples, uma estrophe
candida... um meio-termo...
Dê-me Ralph, em "Fileuse". Ou Rachmannoff,
em "Polichinello"...
Para quem traz o coração enfermo,
nem Soror Beatriz, nem Dona Cunegundes...
Nem "jazz" de gaitas, nem "de profundis"
de harmonium e violoncello.

Num dos recantos
do salão admiravel,
mostram-me Astréa Santos,
um passarinho louro,
um passarinho simples e adoravel.
Quinze annos, quinze petalas. Ou quinze
notas de musica. E' um sonho que promette.
— Não divague, poeta, não "ranzinze".
Olhe, em musica as notas são só sete...

Astréa enche-me a noite, com um programma
improvisado. Esplendida surpresa!
Grieg e Chopin. A neve e a flamma,
a luz extincta e a labareda accesa.

— Gostou, doutor? E' a primeira vez
que ella se faz ouvir por mais de tres.
— Pois interpreta já com taes encantos...
— Nada, doutor, é a estréa...
— Eu sei. E' a Astréa,
a Astréa Santos...

NOMES...

Enganou o marido...
Quiz ameaçal-o, affrontal-o,
mandou matal-o...
O amante, bem mandado e destemido,
sahiu ferido,
morreu como o marido...
Ella, talvez, se julgue pura:
Tudo é possivel nesta terra
que habitamos!
Como se chama essa criatura?
Proserpina
Guerra?
Chama-se Evangelina...
Eva... Angelica... Flôres... Nobre... Ramos...

NESTE momento da vida publica nacional a individualidade do presidente Mattos Peixoto, do Ceará, projecta-se e destaca-se, no scenario da actividade politica e administrativa do paiz, num relevo forte, de linhas claras e accentuadas, que bem traçejam e focalizam a expressiva e prestigiosa figura do illustre chefe do executivo cearense.

Moço, enthusiasta, cheio de fé nos destinos da patria commum, e, em particular, nos do seu Estado, o presidente Mattos Peixoto, amparado e apoiado pela honrosa e esclarecida maioria da opinião cearense, vem realizando naquella futurosa unidade da Federação um governo tão elevado nos seus propositos que o inspiram, como efficiente e benefico nos resultados praticos de sua magnifica e fecunda actuação.

DR. José Carlos de Mattos Peixoto, presidente do Estado do Ceará.

O Ceará de hoje e a acção pragmatica e fecunda do Presidente Mattos Peixoto

Aliás, o exito dessa administração, ainda ha pouco inaugurada, não era de surprehender. Ao actual mandatario da confiança publica cearense, em boa hora investido nas altas funcções do cargo a que vem honrando, sobejavam as qualidades precipuas para o amplo e satisfatorio desempenho do mandato que lhe fôra conferido.

Intelligencia das mais robustas e mais bem orientadas do Ceará contemporaneo, servida por uma cultura solida e variada, o dr. Mattos Peixoto, que é notavel jurista e professor de direito, tinha ainda, a realçar-lhe a individualidade, a sua formação de *self made man*, na qual temperou e aprimorou o seu nobre patrimonio de virtudes civicas e moraes.

Ex-secretario de Estado e representante da sua terra na Camara Federal dos Deputados, de que foi illustre vice-presidente, o eminente chefe do governo cearense vem correspondendo amplamente á confiança que nelle depositaram os seus conterrâneos.

Seu programma de governo, que tanto agradou, não ficou, como geralmente acontece, em promessas vagas: s. excia. o vem realizando, de accordo com as condições orçamentarias do Estado, numa acção longa e bemfazeja de politica de reconstituição financeira, de trabalho e de salutar estimulo economico. O exito obtido pelas suas iniciativas está a attestar o intelligente e constante esforço de sua administração, no sentido de alargar, de dar maior amplitude e desenvolvimento á actividade e ao trabalho do Estado nas suas multiplas e complexas manifestações.

O testemunho dos factos, neste breve transcurso de tempo, pois sua excia. ainda não completou o seu primeiro anno de governo, já se avantaja á melhor espectativa dos que, confiantes, aguardavam a acção do illustre homem publico, que logo, numa visão de conjuncto, alcançou e comprehendeu, na sua feição concreta e positiva, toda a realidade do complexo problema da administração cearense.

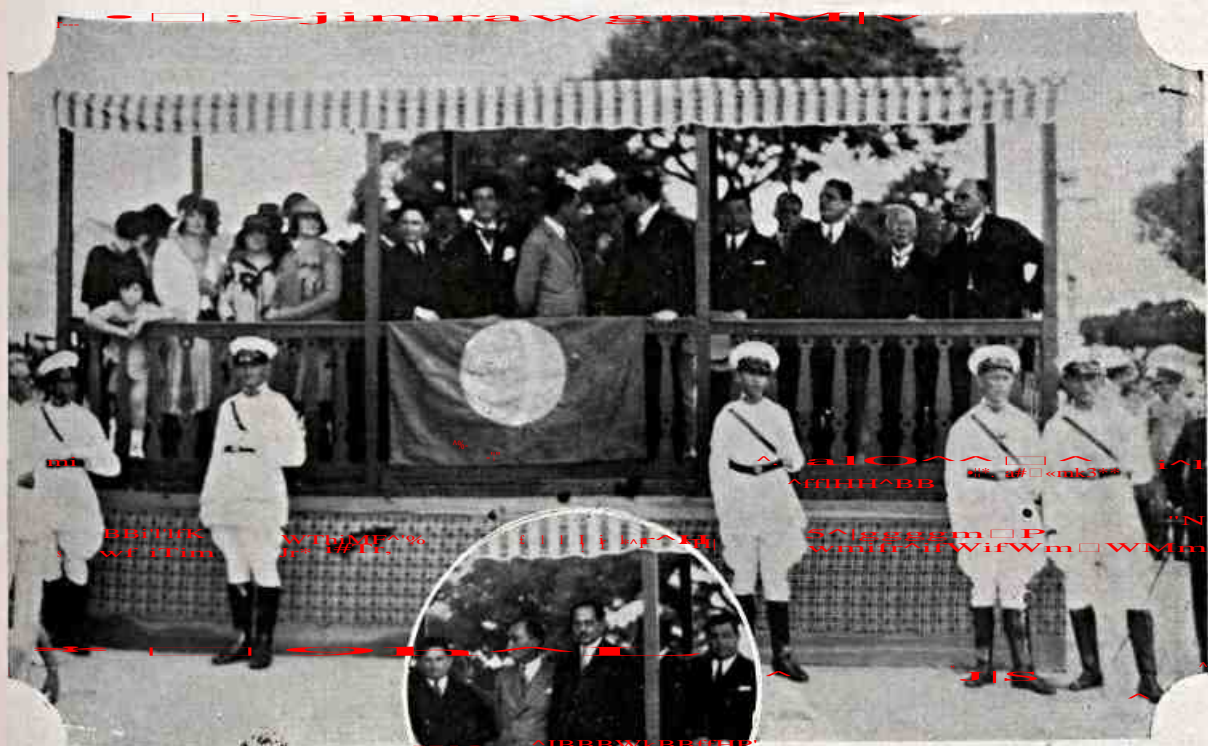
Remodelando varios serviços publicos, ou creando outros, o presidente Mattos Peixoto logrou, assim, dar maior efficiencia ao apparelhamento administrativo do Estado. Faltavam á agricultura cearense, a conveniencia e a vantagem de um departamento especial, e esse orgão sua excia. o creou, recentemente, afim de melhor poder realizar a sua politica de estimulo e protecção da producção local. Não passou tambem despercebida ao illustre estadista a importancia da collaboração das municipalidades na obra de reconstituição e impulso economico que iria emprehender. E, com esse proposito, reuniu, em Fortaleza, em fins do anno proximo passado, um congresso das municipalidades do Estado, em que tomaram parte todos os chefes das communas cearenses. Os assumptos, as theses discutidas nesse memoravel certamen offereceram ensejo a s. excia. de, melhor orientado, poder coordenar mais vantajosamente, a acção dos municipios na obra de bem publico que tomára a hombros realizar.

O dr. Mattos Peixoto em companhia do dr. Gustavo Barroso, redactor-chefe de FON-FON, e illustre membro da Academia Brasileira de Letras, instituto que representou por occasião de se festejar, no Ceará, o centenario de José de Alencar.

Outro *facies* do problema cearense, que vem merecendo especial attenção do presidente Mattos Peixoto, é o que diz respeito á instrucção publica do Estado. Sua administração, nesse sentido, vem sendo das mais proveitosas e beneficas. Reformados, com segurança e efficiencia, os processos de ensino, de modo a adaptal-os ás condições e ás necessidades locaes, s. excia. empenha-se, actualmente, pela maior disseminação de escolas, observando o criterio da maior densidade das camadas populares para a efficiente localização das mesmas. Assim é que, dentro de breve tempo, serão

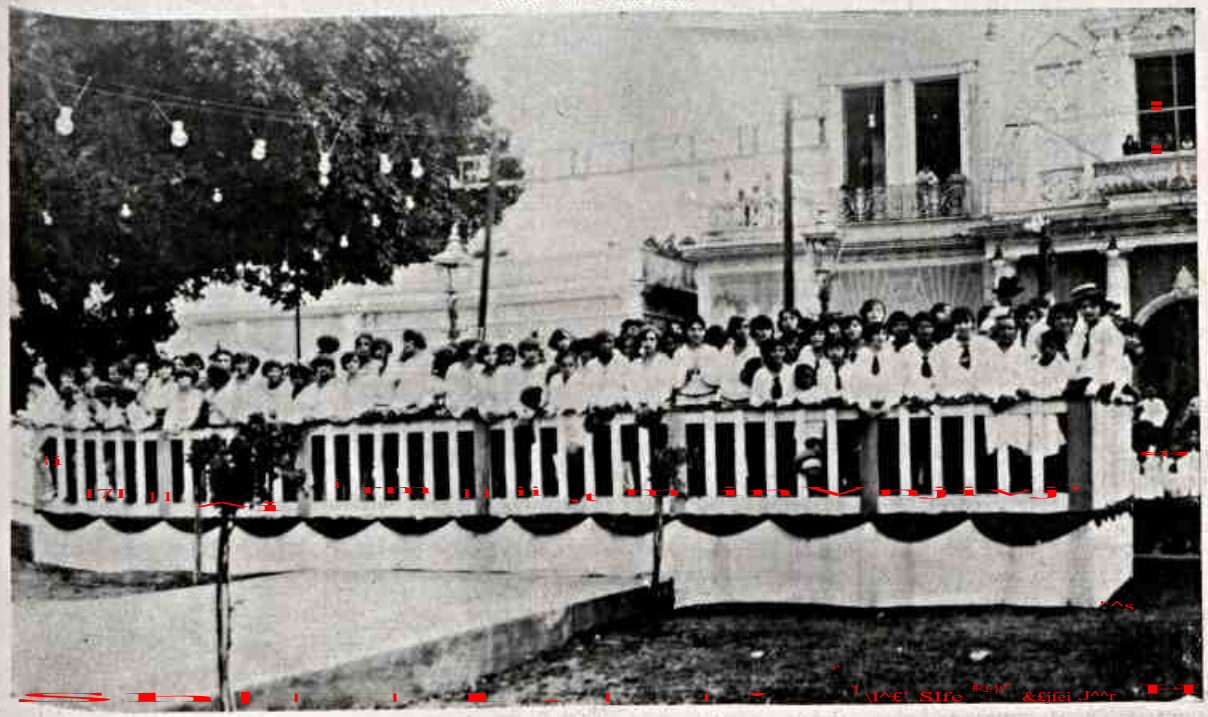
A estatua de José de Alencar, ha pouco inaugurada, em Fortaleza, na praça que tomou o nome do immortal creador de «Iracema»; e, no oval, o autor do monumento, o esculptor Humberto Cozzo, em companhia do nosso collega, dr. Gilberto Camara, presidente da Associação Cearense de Imprensa, e esforçado promotor do patriotico emprehendimento.

creadas mais cem escolas no Estado, quando o Ceará, na sua dotação orçamentaria, já expende somma bem apreciavel com a instrucção publica. Espirito affeiçoado a todo o progresso da sciencia pedagogica, o presidente Mattos Peixoto, que, durante largos annos, exerceu o magisterio, é um devotado aos problemas da educação popular e da cultura geral.

Não só nesse terreno, nesse campo de acção, tem s. excia cooperado para o engrandecimento de sua terra: o presidente Mattos Peixoto está a effectivar, em todos os dominios que a sua autoridade abrange, um governo inspirado, até nos minimos detalhes, nos verdadeiros

... precipuos interesses da communhão cearense — governo feito de trabalho pertinaz, de acção continuada, sem desfallecimentos, de seriedade administrativa, de ordem e de segurança collectiva.

São de s. excia. as palavras que se seguem, formuladas em entrevista concedida a um matutino desta capital:

«O Ceará tem no momento aquillo de que mais precisa: ordem e inverno. São esses os factores do progresso do meu Estado. O povo é laborioso e os recursos da terra são grandes. Com a ordem que resulta de uma orientação politica equilibrada e respeitadora dos direitos do povo e com o inverno, que infelizmente escapa ao dominio da vontade humana, o Ceará caminha para a frente, inspirado na justa ambição e louvavel estimulo de acompanhar os seus irmãos mais adeantados, que fazem a honra da patria commum.

O pavilhão official, erguido por occasião da ceremonia da inauguração do monumento de José de Alencar, vendo-se o dr. Mattos Peixoto, presidente do Ceará, entre altas autoridades, o dr. Gustavo Barroso, o esculptor Humberto Cozzo, e varias personalidades de destaque no meio social e intellectual de Fortaleza.

Um lindo grupo de alumnas das escolas de Fortaleza.

O meu trabalho preliminar no governo foi o de restabelecer a confiança do povo no poder publico. Circumstancias de toda a natureza haviam concorrido para que o "cangaceirismo" estabelecesse nos sertões cearenses o seu quartel general.

Tive a felicidade de corresponder, nesse particular, á espectativa do povo. Os criminosos são perseguidos pela justiça e punidos de accordo com a lei. Os sertanejos podem trabalhar em plena tranquillidade, certos de que o governo vigia pela segurança de todos os direitos."

Consagrando as mais liberaes conquistas democraticas da actualidade, o Ceará inaugurou, ainda ha pouco e, pela primeira vez, no Brasil, o regimen do voto secreto. Coube ao presidente Mattos Peixoto a honra de se ferirem, no seu governo, os dois primeiros pleitos do novo regimen eleitoral. E s. excia. sahiu-se galhardamente, assegurando a todos a livre manifestação das urnas, com applausos geraes da opinião publica do Estado.

Ha problemas, porém, estreitamente vinculados á economia cearense que, pela sua complexidade e pelo vulto da somma necessaria á sua immediata solução pratica, não podem ser resolvidos pelo só esforço da administração estadual: entre esses, entravando, de vez em vez, os surtos da expansão e do progresso do Ceará, o relativo ao phenomeno climatico das seccas e tambem o attinente ao porto de Fortaleza.

A construcção da grande barragem de Orós, que seria o maior lago artificial do mundo, e cujo tamanho se aproximaria do da bahia de Guanabara, com a sua capacidade de 3.200.000.000 de metros cubicos d'agua, bem como a construcção do porto de Fortaleza, constituem, no momento, o objectivo principal da actual estadia do presidente Mattos **Peixoto**, nesta capital.

A esse respeito assim se externou s. excia.:

"O objectivo de minha viagem ao Rio de Janeiro são certos interesses economicos do Ceará e que só podem ser tratados convenientemente num entendimento directo com o governo federal. Taes interesses são muitos, mas quero pôr em relevo apenas dois delles: o açude de Orós e o porto de Fortaleza. Ambos representam conquistas de primeira ordem para o desenvolvimento economico do Ceará. O açude de Orós será uma preciosidade para grande parte das varzeas do rio Jaguaribe, terras de extraordinaria riqueza, que, segundo affirmação do engenheiro inglez O' Meara, até poderiam ser exportadas como adubo.

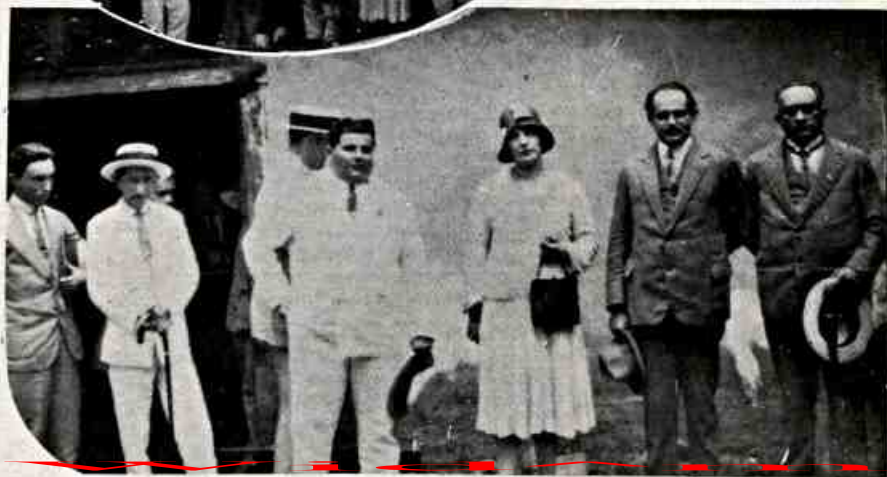
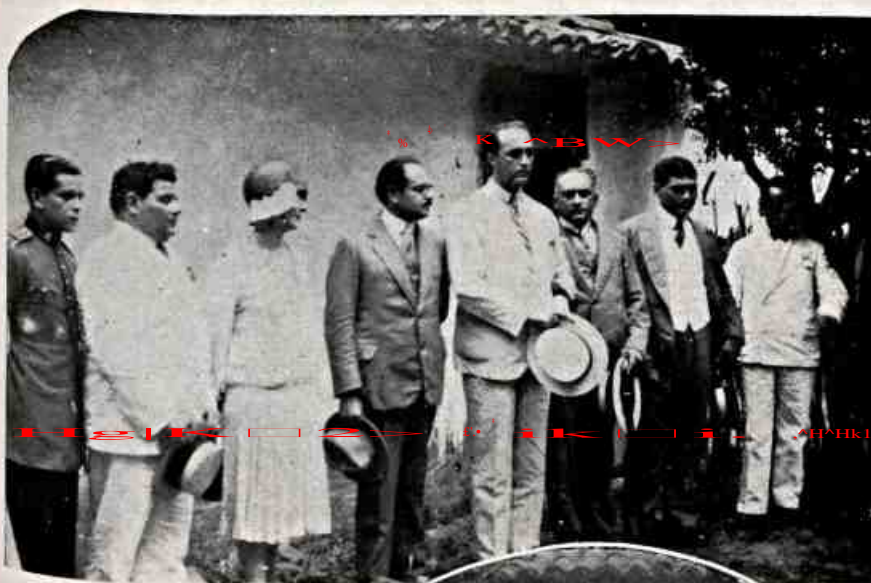
O Orós daria para irrigar oitenta mil hectares de terras proprias para o cultivo da canna, do algodão e de cereaes, dando uma renda liquida annual de quarenta mil contos. Calculo em mais de quatro mil contos a renda provinda da exploração directa do reservatorio, pesca, navegação e energia electrica.

Só essa barragem resolveria setenta por cento dos problemas das seccas, segundo affirma o dr. Thomas Pompeu Sobrinho, que é um technico no assumpto."

Gyram, assim, em torno dos interesses mais palpitantes e mais vitaes do Ceará, as inspirações e os patrioticos propositos do seu actual governo.

Não é menos interessante, na firmeza de suas attitudes e no espirito de tolerancia em que se inspira, a physionomia politica do illustre chefe do executivo cearense. A sua politica — declara sua excia., com a franqueza que caracteriza todos os gestos do homem publico — é a politica do presidente da Republica.

E tem razão para assim se definir: ao chefe da Nação, no nosso regimen politico, cabe a maior somma das responsabilidades da direcção e orientação da vida publica do paiz: é a autoridade que representa o poder central, o poder que se poderia dizer coordenador dos demais poderes e de toda a actividade nacio-

[illegible] flagrante colhido na capital cearense, na antiga praça Marquez do Herval, hoje José de Alencar, momentos antes de ser inaugurada officialmente a estatua do glorioso autor do «Guarany», que apparece, ainda velada, ao centro.

A cerimonia da apposição da placa commemorativa do nascimento de José de Alencar, na modesta casinha em que, a 1º de março de 1829, veiu á luz o glorioso filho do Ceará, foi expressiva e tocante na sua singeleza. As gravuras desta pagina representam, ao alto, um grupo á porta da referida casa, vendo-se o presidente Mattos Peixoto, o dr. Gustavo Barroso e senhora, Clovis Mattos, dr. Antonio Furtado, dr. Brasil Pinheiro e outros; no medalhão, grupo apanhado á porta do quarto em que nasceu José de Alencar; a seguir, outro grupo, onde se vê o presidente do Estado, dr Mattos Peixoto, entre os srs Brasil Pinheiro, secretario da presidencia, e Clovis Mattos, secretario da Prefeitura de Fortaleza, e a humilde casinha de nascimento do grande escriptor.

nal. E, para a construcção de um Brasil cada vez maior, é natural e é logico que os representantes autorizados dos poderes estaduaes, sem quebra da autonomia que lhes confere a Constituição da Republica, inspirem a sua acção politica nos principios e pontos de vista em que o chefe da Nação tenha porventura moldado o seu programma de governo e os objectivos do conjuncto de realizações politico-administrativas que nelle se comprehendam.

No Estado, a actuação politica do presidente Mattos Peixoto tem sido larga, liberal e tolerante. Attestam-no os resultados dos ultimos pleitos para a renovação dos governos municipaes e da assembléa estadual, e, sobretudo, o incondicional apoio e applauso que lhe vem prestando a opinião cearense.

Ha, ainda, uma feição nobre e profundamente sympathica dessa mentalidade nova e sadia que superintende, neste momento, os altos destinos da terra cearense, e que carece ser assignalada: o enthusiasmo civico que a anima, ainda ha pouco tão eloquentemente comprovado nas brilhantes commemorações da data do centenario do nascimento de José de Alencar — o immortal creador do romance brasileiro.

A's homenagens de caracter popular que, em todo o Brasil, foram tributadas ao glorioso autor de "Iracema" e do "Guarany", de ha muito se associara o presidente Mattos Peixoto, não só mandando editar as obras do excelso escriptor, como contribuindo para a erecção do seu monumento, em Fortaleza, e para o brilhantismo da cerimonia commemorativa do seu centenario.

FON-FON illustra copiosamente o que foi a grande manifestação civica tributada pelo Ceará de hoje, grande, forte e cheio de esperanças, ao maior de seus filhos — a José de Alencar, e sente-se bem em render ao presidente Mattos Peixoto esta homenagem de apreço e de admiração.

SOMBRAS CHINEZAS

PHOTO FILM DA CIDADE

— Allô! Allô!...
— Allô...
— E' Esaú?
— Sim. E' elle mesmo... Quem está falando?

PUBLICISTAS DO NORTE

O dr. Adaucto de Alencar Fernandes é um nome que se vem recommendando nos nossos circulos intellectuaes pelo seu talento e cultura. Autor de varias obras, o illustre polygrapho, ainda ha pouco, publicou um novo livro — «O Amazonas» — no qual estuda a bacia do rio-mar e a estructura geologica do valle amazonico.

• • •

— Esaúzinho, sou eu, querido...
— Eu, quem?...
— Oh, Esaú ingrato, então já não conheces a minha voz, a vozinha melosa de tua Melindrosa — como dizes, ás vezes, sempre que estás bomzinho para ella!
— Ah, sim... Que desejas, Melindrosa, que, tão cedo ainda — são oito horas da manhã — vens telephonar-me?...
— Saudades, Esaú, muita saudade em primeiro logar... Saudade e amôr... E tambem tristeza, muita tristeza. Tenho o coração a me rebentar de angustia dentro do peito... E, além disso, tenho estado doente, tão doent que cheguei a acamar-me. Não sabias?
— Não...
— Nem sentiste a minha falta, a falta da tua Melindre folichonne pelas ruas da cidade?
— Isso, sim, Melindre, senti. Senti, mas não estranhei.
— Não estranhaste?
— Não. Por que haveria de estranhar?
— Por que? Mas, Esaúzinho, quando eu chego a deixar de flanar um pouco, rua acima, rua abaixo, é que algo de grave me aconteceu...
— E o que houve de grave, agora, para uma ausencia tão prolongada, Melindrosa?
— Coisas... Doenças...
— Coisas... doenças... Que quer dizer isso?
— Esaú, tu não te zangas, não?
— Zangar-me, por que?...
— Pois o causador de tudo és tu...
— Eu?!...
— Sim, Esaúzinho: eu te quero tanto, tão sinceramente, e tu estás me "tapeando"...
— Eu, "tapeando-te"? Como? Tens cada uma!...
— Porque naquelle dia, em que tu querias tomar a medida do meu corpo e que eu te disse que só quando fosse tua mulherzinha... senti, Esaú, que tu eras um homem como os outros...
— Um homem como os outros, naturalmente que eu seria. Mas, emfim, que queres dizer?
— Que tu, como o Almofada, como os outros, queres é ir tomando a medida, até encher a medida dos teus desejos. Depois, a historia de sempre: era uma vez uma Melindrosa que, virando mariposa, queimou as azinhas, pressurosa, á luz quente e irradiante de uns olhos verdes, felinamente diabolicos e falsos...
— Minha filhinha, Melindre, meu amôr, estás, hoje, nervosa, pilha electrica dos pés á cabeça. Que sonho máu, que pesadello te fez ficar assim, tão differente do que és, tu que és a insouciance e a leviandade em pessôa?
— Não sei, Esaú. Sinto-me tambem mudada, de certos dias para cá. Tudo me mette medo, me sobresalta, principalmente os homens, Esaúzinho do outro mundo...
— Escuta, querida, não se tem, não se deve ter medo de um homem do outro mundo, como me chamas. Confia em mim, que te quero, que sou e serei sempre teu amiguinho, teu "trouxinha", o que quizeres... Quanto á medida...
— Ah, Esaú, por piedade, certas coisas não se pedem, fazem-se... mesmo a contragosto.
— Sei, filhinha: de atração como fazia aquelle saltitante Damaso Salcede, de um livro do Eça...
— Sim, isso mesmo, porque os sim é que a tentação dá á gente a suave delicia do peccado... Que não foi bem peccado.
— Um peccado "camouflé", dôce...
— Como o bombom de um beijo furtado...
— Ah, minha Melindre querida, agora é que te comprehendo, amôr. Agora que, de novo, te encontro como sempre te idealizei — linda como o mais lindo peccado mortal...
— O peccado que sorri nos olhos da gente, Esaúzinho, para...
— Cantar e morrer na bocca...
— Esaú?...
— Melindre?...
— Vamos, hoje, ao cinema?
— Sim, querida. Vamos...
— Mas...
— Mas...
— Tu não me pedirás nada, nada! Comprehendes?
— Sim. Nada pedirei. Agora, commigo, é no atração...
— Mais de tout ton coeur...
— Sim, com todo meu coração, que é teu, só teu, Melindre...
— Adeuzinho, mon diable.
— Até mais tarde, ma petite chatte.

ESAÚ & JACOB

NOTAS JORNALISTICAS

O nosso collega de imprensa Silva Araujo, redactor da «A Ordem», o brilhante matutino de Mattos Pimenta.

FILIGRANAS

O sonho de todos os que escrevem, desde que o mundo é mundo, é a originalidade. E cada escola litteraria que surge através dos seculos traz nas dobras do seu manto escondido o escorpião do desejo de ser original. Luta millenar e terrivel, porque, no fundo, o homem não póde crear como Deus e tem de se limitar a combinações das fórmas que encontra na natureza. Em todas as artes, essa impossibilidade vigora e o anseio de todos os artistas em busca de originalidade é a peor das torturas humanas.

Já o suave Musset, que só via felicidade no mundo dos loucos, desolado indagava:

— Como ser original em França? Ora, si não é possivel ser original em Paris, onde será isso possivel?...

A BONEQUINHA DO SORRISO FUTIL...

... vae passando pela rua...

Vae passando devagarinho, esquecendo o olhar, por alguns instantes, nas vitrinas armadas de coisas bonitas.

Quem a vê, pensa que ella escolhe qualquer objecto necessário, e, se hesita, é porque calcula o preço emquanto, mentalmente, dá balanço na bolsa enorme que balança ao angulo do seu braço nú.

Realmente: a bonequinha do sorriso futil, fita as montras para escolher...

Não para escolher as fitas, ou sedas, ou o que seja que se ostente nos mostruarios — porque o que ella fita não é isso, mas as imagens dos bonequinhos perfilados na sargeta, que se reflectem nas faces transparentes e polidas daquelles vidros enormes.

E ella escolhe...

Escolhe o seu boneco, e sorri...

Sorri o seu sorriso futil...

E o boneco escolhido, — que felizardo! — vae seguindo-a, passo a passo, vae seguindo-a, arrastado pela seducção inexcedivel do sorriso futil da bonequinha de carne que passa...

MUCIO DE CASTRO SERRA.

FILIGRANAS

Naquelle salão illuminado profusamente e ennevoado pelos vapores do fumo e do alcool, as mulheres semi núas dansavam grudadas aos homens, emquanto o som espaventoso e delirante dos jazzs fazia os nervos se crisparem.

Eu saboreava o meu charuto delicioso, deante da taça ainda virgem de Moet e Chandon. O amigo que me fazia companhia, entediado pelo habito de trinta annos de cabarets em tres continentes, bocejava. Resolvemos sahir, respirar o ar fresco e iodado da Beira-Mar, Levantamo-nos. E elle:

— Que achas?

— Como Henri de Regnier, acho *qu'il y a un monde fou* ...

O verão já se foi e maio aqui está, com a sua humidade e o seu frio de inverno. Mas ainda ha gente de coragem que enfrenta a temperatura siberiana de uma estação de aguas, nesta época em que até o fogo usa agazalho... Os flagrantes desta pagina, tomados em Cambuquira e Caxambú, nos foram fornecidos pelo general Leopoldo Dortas Amaral, nosso illustre collaborador, que em dois delles apparece, mostrando, assim, que não tem medo do frio...

«FON-FON» NA BAHIA

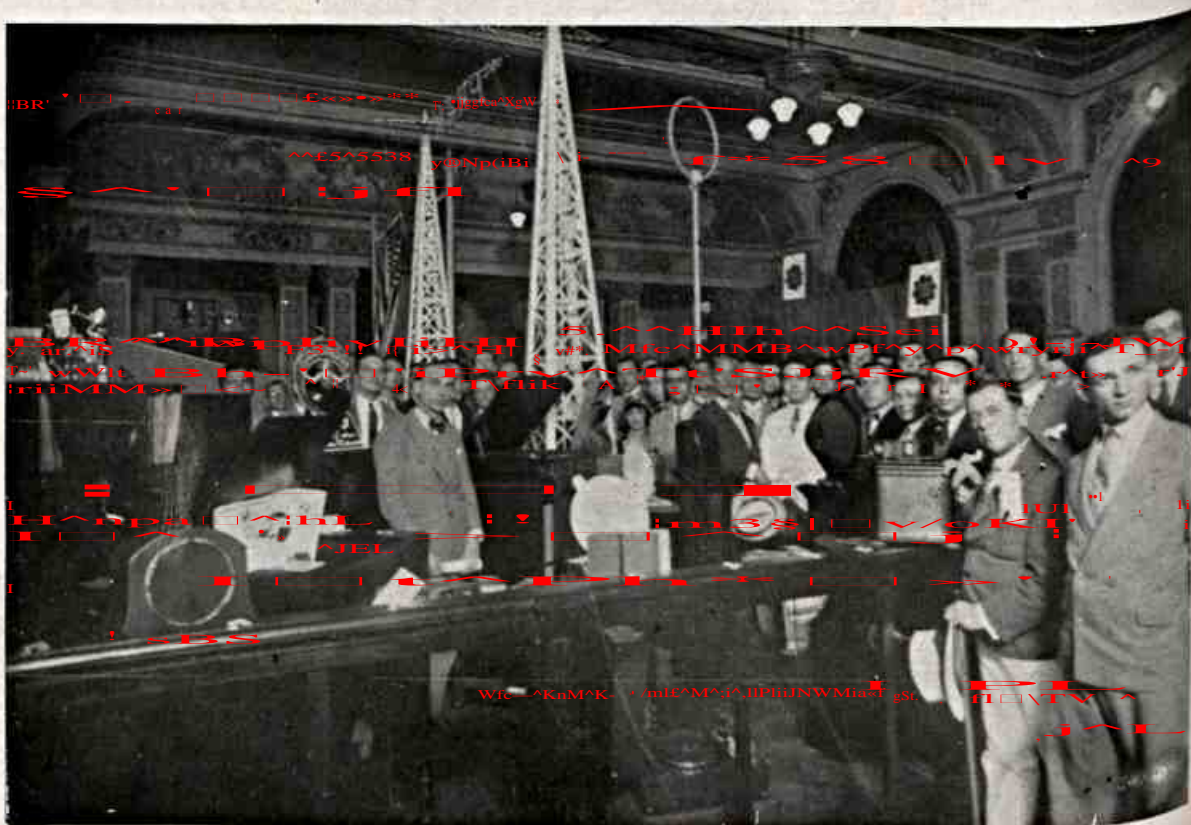
Alguns bachareis em sciencias juridicas e sociaes pela Faculdade de Direito da Bahia, que, reunidos ainda ha pouco, naquella capital, commemoraram, com um almoço intimo, o decennio de sua formatura. São elles: Pedro Virginio de Sant'Anna, Evandro Balthazar da Silveira, João da Costa Pinto Dantas, Amphilophio Leal Carvalho, Aloysio da Franca Rocha, Francisco Prisco Paraizo, Antonio C. França e Oswaldo O. Oliveira.

O sr. Armando Lodi Gomes, do nosso alto commercio, a quem os seus amigos prestaram carinhosa homenagem por occasião da passagem de sua data natalicia, offerecendo-lhe um almoço intimo.

A POESIA

A poesia é uma planta livre. Cresce em toda a parte sem ter sido semeada. O poeta não é sinão o paciente botanico que sobe as montanhas, para procural-a.

Gustavo Flaubert

1.ª EXPOSIÇÃO DE RADIO E PHONOGRAPHOS

Aspecto da inauguração desse certamen, vendo-se, no primeiro plano, deante do «STAND» dos srs. Byinghan C°., o representante do sr. Prefeito e o dr. Cesar Grillo, representando o ministro da Viação.

Gabinetes apropriados para demonstração pratica do apparelho

Tower

Tower Manufacturing Corporation
NEW YORK — BOST

Distribuidores
EDMUNDO MACHADO & Cia.
Rua Sete de Setembro, 209
Tel. C. 3200 — RIO DE JANEIRO

COURTILLE DE ROSAS

JUNTO ao Templo, quasi á sombra sinistra dessa negra e silenciosa Bastilha que se erguia em Paris e em cujas vizinhanças ninguem ousava aventurar-se, havia um recinto florido, murada, cheio de alegria, de cantos de aves, qual a mimosa flôrzinha desabrochada junto a disforme e tristonho cogumelo.

Deram-lhe o nome de Courtille de Rosas, nome encantador deste poetico jardim onde, ao chegar a bella estação, desabrochavam rosas de todos os matizes, em moitas magicas.

Havia no recinto, uma graciosa casita, uma joiazinha, com o seu telhado pontudo de campanario, uma torrezinha, janellas ogivaes de vidros coloridos, respirando toda ella alegria.

E ahi, numa manhã clara, cheia de brisas fagueiras, numa sala ornamentada com bellas tapeçarias e moveis ricamente lavrados, estava um adoravel grupo de mocidade e de belleza: dois namorados: Ella, delicada, graciosa, um primor; elle, delgado, cheio de altivez, muito elegante, com o vestuario um pouco usado.

Ao fundo da sala, uma mulher já velha, de tez baça, sorriso viscoso, fitava-os com o seu olhar vesgo.

— Adeus, Myrtilla.... até amanhã, — diz baixinho o moço.

— Amanhã! — respondeu a moça. — Amanhã, ai de mim! Posso ter certeza de te tornar a vêr amanhã, ou nunca mais, quando corres tão terrivel perigo? Ah! se me amas, Buridan, renuncia a essa loucura!

Com os braços enlaçados em redor do pescoço do seu querido, soltos os cabellos louros cobrindo-a como um manto dourado, os olhos azues cheios de lagrimas, ella supplicava.

— Lembra-te que hoje á noite meu pae estará aqui. Lembra-te que, esta noite, vou confessar-lhe o nosso amor!

— Teu pae, Myrtilla! — disse o moço estremecendo.

— Sim, João, sim meu querido noivo, hoje á noite meu pae saberá tudo!

— Teu pae!... Mas esse pae que eu não conheço, que não me conhece, quererá acceitar-me?

— Quem sabe?... E quem é teu pae? Ah! Myrtilla, desde seis mezes quando me appareceste neste logar retirado, desde a noite em que olhaste para mim tão docemente, quantas vezes tentei encontrar-me com teu pae! Debalde! Sempre debalde! A velha de olhos vesgos aproximou-se:

— Mestre Claudio Lescot, — disse, — está sempre por montes e valles no longinquo paiz de Flandres, por causa do seu negocio de tapeçarias. Mas hoje á noite, certamente, elle estará aqui, como me avisou....

— E dir-lhe-ei tudo! — proseguiu Myrtilla. — Si soubesse como elle me quer, de quanta ternura me cerca! Quando eu lhe disser que te quero para meu esposo, que morrerei si não fôr tua, elle julgar-se-á feliz, verás, de collocar a minha mão na tua!

— Até amanhã, pois! — disse alegremente o moço. — E assim possa o digno Claudio Lescot acolher Buridan que cuidará então ter entrado no paraiso!

— Querido!... Mas assim num dia como este, na vespera da nossa felicidade, queres.... ah! juras-me que não irás lá.... ah! elle recusa.... Gillonne, minha bôa Gillonne, ajuda-me a convencel-o!

A velha aproximou-se e poz a sua mão secca no braço do moço.

— Então, — disse ella, — está resolvido a falar com monsenhor Enguerrand de Marigny?

— Hoje mesmo pela manhã. E já que surprehendeste este segredo, velha, já que te fez cocega a lingua e que á força quizeste falar disto com a tua joven ama, emenda esta tua falta dizendo-lhe a verdade toda: que não corro perigo algum.

— Não corre perigo! — murmurou entre os dentes Gillonne. — Insensato! Insensato! E' preciso ter o demonio no corpo para ir brigar com monsenhor Enguerrand de Marigny! Ouça, João Buridan, ouça. Ignora que o primeiro ministro é mais poderoso do que o proprio rei? Infeliz daquelle que fôr de encontro a tal rochedo! Ficará em pedaços... Porque este homem sabe de tudo, vê tudo, póde tudo! Uns atraz dos outros caem feridos os seus inimigos, ou pelo punhal ou pelo veneno. E elle dispõe ainda do cutello e da corda. O seu olhar de aguia descobrirá na sua consciencia o projecto segredado ao seu pensamento no silencio profundo da noite. A sua rude mão o alcançará no fundo do mais recondito esconderijo, e o entregará palpitante ás mãos do carrasco.

Gillonne persignou-se.

— Ouves? — balbuciou Myrtilla.

Perturbou-se o semblante do moço. Mas sacudindo a cabeça:

— Fôsse Enguerrand de Marigny mais poderoso ainda, fôsse elle escoltado por cem demonios com os mais tremendos chifres e mais caprinos pés, nada me impediria de ir ao encontro que me designaram os meus dois valentes amigos Felippe e Gautier d'Aulnay. E ainda que não tivesse promettido auxilio a esses dois leaes gentishomens, odeio a Marigny assim como elle me odeia. E' preciso que cara a cara....

— Ouça! — exclamou Gillonne. — Um repique de sinos atravessava o espaço.

Myrtilla lançou-se aos braços do seu querido.

— João! — disse ella com voz sumida, — tem piedade, não vás lá!

Outros sinos puzeram-se a repicar.... depois outros, por toda a parte, em Paris, encheu-se o ar de grande rumor.

— O rei está sahindo do Louvre! — exclamou Buridan. — E' a hora! Adeus, Myrtilla!

— Buridan! Meu noivo querido!

— Até amanhã, Myrtilla! Amanhã, o amôr! hoje, a vingança! Amanhã, Courtille de Rosas! Hoje Montfaucon!

E arrancando-se do desesperado amplexo, atirou com os dedos um ultimo beijo a Myrtilla, e foi-se apressadamente.

Desvairada, soluçando, cahiu Myrtilla de joelhos diante de uma ingenua imagem da Virgem.

Neste momento Gillonne sahiu com passos cautelosos da casa para o jardim e do jardim para a rua. Lá estava um homem, que, do recanto da cêrca onde se escondia, adiantou-se vivamente:

— Está prompto, Gillonne?

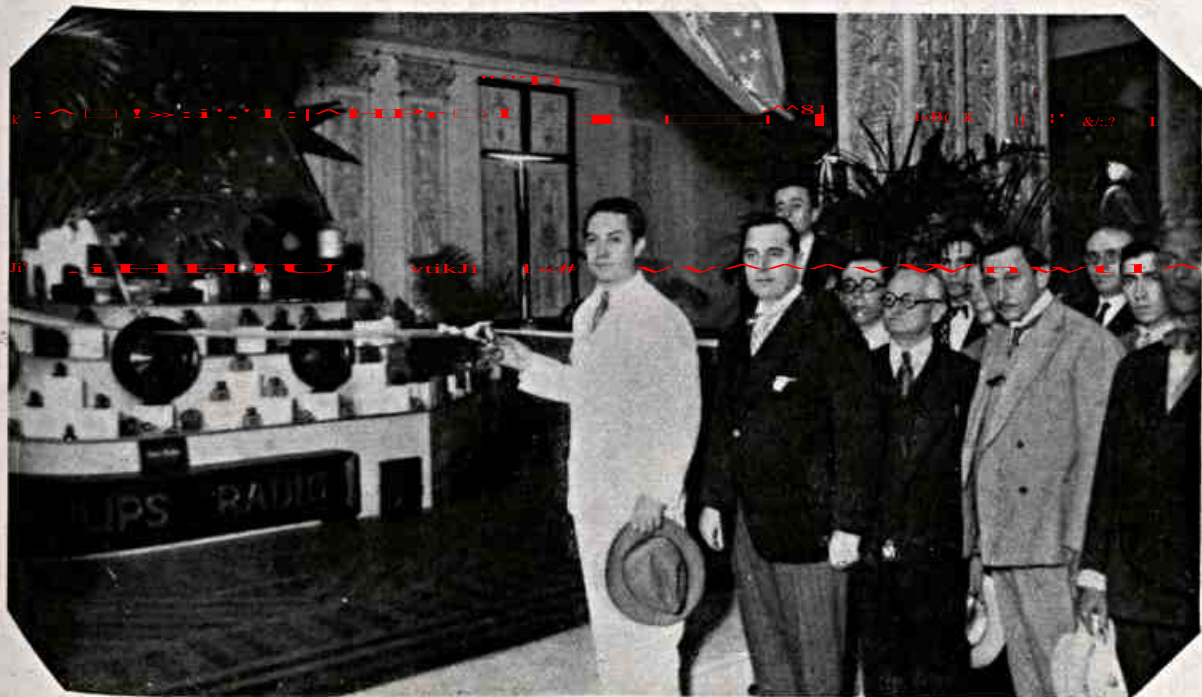
— Sim, Simão Malingre. E aqui está a cousa.

A velha tirou do bolso um cofrezinho que o homem abriu sem receio. Era estranho o que continha esse cofre! Era uma figurinha de cêra ornada com um diadema e vestida com um manto real! Um alfinete espetara-lhe o seio no logar do coração! Então Gillonne, á espreita, com voz surda, murmurou:

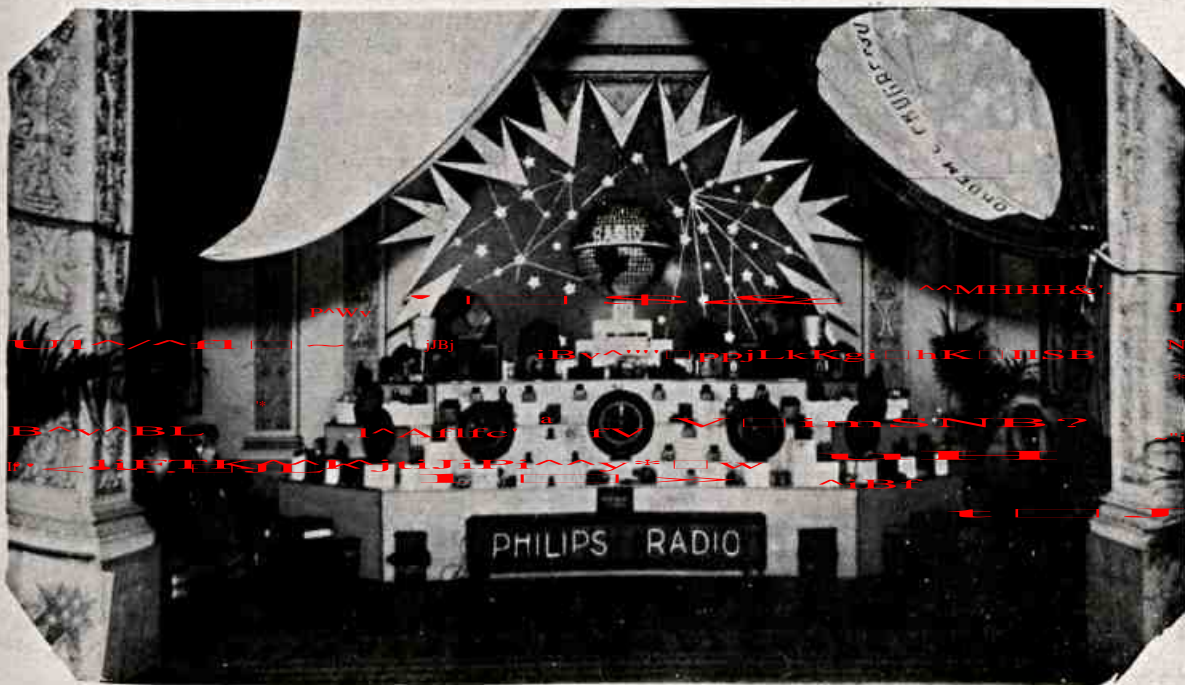
— Dirás isto a teu amo, o nobre Carlos conde de Valois: esta figura é o primeiro maleficio feito pela feiticeira Myrtilla com o fim de matar o rei. Myrtilla já preparou um outro que se encontra no quarto della. Vae, Simão Malingre, e repete bem estas palavras ao conde de Valois!

Simão Malingre escondeu, então o cofrezinho sob o manto, depois foi-se abeirando ás cêrcas.

Gillonne, com um sorriso livido nos labios delgados, voltou para a Courtille de Rosas e chegou á sala onde Myrtilla implorava á Virgem pelo seu noivo.

O QUE FOI A MAGNIFICA EXPOSIÇÃO DE RADIO DO BEIRA-MAR CASINO

A grandiosa e magnifica exposição de radio, inaugurada a 16 do corrente nos amplos salões do Beira-Mar Casino — a primeira levada a effeito no Brasil — ultrapassou á melhor espectativa dos dignos e esforçados promotores desse emprehendimento.

O exito obtido, não só pelos seus resultados mais directos e immediatos, como pelo aspecto imponente que offerece a exposição á curiosidade da grande massa que ali tem comparecido, foi bem maior que o previsto. Fizeram-se representar diversas emprezas desta capital, notadamente a **Philips do Brasil S. A.**, que tanto tem contribuido para o desenvolvimento e progresso da radiotelephonia entre nós.

O bello e sumptuoso **stand** que illustra esta pagina dá bem uma idéa do que é o magnifico mostruario da importante empreza, e que tanto attrahiu a attenção geral. De facto, o **stand** da **Philips** foi o clou da grandiosa exposição do Casino, vendo-se, ali, tudo o que de mais moderno tem produzido a industria radio-telephonica. Ao acto inaugural da 1.ª Exposição de Radio do Brasil, estiveram presentes altas autoridades e elementos de destaque da nossa sociedade, do commercio e da industria, tendo sido inaugurado pelo representante do Ministro da Viação o **stand** da **Philips**, cujo successo foi realmente admiravel, recebendo, por isso, muitos cumprimentos os seus dignos organizadores.

O CORTEJO REAL

Esses sinos, essas fanfarras que subiam de Paris em ondas sonoras eram o effeito da immensa alegria popular saudando o novo rei de França.

Pela primeira vez, Luis — o decimo d'este nome — se mostrava aos parisienses.

O cortejo triumphal sahia do Louvre, reluzindo com as armaduras, ao caracolar dos cavallos ricamente ajaezados, acompanhado do clamor enorme dos appalusos do povo.

A' esquina da rua Saint-Dénis, uma multidão mais densa, mais compacta, acclamava a passagem dos grandes dignatarios da côrte que faziam escolta ao monarcha. Tres homens, entretanto, ahi estavam silenciosos, tres moços, juntos uns dos outros, fixando com olhares ardentes esses mesmos dignatarios que o povo saudava com os seus vivas. — Eil-o — disse surdamente um delles, designando um cavalleiro á esquerda do rei. — Olha, Gautier! Felippe d'Aulnay, olha! Eis ahi o homem que matou tua mãe! Eis ahi Enguerrand de Marigny!...

— Sim, — respondeu Felippe d'Aulnay ainda mais surdamente. — Sim! é elle... Mas seja eu fulminado se estou commettendo um sacrilegio. Buridan, ah! Buridan, não é para Marigny que se dirigem os meus olhares insensatos!...

— Felippe! Empallideces! Tremes!

— Tremo, Buridan, e o meu coração desfallece... porque... eil-a!... é ella!... Sôaram as acclamações mais ardentes, cheias de transporte e de idolatria. Com effeito, numa carruagem, ou melhor, num coche descoberto puxado por quatro cavallos brancos, ajaezados de branco, embriagadas de prazer, sorridentes mandando beijos, vestidas sumptuosamente de sêda e veludo, vinham a rainha e as suas duas irmãs: Joanna, mulher do conde de Moitiers; Branca, mulher do conde de La Marche. A multidão estava presa de delirio.

Ellas eram, de facto, extremamente bellas, duma belleza capitosa, dignas de representar o grupo das tres deusas do Monte Ida, tendo não sei o que de mais orgulhoso e fatal na volupia dos seus sorrisos... no della sobretudo!

Ella! Com a sua figura esculptural, com os seus cabellos bastos, de um louro luminoso, semelhantes aos de Aphrodite sahindo das ondas, com os olhos velados por longos cilios, por entre os quaes passava ás vezes um raio de luz, com o seio palpitante agitado, parecendo sonhar, naquelle momento inesquecivel, que enlaçava amorosamente aquelle povo todo!

Ella, cujo nome era pronunciado com admiração apaixonada!

Ella!... A rainha!

Margarida de Borgonha!

* * *

Era ella... era Margarida que contemplava Felippe d'Aulnay com olhares ardentes de paixão, emquanto seu irmão Gautier e Buridan examinavam o primeiro ministro Enguerrand de Marigny. E ahi, nessa esquina da rua Saint-Dénis houve uma parada momentanea do cortejo.

A rainha, nesse momento, debruçava-se para melhor saudar o povo. E fazendo este movimento o seu olhar recahiu sobre o moço collocado ao lado de Felippe d'Aulnay, o noivo de Myrtilla, Buridan!... Margarida teve um rapido estremecimento, á flôr da pelle. Empallideceu como empallidecera Felippe. O seio agitou-se-lhe. Um suspiro subiu-lhe aos labios... um supiro de amôr... um suspiro de paixão ardente... uma dessas paixões devoradoras que devastam e matam!

Já o cortejo se punha a caminho.

Felippe d'Aulnay, de mãos postas em gesto de adoração, balbuciava:

— Margarida!...

E Margarida de Borgonha, a rainha de França, murmurava, num suspiro que lhe morria nos labios:

— Buridan!...

E, nesse instante, Buridan agarrava as mãos de Felippe d'Aulnay e de seu irmão, dizendo ameaçador:

— A Montfaucon!...

Era, com effeito, para Montfaucon que se dirigia o cortejo real.

Pelas ruas onde os duzentos mil habitantes de Paris se esmagavam, oscillando em vasto fluxo e refluxo, desenrolava-se o cortejo precedido do preboste que de cima do seu cavallo coberto com um azul ornado com flôres de lys douradas, gritava com toda a força:

— Caminho para o rei! Caminho para a rainha! Caminho para o poderoso conde de Valois! Caminho para monsenhor de Marigny! Archeiros da ronda, arredem o povo!

Escoltado por cavalleiros com bandeiras fluctuantes, por bispos rutilantes de pedrarias montados nos seus cavallos ajaezados de ouro, por capitães emplumados, por brilhantes senhoras, os duque de Nivernais, conde d'Eu, Roberto de Clermont, duque de Charolais, Godofredo de Malestroit, senhor de Coucy, Gaucher de Chatillon, cem outros, sumptuosos, hordados, chammejantes — com armaduras rutilantes, capacetes com cimeira, mantos de arminho, azues, purpura, homens d'armas com alabardas de ferro, guardas cobertos de aço, prestigiosa cavalgada ostentando o luxo e a força guerreira do feudalismo, e nesse scenario de poderio e de gloria, no rumor das acclamações apparecia o rei!

O rei! Hoje uma palavra vã. Então uma cousa terrivel, um sêr excepcional mais proximo do céo do que da terra.

Elegante, audaz, robusto, na flôr dos seus vinte e cinco annos, Luis X ria-se para o povo, fazendo caracolar o seu cavallo, gracejava com os burguezes, cumprimentava as mulheres, dava bons dias em voz alta aos homens.

E Paris, acôrdando do pesadello sanguinolento que tinha sido o reinado de Felippe o Bello, Paris que desde annos nem respirava mais, maravilhava-se, applaudia julgando acabadas para sempre as suas miserias, porque para o povo, uma mudança de senhor é sempre uma esperança nascente, que não tarda, entretanto, a desvanecer-se.

— Ah! que bom Senhor! Como elle ri para a sua bôa cidade!

— Um turbulento, seja assim! — exclamava o rei apanhando no ar a palavra. Porque turbulento tambem quer dizer batalhador! Acautelem-se os meus inimigos, que são tambem vossos!

....

O capitulo que se lê acima é o inicio do popular romance do afamado escriptor francez Michel Zévaco, intitulado "BURIDAN", em seguimento a "CAPITAN", cuja publicação, em fasciculos semanaes, se iniciou no dia 22 do corrente, achando-se á venda em todos os pontos de jornaes ao preço de 400 rs. na Capital e 500 rs. nos Estados.

EXPOSIÇÃO DE RADIO NO CASINO BEIRA MAR

Entre todos os stands desta exposição, destaca-se o dos estabelecimentos MESTRE & BLATGÉ, representantes de «CROSLEY», o «Leader» mundial de RADIO. Esta firma apresenta tres modelos capazes de satisfazer uma vasta clientela, pelo seu preço e pelas suas caracteristicas. Logo de principio, o que desperta a attenção para esses apparelhos é a sua simplicidade. Um unico botão para seleccionar a estação, um outro para regular o volume de som, e nada mais! Tivemos occasião de notar particularmente a grande sensibilidade, a precisão e a estabilidade dessa simples regulagem. A reproducção do som é absolutamente perfeita, sem ruidos estranhos ou sons metallicos, como não se encontra geralmente; sem deformação de especie alguma, mesmo com um volume consideravel. Estas qualidades são devidas em grande parte ao seu alto falante dynamico «DYNACONE» e á blindagem perfeita de todos os elementos. Notamos tambem que estes alto falantes não necessitam de nenhuma ligação de força especial, ligados simplesmente ao proprio receptor. O representante desses Estabelecimentos teve a gentileza de abrir um apparelho para nos mostrar a verdadeira perfeição da blindagem de cada orgão, o que contribue enormemente para assegurar a pureza notavel e reputada de todos os «CROSLEY». Vimos o famoso condensador electrolitico «MERSHON», que equipa estes apparelhos, que não se queima, defeito commum a quasi todos os apparelhos electricos. Emfim, pudemos admirar a elegancia de cada um desses apparelhos e, em particular, dos dois moveis modernos, sendo um em madeira nacional, de Bettenfeld, e que constitue, sem duvida, o «clou» deste certamen.

VARINHA DE CONDÃO

TRAJE DE NOIVA — Já se foi o tempo em que as noivas traziam sempre systematicamente a estreita grinalda de flores de laranjeira circumdando a fronte singelamente. Variavam o corte do vestido, porém o véo e a corôa eram sempre eguaes em sua monotonia simplicidade. Actualmente o diadema a substituiu quasi que por completo: affectam feitios variados, sumptuosos uns, originaes outros, e o filó ou rendas muitas vezes passa por baixo do queixo, como os véus das esposas de Christo. Entretanto ainda ha quem prefira o feitio antigo, a virginal doçura do filó enquadrando um rosto puro e meigo. O traje de noiva que apresentamos na figura 1 bis tem esse traço inconfundivel de simplicidade, si bem que a grinalda subindo um pouco do lado da cabeça depois de ter emmoldurado a fronte, ponha uma nota interessante e nova no systema antigo. O vestido tem uma linha de grande elegancia com seu bonito falot lateral, preso por uma fivella de strass e o qual desce até abaixo da cintura, combinando com a ponta da saia em fim. Dois ramos de flores de laranjeira, um no hombro, outro sobre a saia, accentuando este o movimento descendente destas, completam esse conjuncto gracioso e singelo.

Porque um traje de noiva pode ser de grande luxo, porém deve guardar sempre uma linha de simplicidade ainda que apparente. Elle é preciso que diga com a attitude da noiva, a qual tambem será modesta e com um toque de grave doçura, que não exclue a alegria. Exclue, sim, a pintura excessiva. Poderão talvez

Fig. 1 bis.

dizer que é hypocrisia modificar seus modos habituaes, nem que seja por um dia. Porém si já é pouco distincto pinturas e trajes espalhafatosos no commum dos dias, que dizer então de uma noiva com um decote escandaloso e um rosto feito uma palheta de pintor. Si modificação houve, ella deve ser sincera, não fingida, isto é, deve corresponder, na verdade, a uma attitude moral mais pensativa e meiga.

Fig. 1

REGRAS DE CIVILIDADE — Pensam em geral os homens educados, entre nós, que não devem dizer ao falar da propria esposa: "minha mulher" por julgarem a formula falta de delicadeza e pouco refinada. Então costumam usar a phrase: "minha senhora...", sem reparar que, para não commetter um attentado contra a civilidade, estão errando contra a lingua. Na verdade, que pensaria um francez de um compatriota seu que lhe dissesse, falando da companheira "ma dame"? Certamente que este era um "rasta". Madame dizem os francezes á esposa do amigo, e correlativamente, "minha senhora" devem os cavalheiros dizer, entre nós, dirigindo-se á uma dama de suas relações. Si o singelo e portuguezissimo "minha mulher" lhes melindra a voz, que digam então "minha esposa", porém nunca "minha senhora" falando daquella que traz seu proprio nome.

Uma bonita formula é a que usam os lusitanos muitas vezes, no fim de suas cartas, e que bem demonstra o quanto acabamos de affirmar: "Offereça meus respeitos á sua esposa, minha senhora".

GAROTAS TRAVESSAS — A minha sobrinha Gilda, uma garota de escuros cabellos encaracolados e immensos olhos de boneca de porcellana, motivo pelo qual só a chamo de minha bonequinha, completou ha dias seus quatro annos.

Sua mamãe que é muito habilidosa, presenteou-a com um lindo "ensemble" para o frio, pois embora tão peque-

Fig. 2

nina, ella é uma faceira de marca e ficou tão prosa com o seu novo traje que não resisti ao desejo de a photographar para que a vejam minhas gentis leitoras e aproveitem, si lhes agradar a graciosa idéa de minha cunhada.

Eis, pois, na figura 2 a galante Gilda. Seu capotinho de feltro de lã azul tem um corte muito singelo e abotôa do lado com duas series de dois botões cada; a gola leva écharpe e cruza por meio de uma abertura caseada feita em uma das pontas, onde entra a outra ponta o chapelete, em forma de touquinha, é forrado de seda lavavel, e entre seda e lã, leva uma intertela leve para adquirir consistencia. As " mitaines" e a bolsinha são do mesmo tecido e cor.

O bordado que enfeita as pontas da écharpe, o chapéozinho, as luvas, a bolsa e os punhos do casaco é executado em lã rosa de tres tons formando umas margaridas, em folhagem verde. E o festoné que o completa é feito com um fio verde beirado por outro rosa. Na bolsa, um lencinho mignon e perfumado; debaixo do braço, um gran de pato branco que lhe deram de presente, e eis como sahiu a passeio a faceira Gildinha, no dia em que completou quatro annos de vida neste mundo de lagrimas e de risos.

MOVEL PARA FUMANTES — Na sociedade moderna estrangeira as senhoras fumam quasi tanto quanto os homens. Entre nós, não está ainda o habito bem implantado e ha contra elle serios protestos. O brasileiro é genuinamente conservador e evita a correr todo costume novo que lhe parece excentrico e immoral. Entretanto, poderiam as mulheres apreciadoras das cigarrettes elegantes encerrar o homem neste dilema: ou o fumo é degradante, anti-hygienico, feio, e os homens tambem o devem deixar, ou é um pequeno vicio innocente, um amavel passatempo para as horas de ocio, uma distracção inoffensiva para os momentos de tristeza, e então por que egoistamente delle privar as mulheres?

A verdade é que, mão grado a guerra que lhe têm movido alguns medicos e hygienistas, o fumo vae triumphando e augmentando sempre o numero de seus afeiçoados. Confessemos que, em todo o caso, é mais discreto e asseiado do que largura e todas as dimen o rapé, seu predecessor de aristocratica memoria.

E os homens são ingratos ainda de outro modo para com a moda nova.

Com effeito, quando nossas moças fumarem não mais arriscarão verem elles combatido o seu habito dilecto pelas noivas e esposas.

Emquanto o gosto do fumo se generaliza, os moveis para fumantes tambem se tornam mais delicados e caprichosos. Assim o da fig. 3, cujas linhas são simples mas graciosas. Elle tem ao mesmo tempo caixas de cigarros e bibliotheca portatil, pequeno armario fechado com prateleiras descobertas. As tampas das caixas se abrem para traz formando pequenas mesas onde podem ser collocados os cinzeiros.

Elle pode ser executado em madeira branca, laqueada, o que permittirá combinar sua cor com a do aposento a que for destinado. Vermelho e preto, ficará muito bonito. Tambem pode ser feito de madeira bôa envernizada, de preferencia esau o que lhe deixa um aspecto mais rico.

Todas as peças de madeira que o compõem são ajuntadas com colla forte e mais baixas, sem cabeça, que a pintura dissimula perfeitamente. Como tamanho elle tem 0,m 60 de altura por 0,55 de sões de suas varias partes devem ser calculadas de accordo, e de modo a poderem ser cortadas em taboas de medida commum.

Fig. 3.

CINDERELLA

O GUARDA-CHUVA

De H. Hirsh

A voz dos empregados retumbava na "gare":

— Vamos! Depressa! Depressaaaa!...

O senhor Busotin comprimiu com todo seu peso o abdomen de um cavalheiro portador de um guarda-chuva e que acabava de pôr o pé no estribo. Infelizmente, o tal senhor não tinha bom genio, e protestou.

— Não vê o que faz? Não vê que está completo, pedaço de idiota?

— Pedaço de idiota é você — respondeu o senhor Busotin, por não ser menos cortez que o outro.

— Repita-o, selvagem!

— Sim, bruto, bruto, que ha?

E o homem do guarda-chuva deixou o seu *instrumento* e applicou no senhor Busotin uma tremenda bofetada, para demonstrar-lhe que não era um bruto. O senhor Busotin, furioso, precipitou-se, com attitudes aggressivas, para seu adversario, mas intervieram empregados.

— Vamos! Vamos!

As portas se fecharam, ouviram-se os toques da sineta e o comboio se afastou, separando para sempre os dois combatentes.

Nesse momento, o senhor Busotin divisou no chão um guarda-chuva abandonado. O guarda-chuva de seu adversario. E apoderou-se delle, murmurando:

— Eu te devolverei a bofetada!

E partiu com o objecto que havia de guial-o na sua vingança. Naquella mesma tarde, poz em varios jornaes o seguinte annuncio: "Foi encontrado, na estação Tournebride, um guarda-chuva com cabo de prata. Reclame-se o mesmo do senhor Busotin, proprietario, Tournebride, 217."

No dia seguinte, desde muito cêdo, o senhor Busotin foi despertado pelo tilintar da campainha, que repicava na soledade da sala de espera. Foi abrir a porta, com o coração fremente de ansia vingadora, e se encontrou em presença de um senhor, em quem julgou reconhecer seu offensor da vespera.

— Que deseja o senhor? — perguntou, para maior segurança.

— Cavalheiro — respondeu o interpellado — venho buscar o guarda-chuva perdido hontem na estação Monffetard. Fui eu quem o perdeu.

— Ah! Foi o senhor quem o perdeu? — exclamou o senhor Busotin. — Pois bem. Ahi vae! E agora estamos pagos!...

E mandou um soberano sopapo na cara do *amateur* de guarda-chuva que, completamente desmoralizado por tão brusca aggressão, sahiu escada a baixo, sem reclamar o resto nem receber seu guarda-chuva. O senhor Busotin foi novamente deitar-se, quando um novo tilintar da campainha se fez ouvir.

— Como será possivel que volte ainda aqui, esse patife?

Mas não era o mesmo. Era outro, que vinha com o mesmo proposito do anterior: reclamar o guarda-chuva.

— Senhor, venho buscar o guarda-chuva com cabo de prata, que encontrou.

O senhor Busotin ficou mais do que espantado: ficou perplexo. Com toda a certeza, um dos dois havia de ser o impostor. Mas, qual delles? Era o numero um, que minutos antes se retirara com a face devidamente esbofeteada, ou era o numero dois, que, fiado na bôa fé do annuncio, pensava entrar na posse de um guarda-chuva com cabo de prata?

Que fazer? O essencial era que ninguem pudesse jactar-se de tel-o esbofeteado impunemente.

De maneira que, ante tal duvida, resolveu mimosear o segundo com uma bofetada tão formidavel como havia feito com o primeiro.

Mas sua surpresa adquiriu proporções verdadeiramente estranhas, quando um terceiro, um quarto, um quinto, se apresentaram para reclamar o guarda-chuva com cabo de prata...

No emtanto, como, antes de tudo, era um homem justo, não vacillou em distribuir bofetadas á razão de um sopapo por cabeça, depois do que veiu a se convencer de que o guarda-chuva em litigio lhe ficára de premio, visto como nenhum dos seus reclamantes havia demonstrado grande interesse em leval-o. A tentação de conservar o objecto, em pagamento de seu trabalho, nem sequer lhe rogou a mente. E resolveu ir leval-o ao commissario do districto.

Foi o proprio commissario quem recebeu o senhor Busotin.

— Senhor — disse o alto funccionario policial. — Não só tenho um verdadeiro prazer, como funccionario, em felicital-o por seu acto de probidade, mas ainda, como particular, devo agradecer-lhe a sua gentileza, porquanto este guarda-chuva é meu. Perdi-o hontem, no trem, quando applicava o devido correctivo a um desses individuos estupidos, grosseiros, de que está cheia a cidade...

Tambem aquillo era demais!

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

COM O AMOR NÃO SE BRINCA

DA "FELSOM" (*Programma Serrador*)

Cinema GLORIA — Film humano, d'uma grande naturalidade e singeleza, apesar de possuir situações de profunda emoção. E' a demonstração de que só a mocidade deve ter o que pertence á mocidade. O amor tem o seu tempo. Apparece-nos n'esta producção européa a querida "estrella" Lily Damita. Cá está a rehabilitação. Não foi preciso esperar muito. O seu trabalho está cheio de delicadeza, de ternura, de sentimentalidade. A direcção é soffrivel, isto é, podia sêr melhor, porque as situações lhe dão margem. A technica é que é muito louvavel. Dos interpretes, deve destacar-se Werner Krauss e Maria Paudler. O film é de pleno agrado das platéas sentimentaes e deve ter no Brasil uma excellente carreira.

Cotação — BOM

DELICTOS DE AMOR

DA FIRST-NATIONAL

Cinema GLORIA — Um enredozinho romantico, com umas situações muito vulgares, sem cousa alguma, quer na direcção, quer na technica, quer na interpretação, que possa considerar-se uma originalidade, uma novidade. Um homem que se embriaga para esquecer uma mulher infiel; uma rapariga de vida desregrada que se regenera pelo amor, isto são cousas tão velhas, que temos a impressão de as termos visto milhares de vezes. A interpretação, que é excellente, não apaga a vulgaridade da pellicula. Edmund Lowe e Corinne Griffith são dois artistas que agradam no trabalho, mas não conseguem vencer a fraqueza d'um argumento. Technica soffrivel, como aliás tudo no film.

Cotação — SOFFRIVEL

OS COSSACOS

DA METRO

Cinema ODEON — Sem querermos affirmar que não haja muito de realidade e de bom estudo no caracter dos individuos e na reproducção do ambiente, é justo que se diga que a veracidade historica, o encadeamento dos factos, deu pulos de imaginação, que só, por se tratar d'uma obra de arte, se justificam. Aquelle filho do czar que casa com uma aldeã é "trop-fort". Mas, emfim, deixemos isso. O film é um bello trabalho; a acção, entre violenta e sentimental, é cheia de interesse; a direcção é intelligente; a technica superior, sobretudo nos detalhes de idumentaria e de paysagem. E' um film que se vê com pleno agrado, tanto mais que dentro delle se movem tres nomes que o publico já consagrou: John Gilbert, Ernest Torrence e Renée Adorée. Nils Asther está dentro d'uma figura apagada.

Cotação — BOM

NOS CINEMAS DA AVENIDA —— (Continuação)

UM LARAPIO ENCANTADOR

DA METRO

Cinema ODEON — Ha uns vinte annos, aproximadamente, fez um successo retumbante em todo os theatros do mundo, uma comedia dramatica americana com o titulo "Vinte mil dollars". Estamos aqui deante de uma "reprise" cinematographica do famoso drama, com uma pequena modificação na situação social dos personagens. Isto não quer dizer que o film seja inferior. Falta-lhe talvez um pouco de ambiente, correndo a acção entre pouco deslumbramento. Por outro lado ha mais delicadeza na acção, mais sentimento. William Haines e Lionel Barrymore são os dois principaes artistas masculinos. Não ha senão que louvar o seu trabalho, nomeadamente do segundo. Lilia Hyams foi a "estrella", sem grande brilho.

Cotação — BOM

A CIDADE DOS SONHOS ROXOS

DA E. D. C.

Cinema PATHE' — Que trapalhada inverosimil, santo nome de Deus. O cinema, com taes theorias, é que tem feito, por ahi, muito malucos e muito tratante. Se a arte da téla é, como dizem, a mais exacta expressão da vida, que excellente seria a vida... para os audaciosos, se ella fôsse assim. Feito para emocionar, este film, pela sua falta de verdade e de logica, não interpretação, por parte de Frazer, Ernest emociona ninguem. N'esta pellicula salva-se a Torrence e Barbara Bedford. O resto, não merece registo. O titulo é um bello titulo... n'outro film.

Cotação — SOFFRIVEL

MARES ESCARLATES

DA FIRST-NATIONAL

Cinema PALACIO — Que sangueira! Que pancadaria! Quanta balburdia, quanta maldade, quanta desgraça, para se fazer um film! A quem agradarem as situações fortes, os enredos barbaros, as figuras sinistras, esta pellicula da First é o ideal. A interpretação é perfeita, d'um realismo flagrante, d'uma verdade incontestavel. Betty Compson é ainda uma excellente artista para este genero de trabalhos, se bem que esteja muito perto da "reforma". Richard Barthelmess secunda-a com muita vantagem. A direcção e a parte technica são trabalhos apreciaveis, que merecem todo o applauso.

Cotação — BOM

A Arte de Bem Alimentar

consiste tanto do preparo de pratos sadios e appetitosos, como do saber servil-os

Foi sempre este um dos maiores problemas das donas de casa no mundo inteiro. Com o fim de facilitar-lhes a tarefa, preparamos um optimo livrinho de cozinha de Maizena Duryea luxuosamente impresso, com illustrações em côres que mostram como se deve enfeitar os pratos ao servil-os, afim de tornal-os mais attrahentes e appetitosos.

Este livrinho offerece uma infinidade de receitas faceis de exquisitos doces para a sobremesa e de pratos deliciosos e nutritivos. Basta consultar o seu indice para se ter uma idéa precisa de como variar o cardapio diario da familia ou do que convem preparar para os convivas. Todas as receitas foram provadas por donas de casa experientes e a Senhora pode portanto seguil-as, com a certeza de que os resultados serão amplamente satisfactorios.

Enviamos este livro de receitas inteiramente gratis e temos um exemplar á sua disposição. Para conseguil-o basta preencher o coupon abaixo e nol-o mandar.

M. BARBOSA NETTO & CIA.
Caixa Postal 2938
Rio de Janeiro

Nome ____________________

Rua e No. ____________________

Cidade ____________________

ESCREVA COM CLAREZA

Camisa não sunga

TYPO SPORT

UMA SO' PEÇA — EXCLUSIVO DA

CASA VIEIRA NUNES

Patente: 16.526 — AV. RIO BRANCO, 142

Preços: brancas, 20$, 25$ e 30$ — Côres, 22$, 28$ e 38$000

em S. Paulo: CASA BATACLAN — Rua 15 de Novembro, 3

O primeiro passo para a saude: — Lavar diariamente vossos olhos com LAVOLHO para evitar tel-os infeccionados. LAVOLHO conserva os olhos em perfeita saude.

A ENTERITE

resultado de uma má digestão

Muito a miúdo aquelles que soffrem de dôres intestinaes commettem o grave erro de descuidar o seu estomago. Se tem dôres dos intestinos, sejam ellas de que especie forem, fique certo que o seu estomago se acha em más condições. Uma das funcções mais importantes do estomago é de proteger o intestino, e se esta protecção é apenas parcial os incommodos do intestino serão o seu resultado. Comece pois a cuidar o seu estomago fazendo uso da Magnesia Bisurada, que neutraliza immediatamente todo o excesso de acidez estomacal, suavisa as paredes irritadas deste orgão e permitte aos alimentos de passarem pelo intestino nas proporções normaes e a um grau invariavel de acidez e de temperatura. Evitará assim ao intestino um trabalho supplementar que é grave para elle, assim como toda inflamação e dôr desapparecem. A Magnesia Bisurada acha-se á venda em todas as pharmacias.

Curiosidades da historia

CONTRA HENRIQUE IV

NENHUM rei foi tão constantemente perseguido pelos assassinos como o bom Henrique IV, de França, o *Bearnês*. Levados pelo fanatismo religioso, nada menos de dezesete vezes se lançaram contra elle os regicidas, desde que com sua adjuração de 1593 desbaratou os planos da Liga, até que, em 1610, o punhal de Ravaillac poz termo á luta travada entre Henrique e seus rivaes.

Entre os aspirantes a assassinos do *Bearnês*, houve gente de todas as classes sociaes: nobres e mendigos, seminaristas e soldados, marinheiros e artezãos. Houve até um advogado, João Guedon, e um procurador.

O mais curioso dos attentados de que foi alvo Henrique IV foi, sem duvida, o de João Chastel. Encontrando-se o rei em casa de Gabriela d'Estrées, foi ferido com uma punhalada na bocca, que não lhe causou maiores damnos além da ruptura de um dente e uma incisão em um labio. Ao saber que seu aggressor, Chastel, era alumno do collegio de jesuitas de Clermont e que ao processo se juntaram provas de cumplicidade destes no attentado, exclamou Henrique IV:

— Os jesuitas necessitavam convencer-se por minha bocca de que não podem commigo.

CONTRA NAPOLEÃO

COUBE a Napoleão Bonaparte, como primeiro consul, estrear o systema de machinas infernaes.

Os perdigueiros de Fouché, o celebre ministro de policia, surprehenderam certa vez um operario das fabricas de armas de Paris, chamado Chevalier, preparando uma machina infernal — um barril cheio de polvora e metralha, ao qual estava ajustado o canhão de um fuzil — para matar o primeiro consul.

Mas, frustrado esse projecto, a idéa foi bem depressa [illegible]

Os attentados contra os reis

aproveitada, e tres agentes dos realistas refugiados em Londres, chamados Limolean, Saint-Réjan e Carbon, resolveram fazer estalar, á passagem de Bonaparte, outro barril de polvora e metralha.

Para esse fim adquiriram uma carreta arrastada por um cavallo, e na qual, como inoffensiva mercadoria, haviam de levar a machina de morte. Estudaram as entradas e sahidas que fazia o consul, e decidiram realizar o seu plano no 3 Nivoso — 24 de dezembro de 1800 —, quando Bonaparte se dirigia á Opera para assistir á primeira audição do *Messias*, de Handel.

Mas, a despeito de todas as precauções, o barril só explodiu depois que Bonaparte já havia passado, e assim o primeiro consul sahiu illeso do attentado. Entretanto, como sempre acontece, foram numerosas as victimas. Saint-Réjant ficou ferido gravemente.

Esse attentado produziu grande indignação em Bonaparte, que quiz que a justiça exercesse o maximo rigor para com os cumplices.

CONTRA LUIS FELIPPE

No dia 28 de julho de 1835, outra machina infernal semeava no boulevard do Temple, o espanto, a desolação e a morte, em torno do rei Luis Felippe, que passava em revista, a cavallo, a guarnição de Paris. De uma janella da casa numero 50, da citada rua, o corso José Fieschi, traidor e espia profissional, havia disparado os vinte e cinco canhões de fuzil de uma nova e simples machina, sem conseguir attingir Luis Felippe, nem a seus filhos, que com elle iam.

O effeito mais immediato desse attentado foi que o povo rompesse em estrondosas e continuadas ovações ao rei, que, sobrepondo-se á sua emoção, continuou a revista, conservando a frialdade caracteristica com que, até áquelle momento, o viram passar.

ESPIRITO ALHEIO

VARIAÇÃO

Elle. — Eu acho a arboricultura uma cousa muito monotona!...

Ella. — No emtanto, tem suas alternativas... Quando, por exemplo, a escada escorrega...

— Que quer o senhor? Que lhe empreste dinheiro ou casar com minha filha?

— E'-me indifferente. Que prefere o senhor?

DESPRENDIMENTO

— Bom dia, sr. capitão. Poderia o sr. informar-me onde fica o bilhar?...

O *ladrão de jóias*. — Escolhe a que mais te agrade, Maria. O preço não me importa...

OPTIMISMO

— Perdão, cavalheiro, mas o senhor não viu por aqui meu relogio pulseira?...

— Como a senhora me alimenta bem, resolvi não trabalhar depois do meio dia, afim de fazer tranquillamente a minha digestão.

A PIANISTA

De J. WHIP

O sr. Carbonato era feliz, vivendo com a sua esposa, a sua filha e os seus dois filhos.

Habitava um appartamento confortavel, em uma casa tranquilla; e a sua felicidade teria sido completa si...

Em todas as existencias, por mais equilibradas que sejam, ha sempre um "si" que escorrega e impede que se attinja a perfeição.

Para o sr. Carbonato, este "si" era um bemol.

E' preciso dizer que os locatarios do appartamento, situado directamente por cima daquelle que era occupado pelo sr. Carbonato faziam ensinar piano a uma filha de oito annos.

Essa creança não tinha a menor vocação pela musica, pelos instrumentos que servem para executal-a, e em particular, pelo piano.

Os seus paes podiam ter-lhe ensinado aguarella, bordado, tapeçaria, artes silenciosas por excellencia. Mas não: a despeito da falta absoluta do senso musical, que caracterizava a sua filha (a filha unica, felizmente), os cabeçudos a constrangiam a passear sobre as teclas as suas pequenas mãos inhabeis e — o que é mais — dirigidas por uma evidente má vontade.

A joven pianista aprendia a *Valse bleue*, havia mais de seis mezes.

Ella havia adoptado um modo especial de interpretal-a: a sua mão direita tocava com relativa correcção — attendendo ao facto de dar a mesma duração a todas as notas, concepção que infligia a essa pobre *Valse bleue* um rythmo exageradamente funebre — mas a mão esquerda affirmava uma terrivel aversão pelo *si* bemol... Os *mi* bemóes, os *lá* bemóes, ainda iam... Mas os *si* bemóes eram invariavelmente compromettidos.

Como a *Valsa bleue* é povoada de *si* bemóes, o effeito era atroz.

A joven estudava a sua valsa duas vezes por dia. O sr. Carbonato, que tinha um bom ouvido, soffria um martyrio, ao ouvir o seu tecto profanado pela enervante cacophonia.

Elle se queixava cortezmente, aos paes da moça. Propoz enviar á estudante uma caixa de bombons, por um *si* bemol correctamente executado.

Os *si* bemóes insupportaveis continuaram.

Escreveu ao proprietario, que lhe respondeu seccamente.

O sr. Carbonato tapou as orelhas. Os *si* bemóes insupportaveis venceram todos os obstaculos.

Então, que fez elle? Tomou uma resolução heroica.

Comprou um trombone de vara, e poz-se a sopral-o heroicamente, a plenos pulmões, toda vez que começava a *Valse bleue*... Imperturbavel, a pianista continuava a estragar os *si* bemóes.

Dentro em pouco, o sr. Carbonato se envergonhava do seu trombonar. Disciplinou o seu sôpro, esboçou gammas, comprou um methodo e, no fim de duas horas por dia, tornou-se um trombonista passavel.

Mas ai delle!

A deploravel *Valse bleue* continuava...

— Ah! Isso não a corrige? — disse elle á sua mulher o sr. Carbonato, exasperado. Pois bem! Bate já em cima!

E mostrou á esposa uma linda caixa, comprada na vespera. Mme. Carbonato exclamou:

— Bate lá em cima, digo eu... E a muque, se vê?

Ella cedeu, no emtanto. Desencadeou um bombardeio terrivel, que se casava á fanfarra do trombone.

Os malditos *si* bemóes não se calavam. Os malditos *si* bemóes.

Então, a joven Carbonata foi dotada de um orgão; o filho mais velho de um saxophone e o mais novo de um sortimento de caixas de madeira, de garrafas vazias e caçarollas, nas quaes elle batia com pauzinhos.

Formou-se assim um "jazz-band" atordoador, infernal.

— Falta alguma coisa... — observou um dia o sr. Carbonato.

— Que é, papae?

— O piano.

— Temos o nosso.

— E' claro. Mas o pianista?

Então, que fizeram?

Incluiram na banda, a mocinha de cima... E ella bateu nas teclas *si* bemoes tão desastrados, que produziram um magnifico effeito na banda.

E o "Carbonato-jazz" é hoje um dos mais reputados de Paris, da França, da America e mesmo das ilhas de Hawaii.

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

FEBRE AMARELLA

A febre amarella passa de uma pessôa para outra por intermedio de um mosquito rajado chamado estegomia. A estegomia ao nascer não é perigosa; só depois de ter picado um doente de febre amrella é que o microbio desta molestia vem com o sangue que o mosquito chupa, para o corpo da estegomia. Ao dar o mosquito novas picadas, alguns dias depois, é que o microbio passa do corpo da estegomia para outras pessoas, que então apanham a febre amarella.

Uma vez que uma estegomia está infeccionada, fica assim toda a vida. Mas nem todas as pessoas picadas por uma estegomia infeccionada apanham a febre amarella. Uma das razões deste facto é que como uma pessoa tem febre amarella só uma vez, as pessoas que já tiveram febre amarella podem ser depois picadas por estegomias infeccionadas sem apanhar a molestia. Depois que a febre amarella existe por muito tempo num logar, os antigos moradores deste logar já quasi todos tiveram a doença, de modo que só tem febre amarella os que vêm de fóra e as crianças. Os casos conhecidos de febre amarella são na maior parte graves; mas muitos são os casos benignos que se curam sem medico, ou com symptomas tão leves que o medico não pensa que seja febre amarella. Quando os moradores do logar onde existe ha muito tempo febre amarella não têm a doença, émuitas vezes porque a tiveram de forma benigna, e todos pensaram que fosse grippe ou indigestão.

O facto de morar uma pessoa mais de 5 annos, em paiz de clima quente, parece que torna esta pessoa menos capaz de apanhar febre amarella.

A febre amarella não pega; só passa de uma pessoa para outra pela picada das estegomias. Em Petropolis, e outros logares de montanha, onde o clima é frio por causa da altitude, não ha estegomias: por isso, a molestia não póde passar a outras pessoas; por mais que fiquem junto de um doente e nelle peguem.

Como começa a febre amarella em uma cidade? Deve principalmente ser por meio de pessoas doentes. Supponhamos que na Bahia uma pessoa seja picada por uma estegomia infeccionada na manhã do dia do embarque para o Rio. Quando uma pessoa é assim picada passam-se mais ou menos de tres a seis dias antes que appareçam os primeiros signaes da molestia. Por exemplo, se a pessoa for picada do dia 15, a molestia deve começar mais ou menos do dia 18 o dia 21, quando a pessoa já chegou ao Rio. Então as estegomias do Rio vêm infeccionar-se chupando o sangue do doente que veio da Bahia, e vão depois passar a molestia para os moradores do Rio.

O microbio da febre amarella só está no sangue do doente durante os tres primeiros dias de doença! De terceiro dia em diante o doente não e perigoso.

Tambem uma infeccionada póde entrar num vapor que está atracado ao caes, ou tambem entrar num wagon do trem, e ser levada para muito longe, e lá espalhar a doença. Mas este meio de propagação deve ser menos commum.

A estegomia tem o corpo rajado; cria-se e vive nas nossas casas ou na vizinhança dellas. E' muito activa durante o dia, prefere os quartos e salas que não sejam muito claros, gosta da meia escuridão que ha pelos cantos e debaixo das mesas e das secretarias, onde ficam os tornozellos e pernas das pessôas.

Criam-se os mosquitos dentro da agua. As estegomias preferem as aguas limpas: tanques, barris, potes, vazos de flôres, vazos dos cemiterios, culias, pias de agua benta, tinas, latas, e garrafas vazias etc. Portanto, as estegomias não nascem no lixo nem na porcaria; vem das aguas limpas.

A estegomia femea põe os ovos em cima da agua; dois ou tres dias depois, de cada ovo sáe um bichinho chamado larva, ou saltão, que passa a vida na agua. Passada uma semana, e ás vezes mais, a lavra transforma-se numa lympha, ou martello, muito differente da larva. Cerca de quatro dias depois, a casca do martello racha-se pelas costas, e sae uma estegomia perfeita, que fica em cima da agua alguns minutos emquanto as azas e o corpo seccam. Depois, a estegomia vôa para começar a alimentar-se de assucar, mel, sumo das fructas e sangue do homem e dos animaes. Mas é só a femea que chupa sangue; o macho alimenta-se só de succos vegetaes, assucar, etc., e nunca chupa sangue, isto é, não é parasita.

A larva vive na agua; alimenta-se de pequenas plantas e animaes. Não póde respirar debaixo da agua, como os peixes; tem de subir á superficie para obter o ar. Respira por um pequeno tubo existente na cauda. Muda de casca varias vezes.

Um dos modos de distinguir os mosquitos machos das femeas, é pelas antenas que têm grandes plumas no macho e poucas nas femea.

Uma estegomia numa gaiola de tela de arame, com comida e agua á vontade, vive mais ou menos tres mezes; em liberdade, póde ser que viva menos, pois tem muitos inimigos, como sejam aranhas, lagartixas etc.

COMO NOS DEFENDEREMOS DA FEBRE AMARELLA

Podemo-nos proteger da picada dos mosquitos com o mosquiteiro, ou fechando as portas, janellas ou outras aberturas da casa, com tela de arame igual á que se usa pôr nos guarda-comidas. Este systema é um tanto caro, e pede muitos cuidados, para vêr que os mosquitos não entrem para o mosquiteiro ou sala entelada.

Mas o meio mais seguro de nos livrarmos da febre amarella é matando os saltões e os martellos, de onde se geram os mosquitos. E' o que fazem os mata-mosquitos, passando de casa em casa, uma vez por semana, revistando todos os logares da casa e dos terrenos, para verem onde ha agua, e si nella se estão criando saltões e martellos. Cada morador da cidade deve facilitar o serviço dos mata-mosquitos, vendo que em sua casa e quintal não se guardem aguas a não ser as que forem necessarias, e estas mesmas devem ser examinadas e derramadas logo que nellas haja saltões. Se ha grande necessidade da agua, deve ser coada num panno, de modo que a gua passe para outra vazilha, para ser aproveitada, e os saltões fiquem presos no panno, que é bem torcido para esmagai-os e matal-os. Todas as vasilhas de que não

HYGIENISE A SUA BOCCA
COM
PASTA
Oriental
O dentifricio
Ideal

LOPES SA' & C.ia
Acondicionamento
Moderno
Cubanos
Luxuoso e
Hygienico
A MAIS ANTIGA MANUFACTURA DE CIGARROS

FEBRE AMARELLA

(Conclusão)

. . .

ha necessidade, devem ser quebradas ou amassadas, ou emborcadas ou postas na lata do lixo, para que não se encham de agua quando chover.

Nos barris e tanques onde ha sempre agua, póde o morador collocar alguns peixinhos dos que se encontram nas vallas; esses peixinhos comem os saltões e até os proprios mosquitos quando assentam na agua para pôr ovos.

Não basta derramar a agua de uma vasilha para que se fique livre dos saltões que nella se achavam: é preciso lavar e esfregar com uma vassourinha as paredes e o fundo da vazilha. Se despejarmos a panella de agua das gallinhas ou um barril, muitos saltões e martellos ficam presos ás paredes e ao fundo das vazilhas, e quando nellas se derrama nova agua, elles nadam de novo e continuam a viver.

Muitas vezes a dona da casa acha desnecessario que os mata-mosquitos entrem nas salas e quartos porque se trata de uma casa asseiada. Mas na mais limpa sala póde haver saltões, na agua das jarras de flores, e em outros logares onde fica esquecida.

Quando se trata de agua com saltões que não póde ser despejada, como em tanques de cimento, velhas caldeiras etc., o remedio mais empregado para matar saltões é o kerozene, que espalhado em cima da agua, fórma uma capa que impede os saltões de respirar, e os suffoca e envenena.

Outro systema de protecção das aguas contra o mosquito é o fechamento das caixas de agua, sellada a tampa com uma tira de papel com gomma de modo que não fique a menor fresta para entrada ou sahida de mosquito.

Em tempo de epidemia, para beneficio da saúde geral, e para beneficio dos doentes, os donos da casa devem chamar medico para examinar ás pessôas que adoecem com febre, para que este decida se a doença é febre amarella.

Isso é importante para começar cedo não só o tratamento do doente mas tambem os cuidados de isolamento e ainda para evitar que os mosquitos se infeccionem se o caso vier a ser positivo.

Póde ser chamado o medico da familia ou o medico da Saude Publica.

Emquanto não vem o medico, deve-se pôr o doente sob o mosquiteiro.

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

A Sciencia enaltece as qualidades da "ASTRÉA"

O preparado ASTRÉA é de perfeita indicação na hygiene feminina, empregado em lavagens vaginaes.

a) Fernando Magalhães.

O uso do preparado ASTRÉA recommenda-se por suas magnificas qualidades antisepticas e hygienicas.

a) Augusto Brandão Filho.

«ASTRÉA» é um preparado usado em lavagens vaginaes, que eu aconselho vivamente na hygiene da mulher.

a) Oliveira Motta.

ASTRÉA é um dos melhores preparados destinados á toilette das senhoras. Attestando a sua efficiencia subscrevo um acto de justiça.

a) Fernando Vaz.

Caixa Postal 2.577 — S. Paulo

CRIA ROBUSTOS BEBÉS

porque:

GLAXO é tão digestivel, limpo e nutritivo como o leite materno.

GLAXO não tem microbios nocivos e até os recemnascidos o assimilam.

GLAXO é puramente leite, que se dissolve em agua acabada de ferver.

Experimente-o para o seu Bebé.

A Terceira Rusga

DIALOGO

(*Scena*)

Rica sala de jantar. Um moço de sympathica apparencia e uma moça.

— Já reparaste? — diz elle á moça sentada em seus joelhos.

— Em que?

— Dize-me antes, quanto tempo dura vulgarmente uma classica lua de mel?

— Ora, que idéa!...

— Dize-me sempre.

— Dizem que dura tres mezes, não sendo impossivel durar mais.

— Pois bem, já reparaste numa cousa?

— Que mysterio! Em que?

— Em que a nossa já passa tres mezes do prazo commum?!.

— Sim, é verdade, mas...

— ?!

— Mas é tambem verdade que estes tres não foram como os outros, os primeiros.

— Por que? Não temos sido nelles tão felizes?!

— Sim, não nego, mas já se faz preciso que eu me torne mais complacente, mais tolerante; e mesmo assim já nos desaviemos duas vezes.

— Por tua culpa. Aliás, não sejas egoista, eu tambem tenho sido bastante relevador comtigo, fechando os olhos a certas cousas que outros não deixariam passar.

— A certas cousas! Quem te ouvisse falar...

— Quem me ouvisse falar?...

— Quem te ouvisse falar, meu amigo, desse modo, pensaria que eu não sou devidamente sensata, quando na verdade és tu quem transgrides sempre.

— Mas não me dirás que faço eu que mereça o nome de transgressão?

— Ora, é melhor não falarmos nessas cousas!

— Não, ao contrario; já que se apresenta a questão, vamos ponderal-a, visto que tu me accusas de transgressor.

— Não te accuso mesmo de transgressão, mas de negligencia no cumprimento dos teus deveres de marido.

— Vamos, deixa esta detestavel metaphora: vê se te fazes entender.

— Queres entender-me? Pois bem: vamos a vêr se te lembras da causa de nossa primeira rusga?

— Lembro-me. Foi que tu me disseste umas cousas pouco lisonjeiras.

— Ah! Que innocencia! Chegaste em casa ás sete da manhã, amarrotado, tropego.

— E' que estava cansado.

— E, o que é peor, com manchas de "Baton" no rosto... e querias ser recebido por mim, que passei a noite incommodada por tua causa, com beijos e abraços?!

— Não digo isso, mas tambem não era preciso que me chamasses daquella porção de cousas engraçadas, quando...

— Quando já era talvez essa a vigesima proeza que fazias!

— Que exaggero!...

— E' mesmo um exaggero. E dizer que quando eras noivo promettias entre mil juramentos ser sempre o mais perfeito dos maridos...

— Com effeito! Seja, acceito esta injustiça a mais. E foi tambem minha a culpa da segunda rusga? Faze-me o favor de dizer.

— Foi, sim.

— Foi, sim! Com que desempeno dizes isto! E' incrivel! Fui eu então quem vestiu para ir ao theatro um vestido escandalosamente decotado? Ou queres fazer-me crêr que foi por economia que o mandaste fazer assim, parcimoniosamente pobre de panno?

— Ora, ao final de tudo, és o mais timorato dos maridos. Todas se vestem no mesmo theor, e nunca lhes vem por esse caminho aborrecimento algum.

— Tambem todos os maridos têm o direito de divertir-se, sem que por esse caminho lhes venha aborrecimento algum.

— Porque tu és sempre um grande exaggerado, mas de modo que isso não te traga prejuizo: queres que eu vista vestidos do seculo XVII, mas gostas de ficar na rua fazendo o que bem entendes até a hora que te apraz.

— Emfim, a exaggerada és tu; ou falas por metaphora, ou arrasas acintosamente. Não ponhas em mim a culpa que é tua.

— Como? Insistes em dizer que sou eu a culpada? (*E salta dos joelhos do marido*).

— Sim, és tu a culpada de se exgotar a minha paciencia. Escandalizas-me com os teus absurdos, e ainda me fazes culpado por cima, o que é peor (*e accende nervosamente um cigarro*).

— Os meus absurdos! E' inacreditavel, é injurioso, é torpe...

— Basta. Já vens com os teus elogios. Basta.

— Basta? Queres fazer-me calar porque sentes que a razão está commigo? Pois has de saber que...

— Cala-te! Só vês os meus defeitos.

E amaciando a voz, muda de tom.

— Sim, concordo, fui eu quem causou a primeira rusga; mas has de convir que foste tu que causaste a segunda, pois não?

E ella vencida, sorrindo:

— Convenho. E o culpado da terceira?

Elle, rindo:

— Nós, nós dois...

(*Cáe o panno*)

YRACY CARNEIRO.

SAUDADE

Doce tristeza que se sente
ao se lembrar do amigo ausente...
Saudade...

Dôr que confrange a viuva triste
chorando aquelle que não mais existe...
Saudade...

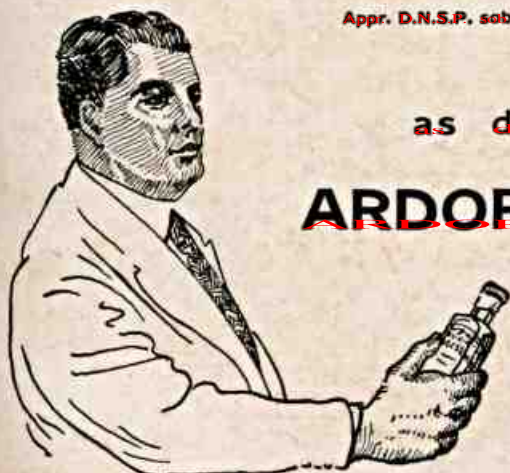
Pranto a alguem que já morreu
a um ente querido que se perdeu...
Saudade...

Desejo louco, irreflectido,
de reavivar um amor
perdido...
Saudade...

....

Saudade,
és o desejo, o pranto, a dôr,
és a tristeza, és tudo emfim...

Mas tu, saudade que sinto em mim,
tu que me fazes soffrer tanto,
e que me enches de pranto
a vida,
tu és tão forte
que só com a morte
serás por outrem comprehendida...

LUIZ DA COSTA AMARAL.

O PADRÃO MUNDIAL

A UNDERWOOD

é escolhida como padrão unico pelas maiores industrias, bancos, repartições publicas, pelos maiores estabelecimentos commerciaes.

É a unica machina que conquistou pelos serviços prestados pela confiança que adquiriu, o titulo de **INVENCIVEL** em todos os compeonatos. É a machina mais resitente, a mais veloz, a mais simples, A MAIS EFFICIENTE ! . . .

UNDERWOOD

Ha mais de 3.000.000 em uso

Unicos agentes

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio. — S. Bento, 35 — S. Paulo.